

**CHUCK PALAHNIUK**

**CLUBBED  
TO DEATH**

**LeYa**

# Ficha Técnica

1996 Copyright © 2012 by Chuck Palahniuk

Todos os direitos reservados.

Tradução para a língua portuguesa © Texto Editores Ltda., 2012

Título original: *Fight Club*

*Direção editorial:* Pascoal Soto

*Editora:* Mariana Rolier

*Produtora editorial:* Sonnini Ruiz

*Preparação de texto:* Entrelinhas Editorial

*Revisão:* Margô Negro

*Ilustração:* Axel Sande

*Capa:* Gabinete de Artes

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Palahniuk, Chuck

Clube da luta / Palahniuk, Chuck ; tradução

Cassius Medauar. -- São Paulo : Leya, 2012.

Título original: *Fight club*

ISBN 9788580445527

1. Ficção – Literatura norte-americana I. Título.

12-01398 CDD-813

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção : Literatura norte-americana 813

Texto Editores Ltda.

(Uma editora do Grupo LeYa)

Rua Desembargador Paulo Passaláqua, 86

01248-010 – Pacaembu – São Paulo – SP

[www.leya.com.br](http://www.leya.com.br)

Para Carol Meader,  
que aguenta todo o meu mau comportamento.

## AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer às seguintes pessoas por todo o amor e apoio, apesar de, bom, vocês sabem, todas as coisas terríveis que aconteceram.

Ina Gebert  
Geoff Pleat  
Mike Keefe  
Michael Vern Smith  
Suzie Vitello  
Tom Spanbauer  
Gerald Howard  
Edward Hibbert  
Gordon Growden  
Dennis Stovall  
Linni Stovall  
Ken Foster  
Monica Drake  
Fred Palahniuk

**TYLER ME ARRANJA** um emprego de garçom, depois o mesmo Tyler está colocando uma arma em minha boca e dizendo que o primeiro passo para a vida eterna é que você tem que morrer. Porém, por muito tempo, Tyler e eu fomos melhores amigos. As pessoas sempre me perguntam se conheço Tyler Durden.

Com o cano da arma encostado no fundo da garganta, Tyler diz:

– Nós não vamos morrer de verdade.

Com a língua posso sentir os buracos silenciadores que fizemos no cano daquela arma. A maior parte do barulho que um tiro produz é resultado da expansão dos gases, e há também o pequeno estrondo sônico que a bala causa por viajar em grande velocidade. Para criar um silenciador, você só precisa fazer buracos no cano da arma, muitos buracos. Isso fará com que o gás escape e diminuirá a velocidade da bala para um valor menor do que da velocidade do som.

Se fizer os buracos de forma errada, a arma explodirá na sua mão.

– Isso não é realmente morrer – Tyler diz. – Seremos uma lenda. Não vamos envelhecer.

Empurro o cano para a bochecha com a língua e digo a Tyler que ele está pensando nos vampiros.

O prédio onde estamos não vai estar mais aqui em dez minutos. Pegue uma medida de vapor de ácido nítrico concentrado a noventa e oito porcento e adicione mais três medidas de ácido sulfúrico. Faça isso em uma banheira de gelo. Depois adicione glicerina com um conta-gotas, uma gota de cada vez. Assim conseguirá nitroglicerina.

Sei disso porque Tyler sabe disso.

Misture a nitro com serragem e terá um belo explosivo plástico. Muita gente mistura a nitro com algodão e adiciona sal de Epsom no lugar do sulfato, isso também funciona. Alguns caras usam parafina misturada com a nitro. Parafina nunca, mas nunca mesmo, funcionou comigo.

Então Tyler e eu estamos no alto do edifício Parker-Morris com a arma enfiada na minha boca e ouvimos um barulho de vidro se quebrando. Olho da beirada do prédio. É um dia nublado, mesmo aqui de cima. Este é o prédio mais alto do mundo e aqui em cima o vento é sempre frio. As coisas são bem silenciosas a uma altura dessas, e a sensação que se tem é de que você é um daqueles macacos enviados para o espaço. Você faz as pequenas coisas que foi treinado a fazer.

Puxe a alavanca.

Aperte o botão.

Você não entende nada daquilo, e então simplesmente morre.

Cento e noventa e um andares de altura, olhando da beirada para a rua lá embaixo você vê uma mancha felpuda de pessoas paradas e olhando para cima. O vidro se quebrando é o de uma janela logo abaixo de nós. Uma janela explode na lateral do prédio e então um arquivo tão grande quanto uma geladeira preta cai. Bem abaixo da gente um arquivo de seis gavetas escorrega da beira do prédio e cai girando devagar, cai ficando pequeno e cai desaparecendo no meio da multidão.

Em algum lugar dos cento e noventa e um andares abaixo de nós, os macacos espaciais da Comissão de Desordem do Projeto Desordem e Destruição correm enlouquecidos tentando destruir cada pedaço da história.

Sabe o velho ditado que diz que você sempre mata aquilo que ama? Bom, veja, a recíproca também é verdadeira.

Com uma arma enfiada na boca e o cano entre os dentes, você só consegue falar com vogais.

Chegamos aos nossos últimos dez minutos.

Outra janela do prédio explode e o vidro se estilhaça e espirra como uma revoada de pombos, então uma mesa de madeira escura empurrada pela Comissão de Desordem surge na lateral do prédio, centímetro por centímetro, até que ela se inclina, desliza e cai girando, transformando-se em um objeto mágico voador perdido na multidão.

O edifício Parker-Morris não estará aqui em nove minutos. Se você pegar uma boa quantidade de gelatina explosiva e a colocar em volta das colunas de sustentação de qualquer coisa, poderá derrubar qualquer prédio do mundo. Só precisa apará-las firmemente com sacos de areia para que a explosão ocorra de encontro às colunas e não em direção ao estacionamento em volta delas.

Esse “faça você mesmo” não está em nenhum livro de história.

Existem três maneiras de fazer napalm: a primeira é misturar partes iguais de gasolina e suco de laranja congelado e concentrado. A segunda é misturar partes iguais de gasolina e coca diet. A terceira é dissolver areia granulada para gatos em gasolina até que a mistura fique grossa.

Quer saber como se faz gás de nervos? Ah, todos aqueles carros-bomba incríveis.

Nove minutos.

O edifício Parker-Morris vai cair, todos os cento e noventa e um andares, devagar como uma árvore caindo na floresta. Madeiiiraaaa! Você pode derrubar qualquer coisa. É estranho pensar que o lugar onde estamos agora será apenas um ponto no céu.

Tyler e eu no topo do prédio, a arma em minha boca, fico pensando no quanto limpa ela está.

Nos esquecemos completamente das manias de assassinato e suicídio de Tyler enquanto assistimos a outro arquivo deslizar pela lateral do prédio e cair, as gavetas se abrirem no ar e pilhas de papéis brancos serem apanhadas por uma corrente de ar e se espalharem no vento.

Oito minutos.

E então vem a fumaça, que começa a sair das janelas quebradas. A equipe de demolição detonará a carga explosiva primária em uns oito minutos. Essa carga primária explodirá a carga da base, as colunas de sustentação ruirão e a série de fotos do edifício Parker-Morris estará em todos os livros de história.

Uma sequência de cinco fotos com passagem de tempo. Aqui temos o prédio inteiro. Na segunda foto ele estará em um ângulo de oitenta graus. Depois setenta e cinco. Com o prédio em um ângulo de quarenta e cinco graus é quando o esqueleto começa a ceder e a torre se curva um pouco sobre ele. Na última foto, a torre e todos os seus cento e noventa e um andares caem sobre o museu nacional, que é o verdadeiro alvo de Tyler.

– Este é o nosso mundo agora, o nosso mundo – Tyler fala –, e essa velharia está morta.

Se eu soubesse como isso acabaria, ficaria mais do que feliz em estar morto e já ter ido para o Paraíso.

Sete minutos.

Estou no alto do edifício Parker-Morris com a arma de Tyler na boca. Enquanto mesas, arquivos, computadores caem como meteoros sobre a multidão em volta do prédio, a fumaça sai pelas janelas quebradas e a três quarteirões daqui a equipe de demolição fica de olho no relógio, tudo o que sei é o seguinte: a arma, a anarquia e a explosão, isso tudo tem a ver com Marla Singer.

Seis minutos.

Temos meio que um triângulo amoroso rolando aqui. Eu quero Tyler. Tyler quer Marla. Marla me quer.

Não quero Marla, e Tyler não me quer mais por perto. Isso não diz respeito a *amor*, como *zelo*. Diz respeito a *propriedade*, como *domínio*.

Sem Marla, Tyler não teria nada.

Cinco minutos.

Talvez nos tornemos uma lenda, talvez não. Eu acho que não, mas espera um pouco.

Onde Jesus estaria se ninguém tivesse escrito os Evangelhos?

Quatro minutos.

Empurro o cano da arma para o lado na boca e digo, você quer ser uma lenda, Tyler, então cara, farei de você uma lenda. Estive aqui desde o princípio.

Me lembro de tudo.

Três minutos.

**OS BRAÇOS ENORMES DE BOB** estão em volta de mim e me segurando firme. Estou sendo apertado no escuro entre as novas tetas suadas dele que são enormes, tão grandes quanto imaginamos que Deus seja. Aquele porão da igreja fica cheio de homens em todas as noites que nos encontramos: esse é o Art, aquele é o Paul e este é o Bob. Os ombros largos dele me fazem pensar no horizonte, e os cabelos loiros espessos são o resultado de um gel que autodenomina musse modelador. E eles são mesmo muito loiros, espessos e com a risca certinha.

Seus braços estão em volta de mim e as palmas das mãos de Bob empurram minha cabeça contra suas novas tetas que brotam de seu peito forte.

– Vai ficar tudo bem – Bob fala. – Pode chorar agora.

Dos meus joelhos até minha testa eu sinto as reações químicas em Bob queimando alimento e oxigênio.

– Talvez tenham tirado tudo cedo o suficiente – Bob continua. – Talvez seja apenas seminoma e, se for isso, você tem quase cem por cento de chance de sobrevivência.

Os ombros de Bob se levantam quando ele respira fundo e então caem, caem e caem em soluções convulsivas.

Venho aqui toda semana há dois anos e, toda semana, Bob me abraça apertado e eu choro.

– Agora chora – Bob fala inspirando e então soluça, soluça e soluça. – Vá em frente e chore.

Aquele rosto enorme e úmido encosta em minha cabeça e me sinto perdido. É assim que sempre acabo chorando. Chorar é o que sobra na escuridão asfixiante de dentro de outra pessoa, quando você vê que tudo o que já conseguiu na vida terminará no lixo.

Tudo que você já teve orgulho será jogado fora.

E me sinto perdido.

Isso é o mais perto que cheguei de dormir em quase uma semana.

Foi assim que conheci Marla Singer.

Bob chora porque teve os testículos retirados seis meses atrás e depois precisou fazer tratamento com hormônios. Ele tem tetas porque sua dose de testosterona é muito alta e, se você aumenta demais o nível desse hormônio, o corpo produz mais estrogênio para balancear.

E é então que eu acabo chorando, porque agora sua vida se reduziu a nada e, pior que nada, caiu no esquecimento.

Com estrogênio demais você ganha uns tetões.

É fácil chorar quando você percebe que todos que ama o rejeitarão ou morrerão. Em uma linha do tempo longa o bastante, a taxa de sobrevivência de todos cairá para zero.

Bob me adora porque acha que meus testículos também foram removidos.

À nossa volta no porão da Trindade Episcopal, com sofás xadrezes de lojas baratas, estão uns vinte homens e apenas uma mulher. Todos se abraçam em pares e a maioria está chorando. Alguns pares se inclinam com a cabeça encostada, orelha com orelha, do mesmo jeito que lutadores de luta romana atracados. O homem que está com a única mulher coloca os cotovelos nos ombros dela, um de cada lado, segura a cabeça entre as mãos e o rosto atrás do pescoço dela e chora. A mulher entorta

o rosto para o lado e pega um cigarro.

Fico olhando por baixo do sovaco do Grande Bob.

– Minha vida toda – Bob fala chorando. – Não sei por que ainda faço alguma coisa.

A única mulher presente aqui no Homens Remanescentes Unidos, o grupo de apoio ao câncer de testículo, fuma seu cigarro sob o fardo de um estranho, mas seus olhos vêm de encontro aos meus.

Falsa.

Falsa.

Falsa.

Cabelos pretos curtos e desgrenhados, olhos grandes iguais aos de um desenho japonês, branca como leite aguado, meio amarelada em seu vestido com desenhos de rosas negras, aquela mulher também estava em meu grupo de apoio à tuberculose na sexta à noite. E na mesa-redonda de melanoma de quarta-feira à noite. Na segunda à noite aparecia no meu grupo de leucemia chamado Crentes Fervorosos. A parte da raiz de seus cabelos é um raio torto de couro cabeludo branco.

Quando você procura esses grupos de apoio, percebe que todos têm nomes um tanto otimistas. O meu grupo das quintas-feiras de parasitas sanguíneos se chama Livres e Limpos.

O grupo que frequento sobre parasitas cerebrais é chamado Para o Alto e Além.

E no sábado à tarde, no Homens Remanescentes Unidos no porão da Trindade Episcopal, aqui está a mesma mulher, de novo.

E o pior é que não consigo chorar com ela olhando.

Esta era minha parte favorita, ser abraçado e chorar sem esperança junto com o Grande Bob. Todo mundo trabalha duro o tempo todo. Este é o único lugar onde eu realmente relaxo e me entrego.

Isto aqui são as minhas férias.

Fui ao meu primeiro grupo de apoio há dois anos, depois de ir ao médico mais uma vez por causa da insônia.

Fazia três semanas que eu não dormia. Três semanas sem dormir e tudo se torna uma experiência extracorpórea.

– Insônia é apenas um sintoma de algo maior – meu médico falou. – Descubra o que está errado de verdade, ouça o seu corpo.

Eu só queria dormir. Queria pequenas cápsulas azuis de amital sódico de duzentos miligramas. Queria as cápsulas vermelhas e azuis de Tuinal, as vermelhas de Seconal.

Meu médico me disse para mascar raiz de valeriana e fazer mais exercícios, eventualmente eu acabaria dormindo.

Do jeito que minha cara caiu, como uma fruta velha e toda machucada, você diria que eu estava morto.

O meu médico disse que, se eu queria ver sofrimento de verdade, devia aparecer na igreja da Primeira Eucaristia em uma terça à noite. Ver os parasitas cerebrais, as doenças degenerativas dos ossos, as disfunções cerebrais orgânicas. Ver as pessoas com câncer se superando.

Então eu fui.

No primeiro grupo que fui havia as apresentações: Esta é Alice, esta é Brenda, este é Dover. Todos sorriem com aquela arma invisível apontada para a cabeça.

Nunca dou meu nome verdadeiro nos grupos de apoio.

A pequena mulher esqueleto chamada Chloe, com a parte de trás da calça pendendo murcha e triste,

me diz que a pior coisa a respeito dos parasitas em seu cérebro é que ninguém quer transar com ela. A garota está tão perto da morte que seu seguro de vida já pagou setenta e cinco mil dólares, mas tudo o que Chloe quer é dar uma última vez. Nada de intimidade, apenas sexo.

O que um cara diz em uma situação dessas? Quer dizer, o que se pode dizer?

Todo esse papo de morte começou com Chloe se sentindo um pouco cansada e agora ela está entediada demais para fazer o tratamento. Filmes pornográficos, sim, ela tem filmes pornográficos no apartamento.

Durante a Revolução Francesa, Chloe me contou, as mulheres que estavam na prisão, as duquesas, baronesas, marquesas e outras dessas davam para qualquer um que ficasse por cima. Chloe respirou perto do meu pescoço. Ficar por cima. Montar mesmo, sabe. Foder para passar o tempo.

*La petite mort*, era como os franceses chamavam.

Chloe tinha filmes pornô se isso me interessasse. Nitrato de amilo. Lubrificantes.

Em uma situação normal eu teria tido uma ereção. Mas a nossa Chloe, infelizmente, é um esqueleto mergulhado em cera amarela.

Mas com a aparência que Chloe tem, não sinto nada. Menos que nada. Mesmo assim o ombro dela encosta no meu quando nos sentamos em círculo na esteira. Fechamos os olhos. É a vez de Chloe nos liderar em uma meditação guiada, e ela nos leva ao jardim da serenidade. Chloe nos diz para subirmos o morro até o palácio das sete portas. Lá dentro encontramos as sete portas, uma verde, uma amarela, uma laranja, e ela nos faz abrir cada uma delas, a azul, a vermelha, a branca, para descobrirmos o que tem lá.

De olhos fechados imaginamos nossa dor como uma bola de luz branca curativa flutuando em volta de nossos pés, subindo até os joelhos, depois cintura e peito. Nossos chacras vão se abrindo. O chacra do coração. O chacra da cabeça. Chloe nos leva a cavernas onde encontramos nossos animais de poder. O meu era um pinguim.

O chão da caverna era coberto por gelo e o pinguim diz para eu deslizar. Sem nenhum esforço, deslizamos por túneis e galerias.

Então chegou a hora do abraço.

Abram os olhos.

Chloe diz que aquilo é um contato físico terapêutico. Deveríamos escolher o nosso parceiro. Ela se joga em cima de mim e chora. Ela tinha lingeries especiais em casa, e chora. Tinha óleos aromáticos e algemas, e chora enquanto olho o ponteiro dos segundos do meu relógio dar onze voltas.

Não chorei no meu primeiro grupo de apoio dois anos atrás. E também não chorei no segundo nem no terceiro. Não chorei por parasitas no sangue, câncer de bexiga ou demência cerebral orgânica.

É assim que as coisas funcionam quanto se tem insônia. Tudo está muito longe, é a cópia da cópia da cópia. A insônia o distancia de tudo, você não consegue tocar em nada e nada consegue tocar em você.

E então surgiu o Bob. Na primeira vez que fui ao câncer de testículo, Bob, o fofão, o grande pão de queijo, veio para cima de mim no Homens Unidos e começou a chorar. O fofão veio lá do outro lado da sala quando era hora de abraçar com os braços soltos e os ombros caídos. Seu grande queixo fofo encostado no peito e os olhos já apertados e cheios de lágrimas. Arrastando os pés, joelhos encostados em passos invisíveis, Bob desliza pelo chão do porão para se atirar em mim.

Bob me amassou como uma panqueca.

Com grandes braços me envolvendo.

Bob era usuário de anabolizantes e ele mesmo me contou. Passou muito tempo tomando coquetéis de Dianabol e depois Winstrol, que era um esteroide para cavalos de corrida. Ele tinha uma academia. Havia sido casado três vezes. E fazia promoção de produtos, será que eu já tinha visto ele na televisão alguma vez? Aquele programa de exercícios de como expandir os peitorais praticamente tinha sido inventado por ele.

Estranhos com esse nível de honestidade me dão uma grande brochada, se é que você me entende.

Bob não entendia. Talvez porque apenas um de seus *huevos* tenha descido, e ele sabia que aquilo era um fator de risco. Bob me contou a respeito da terapia hormonal pós-operatória.

Muitos fisiculturistas que aplicavam testosterona demais ficavam com o que eles chamam de tetões.

Tive que perguntar a Bob o que ele quis dizer com *huevos*.

*Huevos*, ele falou. Gônadas. Bolas. Saco. No México, onde se compram esses esteroides, eles chamam de “ovos”.

Divórcio, divórcio e outro divórcio, Bob disse, e me mostrou uma foto sua na carteira, enorme e aparentemente nu, em uma pose para um concurso. É um jeito estúpido de viver, ele me falou, mas quando você está bombado e depilado em cima do palco, completamente seco com a gordura corporal em dois por cento e os diuréticos o deixando frio e duro como concreto, você fica cego por causa das luzes e surdo por causa da microfonia do sistema de som até que os juízes ordenam:

- Estenda o quadríceps, flexione e segure.
- Estenda o braço esquerdo, flexione o bíceps e segure.

É melhor que a vida real.

Mas é o que leva você direto para o câncer, ele completa. Depois Bob faliu. Ele tinha dois filhos crescidos que não retornavam suas ligações.

A cura para os tetões era fazer um corte embaixo dos peitorais e drenar o fluido.

Isso é tudo de que me lembro porque depois Bob estava me apertando em seus braços e abaixando a cabeça para me cobrir. Então fiquei perdido no esquecimento, escuro, silencioso e completo esquecimento, e quando finalmente me afastei de seu peito macio, na camiseta de Bob havia uma máscara molhada de como eu ficava quando chorava.

Isso tudo aconteceu há dois anos na minha primeira noite com os Homens Remanescentes Unidos.

Em quase todos os encontros desde então, o Grande Bob me fez chorar.

Nunca mais voltei ao médico. Nunca mais masquei a raiz de valeriana.

Aquilo era liberdade. Perder todas as esperanças era libertador. Se eu não dissesse nada, as pessoas do grupo sempre supunham o pior e choravam mais. Eu chorava mais. Olhe para as estrelas e desapareça.

Ao caminhar para casa depois de ir a um grupo de apoio eu me sentia mais vivo do que nunca. Não tinha câncer ou parasitas no sangue. Eu era o pequeno centro de calor à volta do qual a vida se reunia.

E então eu dormia. Nem os bebês dormiam tão bem quanto eu.

Toda noite eu morria, e toda noite eu nascia.

Ressuscitava.

Até esta noite. Dois anos de sucesso até esta noite, pois não consigo chorar com essa mulher me observando. Se não consigo chegar ao fundo do poço, não posso ser salvo. Mordo tanto a parte de dentro da boca que minha língua acha que tem papel picado lá. Não durmo há quatro dias.

Com ela me olhando, sou apenas um mentiroso. Ela é falsa. Ela é a mentirosa. Na hora das apresentações desta noite todos falamos: Sou o Bob, sou o Paul, sou o Terry, sou o David.

Nunca digo meu nome verdadeiro.

– Aqui é o câncer? – ela perguntou.

E então continuou:

– Bom, olá, sou Marla Singer.

Ninguém respondeu para ela que tipo de câncer era. Estávamos todos preocupados em embalar a criança interior dentro de nós.

Com o homem ainda chorando no pescoço, Marla dá outra tragada no cigarro.

Eu a observo por entre os peitos trêmulos de Bob.

Para Marla eu sou um farsante. Desde a segunda noite que a vi não consegui mais dormir. Ainda assim, eu fui o primeiro farsante, a menos que todas essas pessoas estejam fingindo com suas lesões e tosses e tumores, quem sabe até mesmo o Grande Bob, o grande pão de queijo. O Fofão.

Dá só uma olhada nos cabelos esculpidos dele.

Marla fuma e vira os olhos agora.

Naquele momento a mentira dela reflete a minha, e tudo o que consigo ver são as mentiras, bem no meio de todas as verdades deles. Todos se abraçando e se arriscando a contar seus piores medos, que a morte de todos está próxima e que o cano da arma está encostado no fundo da garganta deles. Bom, Marla fuma e vira os olhos, e eu estou enterrado embaixo de um tapete soluçando, e de repente até a morte e o estar morrendo perdem importância do mesmo jeito que flores de plástico em um vídeo.

– Bob, você está me esmagando. – Tento sussurrar, mas não consigo. – Bob. – Tento manter a voz baixa, mas acabo gritando. – Bob, tenho que ir ao banheiro.

Tem um espelho sobre a pia do banheiro. Se o padrão se repetir, verei Marla Singer no Para o Alto e Além, o grupo de parasitas cerebrais. Marla estará lá. É claro que estará, e o que devo fazer é me sentar ao lado dela. E depois da apresentação e da meditação guiada, das sete portas do palácio, da bola de luz branca curativa, depois que abrirmos os chacras e chegar a hora do abraço, eu pegarei aquela vadia.

Ela com os braços apertados contra o próprio corpo e, com meus lábios encostados em sua orelha, direi: Marla, sua grande mentirosa, vá embora daqui.

Esta é a única coisa real em minha vida e você está estragando tudo.

Sua grande turista.

Da próxima vez que nos encontrarmos, direi a Marla que não consigo dormir com ela aqui. Eu preciso disso. Vá embora daqui.

## VOCÊ ACORDA NO AEROPORTO Air Harbor Internacional.

A cada decolagem e descida, quando o avião se inclina muito para um dos lados, eu rezo por um acidente. Aquele momento cura a minha insônia com a narcolepsia, quando poderemos morrer indefesos como se fôssemos tabacos humanos colocados dentro da fuselagem.

Foi assim que conheci Tyler Durden.

Você acorda no O'Hare.

Você acorda no LaGuardia.

Você acorda no Logan.

Tyler trabalhava meio período como projecionista em um cinema. Por causa de sua natureza, ele só conseguia trabalhar à noite. Se um projecionista ficasse doente, o sindicato chamava Tyler.

Algumas pessoas são noturnas, outras são diurnas. Eu só consigo trabalhar de dia.

Você acorda em Dulles.

O seguro de vida paga o triplo se você morrer em uma viagem de negócios. Rezo por uma tesoura de vento. Rezo para que pelicanos sejam sugados pelas turbinas e por raios e gelo nas asas. Na decolagem, quando o avião acelera pela pista com os flaps para cima, as poltronas estão na posição horizontal, as bandejas fechadas e todas as nossas bagagens de mão guardadas no compartimento superior, quando o fim da pista corre para nos encontrar com nossos cigarros apagados, eu rezo por um acidente.

Você acorda no Love Field.

Na cabine de projeção, Tyler fazia a troca de rolos de filmes se o cinema é daqueles antigos. Na troca você tem dois projetores na sala, e é usado um por vez.

Sei disso porque Tyler sabe disso.

O segundo projetor é preparado com o próximo rolo do filme. A maioria deles tem seis ou sete rolos pequenos de filme para serem rodados na ordem correta. Nos novos cinemas todos os rolos são emendados em um só rolo de uns dois metros, assim você não precisa de dois projetores nem das trocas, ir de um projetor para o outro, rolo um, trocar, rolo dois no outro projetor, trocar rolo três no primeiro projetor novamente.

Trocar.

Você acorda no SeaTac.

Estudo as pessoas do cartão laminado da companhia aérea que fica na poltrona. Uma mulher flutua no oceano com os cabelos castanhos ao vento e o assento de sua poltrona abraçado contra o peito. Os olhos estão arregalados, mas ela não sorri nem faz careta. Em outra imagem, pessoas calmas como vacas hindus esticam as mãos para pegar as máscaras de oxigênio caindo do teto.

Deve ser uma emergência.

Oh.

Perdemos a pressão na cabine.

Oh.

Você acorda e está em Willow Run.

Cinema antigo, cinema novo, para poder mandar um filme para o próximo cinema, Tyler tem que cortar o filme nos seis ou sete rolos originais. Então coloca os pequenos rolos em maletas de aço hexagonais, cada uma delas com uma alça no topo. Levante uma delas e você desloca o ombro. Sim, elas são muito pesadas.

Tyler é garçom em um restaurante de um hotel no centro e também é projecionista do sindicato dos operadores de projetor de cinema. Não sei dizer há quanto tempo Tyler estava trabalhando naquelas noites que eu não conseguia dormir.

Nos cinemas antigos que passam um filme usando dois projetores, o projecionista precisa ficar lá para trocar os aparelhos no momento exato para que o público não veja a quebra entre o fim de um rolo e o começo do outro. Você precisa prestar atenção às bolinhas brancas no canto direito alto da tela. Esse é o aviso. Assista ao filme e verá duas bolinhas brancas no fim de um rolo.

“Buracos de cigarro” é como são chamados no meio cinematográfico.

A primeira bolinha branca é o aviso de dois minutos. É quando você liga o segundo projetor para ele ir acelerando até a velocidade necessária.

O segundo ponto branco é o aviso de cinco segundos. Emoção. Você está parado entre os dois projetores e a sala de projeção está fervendo por causa das lâmpadas de xenônio que o cegarão se olhar diretamente para elas. A primeira bolinha pisca na tela. O som do filme sai de uma caixa grande na parte de trás da tela. A cabine de projeção é à prova de som por causa da barulheira que a roda dentada faz ao abocanhar o filme que passa pela lente a cerca de dois metros por segundo, trinta e dois quadros por metro, sessenta quadros por segundo, praticamente como se fossem tiros de metralhadora. Os dois projetores estão rodando e você, parado entre eles, segurando as alavancas dos obturadores de cada um. Nos projetores bem antigos existe um alarme no eixo do rolo de alimentação.

Mesmo quando os filmes são exibidos na TV os pontinhos brancos continuarão lá, e também quando no avião.

Quando a maior parte do filme já está no rolo receptor, ele vai girar mais devagar, enquanto o rolo alimentador deverá girar mais rápido. Quando um rolo alimentador chega ao final, estará rodando tão rápido que o alarme começará a tocar para avisá-lo que está chegando a hora da troca.

A escuridão é muito quente por causa das lâmpadas dentro dos projetores, e o alarme está tocando. Você está parado entre os dois projetores segurando as alavancas e observando o canto da tela. A segunda bolinha pisca. Conte até cinco. Feche um obturador e abra o outro ao mesmo tempo.

Troca feita.

O filme continua.

Ninguém na plateia tem ideia do que aconteceu.

Como tem um alarme no rolo alimentador, o projecionista pode tirar uma soneca. Ele acaba fazendo muitas coisas que não deveria fazer. Não é todo projetor que tem alarme. Em casa, às vezes você acorda na cama, aterrorizado, achando que dormiu na sala de projeção e perdeu a troca. O público estaria xingando você, a magia do filme deles estaria arruinada e o gerente ligaria para o sindicato.

Você acorda no Krissy Field.

O charme de viajar é que a todos os lugares que vou eu acabo encontrando a vida em miniatura. No hotel encontro minissabonete, minixampu, minimanteiga, minienxaguante bucal e uma escova de dentes descartável. Apertado em sua poltrona da classe econômica é como se você fosse um gigante.

O problema é que seus ombros são grandes demais. Suas pernas de Alice no País das Maravilhas de repente são tão compridas que encostam nos pés da pessoa da frente. O jantar chega e é um kit miniatura de “faça você mesmo” de frango *cordon bleu*, tipo um quebra-cabeça para manter você entretido.

O piloto acendeu o aviso de apertar o cinto de segurança, e teremos que pedir que fique sentado e não ande pela cabine.

Você acorda em Meigs Field.

Às vezes Tyler acorda no escuro aterrorizado por ter perdido uma troca, o filme ter estourado ou ele ter escorregado um pouco o projetor o suficiente para que os dentes da roda façam uma linha de furos na trilha sonora.

Depois que um filme começa a ser comido pelos dentes, a luz das lâmpadas ilumina a trilha sonora, mas, em vez das falas, você acaba atingido pelo som de um helicóptero a cada vez que um pouco de luz escapa pelo furo.

Outra coisa que um projecionista não deve fazer: Tyler faz slides dos melhores quadros de um filme. O primeiro nu frontal que as pessoas se lembram foi da atriz Angie Dickinson.

Quando uma cópia do filme finalmente foi enviada da costa leste para aos cinemas da costa oeste dos Estados Unidos, já não havia mais a cena de nudez. Um projecionista tirou um quadro, outro tirou outro quadro, todos queriam um slide da Angie Dickinson nua. Os filmes pornôs chegaram aos cinemas e alguns dos projecionistas fizeram coleções que se tornaram épicas.

Você acorda no Boeing Field.

Você acorda no LAX.

Temos um voo bem vazio esta noite, então sinta-se à vontade para levantar os encostos de braço e se deitar. Então você vira de um lado, vira do outro, dobra os joelhos, a cintura e os cotovelos e se estica em três ou quatro poltronas. Arrumo o relógio para duas horas mais cedo ou três mais tarde, fuso horário do Pacífico, Montanha, Central ou do Leste, perco uma hora, ganho uma hora.

Esta é a sua vida e ela está acabando, um minuto por vez.

Você acorda no Cleveland Hopkins.

Você acorda no SeaTac, de novo.

Você é um projecionista, está cansado e nervoso, porém, mais do que isso, está entediado, então começa pegando apenas um quadro de um filme pornográfico guardado por outro projecionista naquela cabine e então emenda o quadro que pode ser um pênis vermelho e ereto ou uma vagina aberta e molhada em algum filme.

Esta é uma daquelas aventuras de animais na qual um cão e um gato são deixados para trás por uma família que vai viajar e precisam achar o caminho de casa. No terceiro rolo, logo após o cão e o gato, que têm vozes humanas e conversam um com o outro, comerem algo do lixo, há um flash de uma ereção.

Tyler faz isso.

Um quadro em um filme aparece na tela apenas 1/60 de segundo. Pegue um segundo e divida em sessenta partes iguais e é só em uma dessas partes que a ereção aparece, erguendo-se sobre a plateia fã de pipoca como um prédio de quatro andares, vermelho e terrível, mas ninguém o vê.

Você acorda em Logan outra vez.

Esse é um jeito horrível de viajar. Vou a reuniões que meu chefe não quer ir. Faço anotações e depois dou um retorno.

Aonde quer que eu vá, será para aplicar a mesma fórmula. Manterei o segredo intacto.

É matemática simples.

É o enunciado de um problema.

Se um carro novo construído pela minha empresa sai de Chicago em direção ao oeste a noventa e cinco quilômetros por hora, o diferencial traseiro trava, o carro bate e pega fogo com todo mundo dentro, minha empresa inicia um recall?

Você pega a população de veículos em uso na região ( $A$ ), multiplica pelo índice provável de defeitos ( $B$ ) e depois multiplica o resultado pela média de custos de um acordo extrajudicial ( $C$ ).

$A$  vezes  $B$  vezes  $C$  é igual a  $X$ . Isso é o que nos custará se não fizermos o recall.

Se  $X$  for maior que o custo do recall, fazemos o recall e ninguém sairá machucado.

Se  $X$  for menor que o custo do recall, então não o faremos.

Em todos os lugares a que vou há uma carcaça de um carro queimado me esperando. Sei onde estão todos os esqueletos escondidos. Considero isso a estabilidade do meu emprego.

Horas em um hotel e comida de restaurante. Em todos os lugares a que vou acabo fazendo pequenas amizades com as pessoas que se sentam ao meu lado seja de Logan para Krissy ou Willow Run.

Sou um coordenador de campanhas de recall, ou pelo menos é o que digo ao novo amigo sentado ao meu lado, mas estou me esforçando para construir uma carreira de lavador de pratos.

Você acorda no O'Hare de novo.

Tyler colocou um pênis em tudo depois daquilo. Normalmente em close, ou então punha uma vagina do tamanho do Grand Canyon, a uma altura de quatro andares contorcendo-se com a pressão sanguínea enquanto a Cinderela dançava com o Príncipe Encantado e as pessoas assistiam. Ninguém reclamava. As pessoas comiam e bebiam, mas a noite não era igual. Algumas passavam mal, começavam a chorar e não sabiam por quê. Só um beija-flor poderia ter pegado Tyler com a mão na massa.

Você acorda no JFK.

Eu me derreto e depois dilato naquele momento da aterrissagem em que as rodas acertam a pista, mas o avião fica meio inclinado para o lado e tenta decidir se vai se acertar ou rodar. Nada mais importa naquele momento. Olhe para as estrelas e desapareça. Nada de malas. Nada mais importa. Nada de mau hálito. Você vê a escuridão lá fora através das janelas e as turbinas roncam alto lá atrás. A cabine está em um ângulo errado em relação ao ronco das turbinas e você nunca mais terá de preencher um formulário de reembolso ou pedir recibo de coisas que custem mais do que vinte e cinco dólares. Nunca mais terá de cortar o cabelo.

Outro tranco e a segunda roda toca o asfalto da pista. Então vem o som de cem cintos de segurança sendo abertos e o seu amigo descartável ao lado de quem você quase morreu diz:

– Espero que não perca sua conexão.

É, eu também espero.

Esta é a duração daquele seu momento. E a vida segue.

E de alguma forma, por acaso, Tyler e eu nos conhecemos.

Era hora de tirar umas férias.

Você acorda no LAX.

De novo.

Conheci Tyler quando fui a uma praia de nudismo. Era bem no final do verão, e eu estava dormindo. Tyler estava nu, suado, coberto de areia e com os cabelos molhados e caindo no rosto.

Tyler andava por lá bem antes de nos conhecermos.

Ele estava tirando troncos de madeira da água e os arrastando até a praia. Na areia molhada, Tyler já tinha feito um semicírculo de troncos colocados a apenas alguns centímetros um do outro na altura de seus olhos. Havia quatro troncos e, quando acordei, vi Tyler trazer o quinto pela praia, cavar um buraco para uma das extremidades, levantar a outra até que o tronco deslizasse para dentro do buraco e ficasse ali em pé, formando um pequeno ângulo.

Você acorda na praia.

Éramos as únicas pessoas na praia.

Com um graveto, Tyler fez uma linha reta na areia a alguns metros de distância e depois voltou até o tronco para acertar sua posição colocando areia no buraco e em volta da base.

Eu era a única pessoa assistindo aquilo.

Tyler gritou:

– Sabe que horas são?

Sempre uso um relógio.

– Sabe que horas são?

Onde, pergunto.

– Aqui mesmo – ele responde. – Agora.

Eram dezesseis hora e seis minutos.

Depois de um tempo Tyler se senta de pernas cruzadas à sombra dos troncos levantados, fica ali alguns minutos, levanta-se e vai nadar, depois veste uma camiseta, calça de moletom e começa a ir embora. Eu tive que perguntar.

Tinha que saber o que Tyler estava fazendo enquanto eu dormia.

Se eu podia acordar em um lugar diferente em uma hora diferente, será que podia acordar como uma pessoa diferente?

Perguntei se Tyler era artista.

Ele deu de ombros e me mostrou como os cinco troncos eram mais grossos na base. Depois mostrou a linha que tinha riscado na areia e como a usava para medir a sombra feita por cada um dos troncos.

Às vezes você acorda e precisa perguntar onde está.

O que Tyler tinha criado era a sombra de uma mão gigante, mas agora os dedos estavam do tamanho dos de Nosferatu e o polegar era pequeno demais, mas ele falou que às dezesseis horas e trinta minutos em ponto a mão ficaria perfeita. A sombra da mão gigante ficou perfeita durante um minuto e, durante um minuto perfeito, Tyler se sentou na palma de algo perfeito que ele mesmo havia criado.

Você acorda e não está em lugar algum.

Um minuto era o suficiente, Tyler falou, a pessoa tinha de trabalhar duro para fazer aquilo, mas um minuto de perfeição valia o esforço. Um momento era o máximo que você poderia esperar de algo perfeito.

Você acorda e é o suficiente.

Seu nome era Tyler Durden e ele era projecionista do sindicato, garçom de um hotel no centro, e ele me deu seu número de telefone.

E foi assim que nos conhecemos.

**TODAS AS PESSOAS DE SEMPRE** dos parasitas cerebrais estão aqui esta noite. O Para o Alto e Além sempre tem uma grande frequência. Este é o Peter. Este é o Aldo. Esta é a Marcy.

Olá.

As apresentações, gente, esta é a Marla Singer e é a primeira vez dela conosco.

Oi Marla.

No Para o Alto e Além nós começamos com o “Como Você Está?”. O grupo não se chama Parasitas do Cérebro Parasitado. Você nunca ouvirá ninguém dizer a palavra “parasita”. Todos estão sempre melhorando. Ah, esse medicamento novo é ótimo. Todos sempre acabaram de passar do ponto crítico. Mesmo assim, por todos os lados se veem os olhos apertados de uma dor de cabeça de cinco dias. Uma mulher seca lágrimas involuntárias. Todos têm etiquetas com o nome, e pessoas que você encontra todas as terças-feiras há um ano, quando vêm até você, apertam sua mão e olham o nome em sua etiqueta.

Acho que ainda não nos conhecemos.

Ninguém nunca dirá *parasita*. Eles sempre dizem *agente*.

Eles não dizem *cura*. Eles dirão *tratamento*.

No momento “Como Você Está”, alguém dirá como o agente se espalhou até sua coluna vertebral e de repente ele não tinha mais controle da mão esquerda. O agente, alguém dirá, fez o seu cérebro inchar, encostar algumas vezes no crânio e isso começou a causar convulsões.

Na última vez que estive aqui a mulher chamada Chloe anunciou a única boa notícia que tinha. Ela levantou apoiando-se nos braços da cadeira de madeira e disse que não tinha mais medo de morrer.

Esta noite, depois das apresentações e do “Como Você Está”, uma garota que não conheço chamada Glenda em sua etiqueta diz que é irmã de Chloe, e que às duas horas da manhã da última terça Chloe finalmente havia morrido.

Ah, isso deveria ser demais. Chloe vinha chorando em meus braços havia dois anos durante a hora do abraço e agora estava morta, morta embaixo da terra, em uma urna, mausoléu, columbário. Oh, é a prova de que um dia você está pensando e andando por aí, e no outro virou um fertilizante frio e comida de minhoca. Esse é o incrível milagre da morte e deveria ser demais se não fosse por, hã... ela.

Marla.

Ah, e Marla está olhando de novo para mim, o destaque em meio a todos aqueles parasitas cerebrais.

Mentirosa.

Fingida.

Marla é uma farsante. Você é uma farsa. Todos por aqui estremecem ou se contorcem, caem no chão uivando e então suas calças ficam molhadas na virilha, mas, bom, isso é só uma grande encenação.

A meditação guiada de repente não me leva a lugar algum esta noite. Atrás de cada uma das sete portas do palácio, da verde, da laranja, está Marla. Abro a azul e Marla está ali parada. Mentirosa. Na meditação guiada através da caverna do meu animal de poder, o meu animal é Marla. Fumando

seu cigarro e virando os olhos, Marla. Mentirosa. Cabelos pretos e lábios franceses carnudos. Falsa. Lábios de sofá de couro italiano. Não dá para escapar.

Chloe era um artigo genuíno.

Ela era o que o esqueleto de Joni Mitchell pareceria se você a fizesse sorrir e caminhar em uma festa sendo extremamente gentil com todo mundo. Imagine agora o sociável esqueleto de Chloe do tamanho de um inseto correndo pelas abóbadas e galerias de suas vísceras às duas da manhã. O pulso dela é uma sirenita muito alta anunciando: prepare-se para a morte em dez, nove, oito segundos. Sua morte começará em sete, seis...

À noite, Chloe corre pelo labirinto de suas próprias veias entrando em colapso e de seus tubos destruídos derramando linfa quente. Nervos emergem na pele como se fossem fios e arames. Abcessos irrompem por toda a sua pele como pérolas brancas e quentes.

Os alto-falantes anunciam: preparar para evacuar os intestinos em dez, nove, oito, sete.

Preparar para evacuar a alma em dez, nove, oito.

Ela patina no fluido renal dos rins inoperantes que já chega à altura dos tornozelos.

A morte começará em cinco.

Cinco, quatro.

Quatro.

À sua volta, borrifos de vida parasitária pintam seu coração.

Quatro, três.

Três, dois.

Chloe escala devagar, uma mão de cada vez, subindo pelas paredes necrosadas de sua garganta.

A morte começará em três, dois.

O luar brilha em sua boca aberta.

Prepare-se para seu último suspiro, agora.

Evacuar.

Agora.

A alma sai do corpo.

Agora.

A morte começa.

Agora.

Ah, que doce, a lembrança do corpo quente de Chloe em meus braços e Chloe já está morta em algum lugar.

Mas não, estou sendo vigiado por Marla.

Na meditação guiada, abro os braços para receber minha criança interior, e a criança é Marla fumando seu cigarro. Nada de bola de luz branca curativa. Mentirosa. Nada de chakras. Imagine seus chakras abrindo-se como flores e no centro de cada um deles uma explosão em câmera lenta de uma linda luz.

Mentirosa.

Meus chakras continuam fechados.

Quando a meditação acaba, todos estão se esticando, virando a cabeça para os lados e ajudando uns aos outros a se levantar, preparando-se para o que vem a seguir. O contato físico terapêutico. Para o abraço, atravesso a sala em três passos e fico diante de Marla, que olha para mim enquanto eu olho para todos os outros esperando o sinal.

Vamos todos abraçar alguém que está perto.

Meus braços envolvem Marla.

Escolha alguém especial para você esta noite.

As mãos de cigarro de Marla estão na cintura dela.

Diga a essa pessoa como você se sente.

Marla não tem câncer testicular. Marla não tem tuberculose. Ela não está morrendo. Tudo bem que naquela filosofia cabeça estamos todos morrendo, mas Marla não está morrendo do mesmo jeito que Chloe estava.

Então vem o próximo sinal: abra-se.

Então, o que acha disso agora, Marla?

Abra-se completamente.

Então, Marla, sai fora. Sai fora. Sai fora.

Vá em frente e chore se precisar.

Marla me encara. Seus olhos são castanhos. As orelhas são furadas, mas não têm brincos. Seus lábios rachados estão cobertos com pele morta.

Vá em frente e chore.

– Você também não está morrendo – Marla fala.

À nossa volta os pares soluçam abraçados uns aos outros.

– Se você falar de mim, eu falo de você – Marla continua.

Então eu digo que podemos dividir a semana. Marla pode ficar com as doenças ósseas, parasitas cerebrais e tuberculose. Eu fico com câncer de testículo, parasitas no sangue e demência cerebral orgânica.

– E os cânceres intestinais? – ela pergunta.

Essa garota fez bem o dever de casa.

Podemos dividir o câncer do intestino. Ela pode ficar com o primeiro e o terceiro domingo do mês.

– Não – Marla responde. Ela quer tudo, os cânceres, os parasitas. Seus olhos se estreitam. Ela nunca sonhou que poderia se sentir tão bem. Ela conseguia se sentir realmente viva. Sua pele estava ficando mais macia. Marla nunca tinha visto uma pessoa morta. Não havia um sentido real na vida porque não tinha nada com o que comparar. Ah, mas agora havia gente morrendo, morte, perda e sofrimento. Choro e estremecimento, terror e remorso. Agora que sabia para onde todos estávamos indo, Marla sentia cada momento da vida.

Não, ela não sairia de nenhum grupo.

– Não quero voltar ao que era minha vida antes – Marla diz. – Costumava trabalhar em uma funerária para poder me sentir bem comigo mesma, apenas por estar respirando. Não ligava de não conseguir um trabalho na minha área.

Então volte para a casa funerária, eu falo.

– Funerais não são nada comparados a isto – ela responde. – Os funerais são apenas uma cerimônia abstrata. Aqui temos uma verdadeira experiência de morte.

As duplas à nossa volta estão secando suas lágrimas, fungando, dando tapinhas nos ombros uns dos outros e se separando.

Eu digo a ela que não podemos vir aqui juntos.

– Então não venha.

Preciso disso.

– Então comece a ir a funerais.

Todos os outros já se separaram e estão dando as mãos para a prece final. Solto Marla.

– Há quanto tempo você vem aqui?

A prece final.

Dois anos.

Um homem no círculo da prece pega minha mão. Outro dá a mão para Marla.

As preces começam, e normalmente estou ofegante. Oh, nos abençoe. Oh, nos abençoe em nossos momentos de raiva e medo.

– Dois anos? – Marla deita a cabeça de lado para sussurrar.

Oh, nos abençoe e nos proteja.

Qualquer um que tenha me visto nesses dois anos ou morreu ou se recuperou e nunca mais voltou.

Nos ajude, nos ajude.

– Tudo bem – Marla concede. – Tudo bem, você pode ficar com o câncer nos testículos.

O Grande Bob, o grande pão de queijo, chorando em cima de mim. Obrigado.

Leve-nos ao nosso destino. Dê-nos paz.

– De nada.

Foi assim que conheci Marla.

## O CARA DA EQUIPE de segurança me explicou tudo.

Os carregadores de malas podem não perceber uma mala que faz tique-taque. O cara da segurança chamou os carregadores de Jogadores. As bombas modernas não fazem tique-taque. Mas uma mala que vibra obriga os carregadores, os Jogadores, a chamar a polícia.

Acabei indo morar com o Tyler exatamente porque a maioria das companhias aéreas tem essa política com malas que vibram.

Em meu voo voltando de Dulles eu trazia tudo em uma mala. Quando você viaja muito, aprende a levar sempre as mesmas coisas. Seis camisas brancas. Duas calças pretas. O mínimo que precisa para sobreviver.

Um relógio de viagem com alarme.

Barbeador elétrico sem fio.

Escova de dentes.

Seis cuecas.

Seis pares de meias pretas.

Acontece que minha mala estava vibrando na hora de decolarmos de Dulles, disse-me o cara da segurança, então a polícia a tirou do avião. Eu tinha tudo naquela mala. As coisas da minha lente de contato. Uma gravata vermelha com listras azuis. Uma gravata azul com listras vermelhas. E eram listras regimentais, não listras de clube. E ainda uma gravata toda vermelha.

Eu costumava ter uma lista com todas essas coisas na porta do meu quarto em casa.

A minha casa era um apartamento no décimo quinto andar de um grande arranha-céu, um tipo de grande arquivo de viúvas e jovens profissionais. O folheto de vendas prometia piso, teto e paredes com quarenta centímetros de concreto entre mim e qualquer aparelho de som ou uma televisão ligada. Quarenta centímetros de concreto e ar-condicionado e você não pode abrir as janelas, então, apesar do carpete de madeira e dos interruptores com *dimmer*, todos os dezessete andares hermeticamente fechados cheiravam a última comida que você cozinhou ou a sua última visita ao banheiro.

E ainda tinha um belo balcão de madeira maciça na cozinha e luzes econômicas.

Ainda assim, quarenta centímetros de concreto são bem importantes quando sua vizinha deixa acabar a bateria do seu aparelho auditivo e precisa assistir a seus programas de auditório no último volume. Ou então quando acontece uma explosão vulcânica causada por gás e os destroços do que costumava ser sua sala de estar e seus objetos pessoais são lançados em um jato de fogo pela lateral do prédio destruindo apenas o seu apartamento, só o seu, deixando apenas um buraco queimado na parede do edifício.

Mas essas coisas acontecem.

E tudo, incluindo seu jogo de pratos verdes de vidros soprados um a um, com pequenas bolhas, imperfeições e pequenos pedaços de areia, que são a prova de que foram feitos pelos aborígenes honestos, simples e trabalhadores de algum lugar, bom, esses pratos são destruídos pela explosão.

Imagine as cortinas que iam do teto ao chão se queimando e voando aos pedaços no vento quente.

Quinze andares acima da cidade todas as coisas descem em chamas despedaçando-se e

estilhaçando-se sobre os carros.

Já eu, enquanto vou para o oeste, dormindo a 0,83 Mach de velocidade ou setecentos e trinta quilômetros por hora, o que é uma bela velocidade aérea, o FBI e seu esquadrão antibombas estão examinando minha mala em uma das pistas vazias do aeroporto de Dulles. Nove em dez vezes, me diz o cara da segurança, a vibração é apenas um barbeador elétrico, o que era o meu caso. Uma em dez é um vibrador.

O cara da força de segurança me disse tudo isso quando cheguei ao meu destino, sem minha mala, quando estava prestes a pegar um táxi para casa e descobrir que meus lençóis de flanela estavam destroçados na rua.

Imagine o cara da força de segurança dizendo a um passageiro que está chegando que sua mala ficou na costa leste por causa de um vibrador. Às vezes até são passageiros homens. Mas é política das empresas aéreas não sugerir a propriedade no caso de um vibrador. Eles usam um artigo indefinido.

Um vibrador.

Nunca o seu vibrador.

Jamais diga que o vibrador, accidentalmente, ligou sozinho.

Um vibrador ligou sozinho e criou uma situação de emergência que exigiu a retirada da mala.

Estava chovendo quando acordei para minha conexão em Stapleton.

Estava chovendo quando acordei com o avião quase pousando em casa.

O último aviso nos pede para, por favor, verificar se nenhum pertence pessoal ficou esquecido nas poltronas. E então quem está anunciando fala meu nome. Por favor, encontre-se com um representante da companhia aérea no portão de desembarque.

Atraso meu relógio em três horas e ainda assim já passou da meia-noite.

Lá estava o representante da companhia aérea no portão e também o cara da força de segurança para dizer que “rá, seu barbeador elétrico fez sua mala ficar em Dulles”. E ele chamava os carregadores de mala de Jogadores. Depois os chamou de Lançadores. Para provar que as coisas sempre podem ser piores, o cara me falou que pelo menos não era um vibrador. Então, talvez por eu ser um cara e ele também, e já ser uma hora da manhã, ou talvez para me fazer rir, ele falou que eles chamavam as aeromoças de Garçonetes Espaciais. Ou Colchões de Ar. O cara parecia estar usando uniforme de piloto, com camisa branca com pequenas dragonas e gravata azul. Minha mala tinha sido liberada e chegaria no dia seguinte.

O segurança pegou meu nome, endereço e número de telefone e então perguntou se eu sabia a diferença entre uma cabine de comando e uma camisinha.

– Só dá para colocar um cabeçudo na camisinha – ele falou.

Usei meus últimos dez dólares para pegar um táxi para casa.

A polícia local também andou fazendo muitas perguntas.

O meu barbeador elétrico, que não era uma bomba, ainda estava a três zonas de fuso horário para trás.

E algo que era uma bomba, provavelmente uma grande bomba, tinha explodido minhas belas mesinhas de centro Njurunda, que tinham formato de yin verde limão e yang laranja, e que se encaixavam em um círculo. Bom, agora elas eram estilhaços.

Meus sofás Haparanda, com capas cor de laranja e design de Erika Pakkari, tinham virado lixo.

E eu não era o único escravo do instinto de transformar o lar em um ninho. As pessoas que conheço

que costumavam ir ao banheiro e levar pornografia agora se sentam na privada com seus catálogos de móveis da IKEA.<sup>1</sup>

Todos nós temos a mesma poltrona Johanneshov com o mesmo padrão Strinne de listras verdes. A minha caiu quinze andares, em chamas, dentro de uma fonte.

Todos nós temos luminárias Rislampa/Har de arame e papel reciclado não desbotável. As minhas são com padrão confete.

Compramos tudo isso sentados na privada.

Um conjunto de facas Alle. Puro aço inoxidável e que vai na lava-louça.

O relógio de parede Vild de aço galvanizado, ah, eu tinha que ter um.

As estantes modulares Klipsch, é claro que sim!

As caixas de chapéu Hemlig? Manda!

A calçada na frente do meu edifício tinha tudo isso destruído e espalhado.

O jogo de cama Mommala desenhado por Tomas Harila e encontrado nas seguintes cores:

Orquídea.

Fúcsia.

Cobalto.

Ébano.

Azeviche.

Casca de ovo ou urze.

Levei a vida toda para comprar tudo isso.

O tampo laqueado lavável das minhas mesinhas de apoio Kalix.

Minhas mesinhas de café Steg.

Você compra móveis. E pensa, este é o último sofá que vou precisar na vida. Você compra o sofá e fica satisfeito durante uns dois anos porque, aconteça o que acontecer, ao menos a parte de ter um sofá já foi resolvida. Depois precisa do aparelho de jantar certo. Depois da cama perfeita. De cortinas. E do tapete.

Então você fica preso em seu belo ninho e as coisas que costumavam ser suas agora mandam em você. Até eu chegar em casa vindo do aeroporto.

O porteiro sai da sombra para me contar que houve um acidente. A polícia esteve aqui e eles fizeram um monte de perguntas.

A polícia acha que pode ter sido o gás. Talvez a chama piloto do fogão tenha se apagado ou uma das bocas tenha ficado ligada, com o gás vazando, então o gás chegou ao teto e preencheu o apartamento de cima a baixo em todos os cômodos. O apartamento tinha cento e cinquenta metros quadrados com um pé-direito alto, então o gás deve ter vazado durante vários dias para encher todos os cômodos. Quando todos estavam tomados, o compressor na base da geladeira ligou.

Detonação instantânea.

As janelas que iam do chão ao teto com batentes de alumínio explodiram, e os sofás, abajures, pratos e jogos de lençóis pegaram fogo, junto com os anuários escolares, diplomas e o telefone. Tudo sendo lançado do décimo quinto andar como uma explosão solar.

Ah não, a geladeira não. Tinha prateleiras cheias com minha coleção de mostardas, algumas granuladas e outras iguais às dos pubs ingleses. Havia catorze tipos diferentes de molhos light para saladas e sete tipos de alcaparras.

Sim, eu sei, era uma casa cheia de condimentos e nenhuma comida de verdade.

O porteiro assoa o nariz e o que sai dele e vai até o lenço é como um arremesso perfeito na luva do apanhador.

Você pode subir até o décimo quinto andar, o porteiro me diz, mas ninguém pode entrar no apartamento. São ordens da polícia. Eles me perguntaram se eu tinha alguma ex-namorada que pudesse ter feito isso, se tinha um inimigo ou conhecia alguém com acesso à dinamite.

– Nem vale a pena subir – o porteiro falou. – A única coisa que sobrou lá foram as paredes de concreto.

A polícia não descartou ser um incêndio criminoso. Ninguém sentiu cheiro de gás. O porteiro franze a sobrancelha. Esse cara vive flertando com as empregadas e as enfermeiras que trabalham nos apartamentos grandes dos andares superiores e que ficavam sentadas nas cadeiras do saguão esperando por carona para casa. Moro aqui há três anos e o porteiro ainda fica sentado lendo sua revista *Ellery Queen* todas as noites enquanto eu tento abrir a porta para entrar carregado de pacotes e sacolas.

Ele levanta a sobrancelha e diz que algumas pessoas vão viajar e deixam uma vela acesa daquelas bem grandes em cima de uma poça de gasolina. Pessoas em dificuldades financeiras fazem esse tipo de coisa. Pessoas que querem sair do buraco.

Peço para usar o telefone do saguão.

– Muitos jovens tentam impressionar o mundo comprando coisas demais – o porteiro falou.

Ligo para Tyler.

O telefone toca na casa alugada de Tyler na Paper street.

Por favor, Tyler, me livre desta roubada.

E o telefone continua chamando.

O porteiro se inclina sobre o meu ombro e diz:

– Muitos jovens não sabem o que querem de verdade.

Preciso que me resgate, Tyler, por favor.

E o telefone chama.

– Os jovens pensam que querem o mundo inteiro.

Me livre das mobílias suecas.

Me livre da arte rebuscada.

E o telefone chama outra vez e Tyler atende.

– Se não sabe o que quer – o porteiro continua –, acaba tendo um monte de coisas que não quer.

Que eu nunca me sinta completo.

Que eu nunca me sinta satisfeito.

Que eu nunca seja perfeito.

Me salve, Tyler, de ser completo e perfeito.

Tyler e eu combinamos de nos encontrar em um bar.

O porteiro me pede um telefone em que a polícia poderá me encontrar. Ainda estava chovendo. Meu Audi ainda estava no estacionamento, mas o tocheiro alógeno Dakapo tinha atravessado o vidro da frente.

Tyler e eu nos encontramos, tomamos várias cervejas e ele diz que sim, eu podia me mudar para a casa dele, mas teria que lhe fazer um favor.

No dia seguinte a minha mala chegaria com o mínimo, seis camisas e seis pares de cuecas.

Lá, bêbado em um bar onde não havia ninguém nos olhando ou ligando para nós, perguntei a Tyler

o que queria que eu fizesse.

Tyler respondeu:

– Quero que me de um soco o mais forte que conseguir.

1. Famosa rede de lojas de móveis com produção em série e preços populares. (N. do T.)

**DEPOIS DE PASSAR DUAS TELAS** da minha apresentação para a Microsoft, sinto o gosto de sangue na boca e tenho que começar a engolir. Meu chefe não conhece o material, mas não podia me deixar fazer a demonstração com o olho roxo e metade da cara inchada dos pontos dentro da bochecha. Mas eles se soltaram e posso senti-los colocando a língua na bochecha. Imagine uma linha de pesca toda enrolada na praia. Eu as imagino como pontos pretos em um cachorro logo após serem dados e continuo engolindo sangue. Meu chefe está fazendo a apresentação usando meu roteiro e estou cuidando do laptop em um canto escuro da sala, projetando os slides.

Quanto mais tento lamber o sangue para limpar a boca, mais meus lábios ficam melados, e, quando as luzes forem acesas, vou me virar para Ellen, Walter, Norbert e Linda, os consultores da Microsoft, e dizer muito obrigado por terem vindo com a boca brilhando do sangue que também estará saindo por entre os dentes.

Você pode engolir mais ou menos meio litro de sangue antes de passar mal.

Amanhã tem clube da luta e eu não vou perder.

Antes da apresentação, Walter da Microsoft sorri com o maxilar de escavadeira mecânica, uma ferramenta de marketing bronzeada como uma batata assada. Depois, com seu anel de sinete, aperta minha mão com a mão suave e macia e diz:

– Não quero nem ver como ficou o outro cara.

A primeira regra do clube da luta é que você não fala sobre o clube da luta.

Digo a Walter que caí.

Eu mesmo causei aquilo.

Antes da apresentação, quando me sento diante do meu chefe e explico a ele onde cada slide está no meu roteiro e a hora certa de passar o vídeo, meu chefe diz:

– Em que tipo de confusão você se mete todo fim de semana?

Respondo que simplesmente não quero morrer sem ter algumas cicatrizes. Não significa mais nada hoje ter um corpo perfeito. Você vê aqueles carros totalmente conservados que parecem ter saído da vitrine de uma loja em 1955 e sempre penso que aquilo é um desperdício.

A segunda regra do clube da luta é que você não fala sobre o clube da luta.

Talvez na hora do almoço o garçom venha até sua mesa com os dois olhos roxos de um panda gigante conquistados no clube da luta do fim de semana, quando você o viu ter a cabeça presa entre o chão de concreto e o joelho de um carregador de uns cem quilos que continuava socando o nariz dele sem parar com batidas surdas que você conseguia ouvir mesmo com toda gritaria, até que o garçom conseguisse recuperar o fôlego e dizer “pare” no meio do sangue espalhado.

Você não diz nada porque o clube da luta só existe entre a hora que o clube da luta começa e a hora que ele termina.

Você viu o garoto que trabalha na copiadora. Há um mês você viu aquele moleque que não consegue se lembrar de arquivar um pedido ou colocar folhas coloridas entre as folhas de cópias, mas que foi um deus por dez minutos quando você o viu tirar o fôlego de um representante de contas com o dobro de seu tamanho, cair sobre ele e socá-lo até que ficasse desacordado e tivesse que

parar. Esta é a terceira regra do clube da luta, quando alguém diz “pare” ou fica desacordado, mesmo que esteja fingindo, a luta acaba. Toda hora você vê aquele garoto, e não pode elogiá-lo pela grande luta que teve.

Apenas duas pessoas lutando. Apenas uma luta por vez. Eles lutam sem camisa e sem sapatos. As lutas duram o quanto tiverem que durar. Estas são as outras regras do clube da luta.

O que as pessoas são no clube da luta não tem nada a ver com o que são no mundo real. Mesmo se você disser ao garoto da copiadora que a luta dele foi incrível, não estará falando com o mesmo homem.

A pessoa que sou no clube da luta não é a mesma que meu chefe conhece.

Depois de uma noite no clube da luta, tudo que existe no mundo real passa a ter menos importância. Nada pode deixá-lo puto. Sua palavra é lei, e, mesmo que outras pessoas quebrem aquela lei ou duvidem dela, ainda assim você não ficará puto.

No mundo real eu sou um coordenador de campanhas de recall que usa camisa e gravata, sentado no escuro com a boca cheia de sangue trocando os slides enquanto meu chefe diz à Microsoft como escolheu aquele tom específico de centáurea azul para usar no ícone.

O primeiro clube da luta foi apenas Tyler e eu trocando socos.

Antes, se eu chegasse em casa nervoso, sabendo que minha vida não estava seguindo o plano de cinco anos que tinha traçado, bastava limpar o apartamento ou dar um trato no carro. Um dia eu morreria sem nenhuma cicatriz, mas teria um belo apartamento e um lindo carro. Muito belo mesmo e também muito lindo, até que a poeira se acumulasse neles ou então o novo dono os pegasse. Nada é estático. Até a *Mona Lisa* está caindo aos pedaços. Desde que o clube da luta começou metade dos meus dentes está mole.

Talvez o autoaperfeiçoamento não seja a resposta.

Tyler nunca conheceu o pai dele.

Talvez a autodestruição seja a resposta.

Tyler e eu ainda vamos juntos ao clube da luta, que fica no porão de um bar depois que ele fecha no sábado à noite, e a cada semana que você vai tem mais gente lá.

Tyler fica embaixo de uma luz bem no meio do porão de concreto escuro, e ele pode ver a luz refletindo em cem pares de olhos no escuro. A primeira coisa que ele grita é:

– A primeira regra do clube da luta é que você não fala sobre o clube da luta.

– A segunda regra do clube da luta é que você não fala sobre o clube da luta – Tyler grita.

Já eu convivi com meu pai por uns seis anos, mas não me lembro de nada. Ele começa uma vida nova com outra família em outra cidade a cada seis anos. Isso não parece muito com ele formando uma família, e sim com ele abrindo uma franquia.

O que você vê no clube da luta é uma geração de homens criados por mulheres.

Tyler fica ali parado embaixo da luz cercado pela escuridão de mais de meia-noite do porão cheio de homens e recita as outras regras: dois homens por luta, uma luta de cada vez, nada de sapatos ou camisas e as lutas duram o quanto tiverem que durar.

– E a sétima regra – Tyler grita –, é que se for sua primeira noite no clube da luta você tem que lutar.

O clube da luta não é como futebol americano na televisão. Você não está assistindo a um bando de homens que não conhece e que estão em alguma parte do mundo batendo uns nos outros ao vivo, mas com dois minutos de atraso na imagem por causa do satélite, comerciais de cerveja a cada dez

minutos e uma pausa para a identificação do canal. Depois de ter estado no clube da luta, assistir ao futebol americano é como assistir a um filme pornô quando poderia estar transando de verdade e loucamente.

O clube da luta lhe dá uma razão para ir sempre à academia, para cortar cabelos e unhas bem curtos. Na academia há sempre um monte de caras tentando parecer homens, como se ser homem significasse parecer com o que um escultor ou um diretor de arte dizem que deve ser.

Como Tyler sempre diz, até um suflê parece bombado.

Meu pai não fez faculdade e por isso achei importante que eu fosse para a faculdade. Quando acabei, fiz um interurbano para ele e perguntei:

– E agora?

Meu pai não sabia.

Quando fiz vinte e cinco anos e arranjei um emprego, fiz um interurbano e perguntei:

– E agora?

Meu pai não sabia, então disse para eu me casar.

Sou um garoto de trinta anos e fico pensando se outra mulher é mesmo a resposta de que preciso.

O que acontece no clube da luta não acontece em palavras. Alguns caras precisam de uma luta toda a semana. Nesta semana Tyler diz que serão apenas os primeiros cinquenta caras que passarem pela porta, e só. Não mais do que isso.

Na semana passada eu escolhi um cara e nós dois entramos na lista para uma luta. Ele deve ter tido uma semana ruim, pois prendeu meus braços atrás de minha cabeça e bateu meu rosto contra o chão de concreto até meus dentes cortarem as bochechas, o olho ficar inchado e sangrar, e, depois que eu disse para parar, olhei para baixo e vi metade do meu rosto impresso em sangue no chão.

Tyler ficou em pé ao meu lado e nós dois ficamos olhando para o grande **O** da minha boca pintado com sangue e a pequena fenda do meu olho olhando para nós lá do chão, e então Tyler diz:

– Legal.

Aperto a mão do outro cara e digo que foi uma ótima luta.

O cara responde:

– Que tal outra na semana que vem?

Tento sorrir por baixo de todos os inchaços e digo: olha só para mim. Que tal no mês que vem?

Você não se sente tão vivo em nenhum outro lugar do jeito que se sente no clube da luta. Quando é você e outro cara sob aquela única luz no meio e todos os outros assistindo. O clube da luta não tem a ver com ganhar ou perder as lutas. E não tem a ver com palavras. Você vê um cara vir aqui pela primeira vez e a bunda dele parece uma massa de pão branco. Quando o vê aqui seis meses depois, ele parece esculpido em madeira maciça. Esse cara acredita que pode lidar com qualquer coisa. Aqui há barulhos e grunhidos igual na academia, mas o clube da luta não tem a ver com ficar bonito. Há gritos histéricos em línguas diferentes igual em uma igreja, e quando acorda no domingo à tarde você se sente salvo.

Depois de minha última luta, o cara que me enfrentou passa um pano no chão enquanto ligo para meu convênio de saúde para liberar minha entrada no pronto-socorro. No hospital, Tyler diz que eu caí.

Às vezes Tyler fala por mim.

Eu fiz isso comigo mesmo.

Lá fora o sol começava a nascer.

Você não fala sobre o clube da luta porque, a não ser durante cinco horas, das duas às sete da manhã do domingo, o clube da luta não existe.

Quando inventamos o clube da luta, nem eu nem Tyler havíamos estado em uma briga. Quem nunca esteve em uma luta pensa várias coisas. Pensa em se machucar, em sobre o que é capaz de fazer com outro homem. Fui o primeiro cara com que Tyler se sentiu seguro o bastante para perguntar sobre isso, quando estávamos bêbados em um bar onde ninguém ligava pra nós, então Tyler falou:

– Quero que me faça um favor. Quero que me de um soco o mais forte que conseguir.

Eu não queria fazer aquilo, mas Tyler me explicou tudo, falando sobre não querer morrer sem cicatrizes, de estar cansado de ver apenas os profissionais lutando e de querer saber mais sobre si mesmo.

E sobre autodestruição.

Naquela época a minha vida parecia completa demais, e talvez tenhamos que quebrar tudo para construir algo melhor em nós mesmos.

Olho em volta e respondo que tudo bem. Vamos nessa, falo, mas lá fora no estacionamento.

Então saímos e pergunto a Tyler se ele quer que seja na cara ou na barriga.

– Me surpreenda – ele diz.

Digo que nunca dei um soco em ninguém.

– Então manda bala, cara – Tyler responde.

Falo para ele fechar os olhos.

– Não.

Igual a todos os caras em sua primeira noite no clube da luta, respiro fundo e mando o punho descrevendo um arco no ar em direção ao queixo de Tyler, igual a todos os filmes de caubói que vi, mas acabo acertando o lado do pescoço dele.

Merda, falo para ele, esse não valeu. Quero tentar de novo.

Tyler responde:

– Ah, valeu sim.

Então me acerta um direto, *pow*, igual a uma luva de boxe dos desenhos animados do sábado de manhã, bem no meio do peito, e eu caio para trás em cima de um carro. Ficamos os dois ali parados, Tyler esfregando o pescoço e eu com uma mão no peito, e nós dois entendemos que chegamos a um lugar onde nunca estivemos e, como o gato e o rato dos desenhos, ainda estamos vivos e queremos ver até onde podemos ir com isso e ainda continuar vivos.

– Legal – Tyler diz.

Digo para ele me acertar de novo.

– Não, me dê um soco – Tyler responde.

Então eu dou um soco em curva meio de mulher bem abaixo da orelha e Tyler me empurra e acerta minha barriga com a sola do sapato. O que acontece a seguir e depois disso não pode ser descrito em palavras, mas o bar fecha e as pessoas saem e ficam gritando e torcendo a nossa volta no estacionamento.

Em vez de me concentrar em Tyler, senti que poderia eu mesmo resolver qualquer coisa que não estivesse funcionando no mundo, como minhas roupas que voltaram da lavanderia com os botões do colarinho quebrados ou o banco que me diz que estou centenas de dólares no negativo. No trabalho, onde meu chefe acessou meu computador e desfez meus comandos em DOS. E Marla Singer, que me roubou os grupos de apoio.

Nada tinha sido resolvido quando a luta acabou, mas não importava.

A primeira vez que lutamos foi em um domingo à noite e Tyler não fazia a barba desde sexta, então os nós dos meus dedos ficaram todos arranhados. Deitados de barriga para cima no estacionamento e olhando para a única estrela que dava para ver por causa da luz da rua, perguntei a Tyler contra o que ele estava lutando.

Meu pai, ele falou.

Talvez não precisássemos de um pai para sermos completos. Não tem nada de pessoal em quem você enfrenta no clube da luta. Você luta por lutar. Você não deve falar do clube da luta, mas nós falamos e, nas semanas seguintes, alguns caras se encontravam no estacionamento depois que o bar fechava, e, quando o tempo começou a esfriar, outro bar nos ofereceu seu porão, que é onde nos encontramos agora.

Quando o clube da luta se reúne, Tyler explica as regras que eu e ele decidimos.

– A maioria de vocês – Tyler grita embaixo do cone de luz no centro do porão cheio de homens – está aqui porque alguém quebrou as regras. Alguém contou a vocês sobre o clube da luta.

– Bom, tratem de não falar mais ou então começem um novo clube da luta, porque na semana que vem você vai colocar seu nome em uma lista quando chegar e apenas os primeiros cinquenta nomes que estiverem nela vão entrar. Se conseguir entrar, arrume logo uma luta se quiser lutar. Se não quiser lutar, tem outros caras que querem, então talvez seja melhor você ficar em casa. Se esta é sua primeira noite no clube da luta – Tyler grita –, então você tem que lutar.

A maioria dos caras está no clube da luta por causa de algo que têm medo demais para enfrentar. Depois de algumas lutas você passa a ter bem menos medo das coisas.

Muitos grandes amigos se conhecem no clube da luta. Agora vou a reuniões ou conferências e vejo rostos nas mesas desses eventos, contadores, executivos juniores ou advogados com o nariz quebrado espalhando-se como berinjelas por baixo dos curativos, pontos embaixo de um olho ou mandíbulas costuradas. São esses os rapazes que ficam ouvindo em silêncio até a hora da decisão.

Fazemos acenos de cabeça uns para os outros.

Mais tarde meu chefe me perguntará como conheço tanta gente.

De acordo com meu chefe há cada vez menos cavalheiros nos negócios e mais bandidos.

A demonstração prossegue.

Os meus olhos encontram os de Walter, da Microsoft. Aqui está um exemplo de um jovem com dentes perfeitos, pele bem-cuidada e o tipo de trabalho que você faz questão de escrever sobre como conseguiu na revista de ex-alunos da universidade. Você sabe que ele é jovem demais para lutar em qualquer guerra, e, se seus pais não fossem divorciados, o pai com certeza nunca estaria em casa, e aqui está ele olhando para meu rosto, metade bem barbeado e a outra metade um ferimento inchado escondido nas sombras. Sangue brilhando em meus lábios. E talvez Walter esteja pensando em algum restaurante vegetariano livre de crueldade animal a que tenha ido no fim de semana, na camada de ozônio ou no quanto a Terra precisa desesperadamente parar com os testes em animais, mas provavelmente não é isso que está pensando.

**EM UMA MANHÃ** encontro uma camisinha que parece uma água viva morta boiando na privada.

Foi assim que Tyler conheceu Marla.

Levanto para mijar e lá está ela, boiando contra as pinturas de sujeira da privada imunda. Você se pergunta, “O que será que o esperma pensa?”

É isso?

*Isso é a cavidade vaginal?*

O que está acontecendo aqui?

Sonhei a noite toda que estava transando com Marla Singer. Ela fumava seu cigarro. E virava os olhos. Acordo sozinho na minha cama e a porta do quarto de Tyler está fechada. A porta do quarto dele nunca está fechada. Choveu a noite toda. As telhas finas de madeira estão cheias de bolhas, furadas e retorcidas, e a chuva passa por elas e se acumula no reboco do teto, escorrendo e pingando pelas luzes.

Quando chove nós temos que desligar os fusíveis, ninguém se arrisca a acender uma das luzes. A casa alugada por Tyler tem três andares e um porão. Nós andamos pela casa com velas. E tem despensas, varandas com telas e janelas com vitrais no final de cada lance de escada. Tem *bay windows*, janelas que se projetam para fora do prumo da construção, com assentos na sala de estar. Os rodapés são esculpidos e têm quarenta e cinco centímetros de altura.

A água da chuva escorre e pinga pela casa, e tudo que é de madeira dilata e encolhe, e os pregos nas madeiras dos pisos, rodapés e janelas vão se soltando e enferrujando.

Por todos os lados há pregos enferrujados para enfiar o pé ou o cotovelo, e só um banheiro para os sete quartos, agora com uma camisinha usada.

A casa está esperando por algo, uma mudança de zoneamento ou a homologação de um testamento para ser derrubada. Pergunto a Tyler há quanto tempo está aqui, e ele responde que há umas seis semanas. No início dos tempos, havia um morador que deve ter colecionado *National Geographic* e *Reader's Digest* a vida toda. Havia pilhas enormes e instáveis de revistas que ficavam maiores sempre que chovia. Tyler diz que o último inquilino usava as páginas das revistas para fazer envelopes de cocaína. Não há fechadura na porta da frente desde que a polícia ou quem quer que seja a chutou e arrebentou. Há nove camadas de papel de parede úmidas e inchadas nas paredes da sala de jantar. Flores embaixo de listas embaixo de flores embaixo de pássaros embaixo de juta.

Nossos únicos vizinhos são uma oficina fechada e, do outro lado da rua, um depósito que ocupa o quarteirão todo. Dentro da casa tem um closet com rolos de dois metros de toalhas de mesa adamascadas que nunca precisavam ser passadas. Há outro closet de cedro e refrigerado para guardar casacos de pele. Os azulejos do banheiro são pintados com pequenas flores, mais bonitos que a maioria das porcelanas chinesas que as pessoas ganham, e também há uma camisinha usada na privada.

Faz um mês que moro com Tyler.

Ele desce para o café da manhã com chupões no pescoço e no peito enquanto estou lendo uma edição antiga da *Reader's Digest*. Esta casa é perfeita para traficar drogas. Não há vizinhos nem

mais nada em toda a Paper street a não ser depósitos e uma fábrica de celulose. O vapor com cheiro de peido do moedor de papel da fábrica e o cheiro de gaiola de hamster das aparas de madeira que formam pirâmides alaranjadas em volta dele. Esta casa é perfeita para traficar drogas porque um zilhão de caminhões passam por esta rua todos os dias, só que à noite. Tyler e eu estamos a sós em um raio de quase dois quilômetros em cada direção.

Encontrei pilhas e mais pilhas de *Reader's Digest* no porão e agora há uma pilha delas em cada quarto.

*Life in These United States.*<sup>2</sup>

*Laughter, the Best Medicine.*<sup>3</sup>

As pilhas de revistas são praticamente nossos únicos móveis.

Nas mais antigas há uma série de artigos em que órgãos humanos falam sobre si mesmos em primeira pessoa: Sou o Útero da Jane.

Sou a Próstata do Joe.

Sem brincadeira. E então Tyler vem até a mesa da cozinha com seus chupões e sem camisa e diz blá-blá-blá, ele conheceu Marla Singer na noite passada e eles transaram. Ouvindo isso eu viro a Vesícula Biliar de Joe. Tudo isso é minha culpa. Às vezes você faz algo e se ferra. E às vezes as coisas que não faz é que ferram você.

Liguei para Marla na noite passada. Criamos um esquema que funciona assim: se eu quiser ir a um grupo de apoio, ligo para ela e vejo se está planejando ir. Ontem à noite tinha o Melanoma e eu estava me sentindo meio deprimido.

Marla mora no Regent Hotel, que não é nada mais do que tijolos marrons colocados juntos de qualquer jeito e onde os colchões estão selados dentro de capas de plástico, por isso algumas pessoas vão lá para morrer. Se sentar em alguma das camas do jeito errado, você e os lençóis vão direto para o chão.

Liguei para Marla no Regent Hotel para saber se ela ia ao Melanoma.

Ela respondeu em câmera lenta. Aquilo não tinha sido uma tentativa de suicídio pra valer, Marla falou. Provavelmente era apenas um daqueles pedidos de ajuda, mas ela tinha tomado alguns Xanax demais.

Imagine ir até o Regent Hotel para ver Marla se jogando pelo seu quarto sujo e dizendo: estou morrendo. Morrendo. Estou morrendo. Morrendo. Mor-rendo. Morrendo.

Isso continuaria durante horas.

Então ela ficará em casa esta noite, certo?

Ela me disse que estava fazendo o seu teatro da morte. Era melhor eu me apressar se quisesse assistir.

– Obrigado, mas já tenho outros planos – falei para ela.

Tudo bem, Marla me falou, ela poderia morrer vendo televisão então. Apenas esperava que encontrasse algo bom passando.

Então corri para o Melanoma. Voltei para casa cedo e dormi.

E agora, no café da manhã do dia seguinte, Tyler se senta aqui coberto de chupões e diz que Marla é uma vagabunda pervertida, e que gosta muito disso.

Depois do Melanoma na noite passada, voltei para casa, deitei na cama e dormi. E então sonhei que comia, comia e comia Marla Singer.

E esta manhã, ouvindo Tyler, finge que lia a *Reader's Digest*. Vagabunda pervertida, eu poderia ter

dito isso a ele. *Reader's Digest. Humor in uniform.*<sup>4</sup>

Sou o Ducto Biliar Enfurecido de Joe.

E as coisas que Marla disse na noite passada, Tyler conta. Nenhuma garota tinha falado com ele daquele jeito.

Sou os Dentes Rangendo de Joe.

Sou as Narinas Dilatadas de Joe.

Tyler me diz que, depois de ter transando com Marla umas dez vezes, ela falou que queria engravidar. Ela queria abortar um filho dele.

Sou os Punhos Tensos de Joe.

Como Tyler não ia adorar uma coisa dessa? Na noite de anteontem ele ficou sentado, sozinho, colocando órgãos genitais em *Branca de Neve*.

Como posso competir com ela pela atenção de Tyler?

Sou o Sentimento de Rejeição Inflamado e Enraivecido de Joe.

E o pior é que tudo isso é culpa minha. Depois de eu ir dormir na noite passada, Tyler me disse que chegou de seu turno de garçom, e Marla ligou de novo do Regent Hotel. Era o fim, ela falou. Havia um túnel e uma luz que a levava pelo túnel. A experiência de morrer era tão legal que Marla queria que eu a escutasse enquanto descrevia sua experiência de sair do próprio corpo e flutuar.

Marla não sabia se seu espírito conseguiria usar o telefone, mas queria pelo menos que alguém ouvisse seu último suspiro.

Mas não, claro que não, Tyler atendeu o telefone e interpretou a situação de um jeito todo errado.

Eles não se conhecem, por isso Tyler não gosta do fato de Marla estar prestes a morrer.

Não, nem um pouco.

Aquele assunto não dizia respeito a ele, mas Tyler chamou a polícia e correu até o Regent Hotel.

Agora, de acordo com o antigo costume chinês que todos aprendemos na televisão, Tyler é responsável por Marla, para sempre, pois salvou a vida dela.

Se eu tivesse gastado dois minutos para ir até lá e assistir a Marla morrer, nada disso teria acontecido.

Tyler me diz que Marla mora no apartamento 8G, no último andar do Regent, e é preciso subir oito andares de escada e depois entrar em um corredor barulhento com risadas de enlatados de televisão saindo das portas. A cada dois segundos uma atriz grita ou atores morrem sob uma rajada de balas. Tyler chega ao fim do corredor, e antes de bater na porta um braço muito fino e pálido como leite sai do 8G como uma flecha, segura seu pulso e o puxa para dentro.

Afundou em minha *Reader's Digest*.

Enquanto Marla puxa Tyler para dentro do quarto ele ouve freadas de carros e sirenes na frente do Regent Hotel. Em cima da cômoda há um vibrador feito do mesmo plástico rosa suave de um milhão de bonecas Barbie e, por um momento, Tyler imagina milhões de pequenas bonecas, de Barbies e vibradores rodando pela mesma linha de montagem em Taiwan.

Marla vê Tyler olhando para seu vibrador, vira os olhos e diz:

– Não fique com medo, ele não é uma ameaça para você.

Ela o empurra para o corredor e diz que sente muito, mas ele não devia ter chamado a polícia e que provavelmente os policiais estão lá embaixo naquele momento.

Já no corredor, Marla tranca a porta do 8G e empurra Tyler em direção às escadas e, quando estão nelas, os dois se encostam na parede quando policiais e paramédicos passam carregando oxigênio e

perguntando onde é o 8G.

Marla diz que é a porta no final do corredor.

Marla grita para os policiais que a garota que vive no 8G costumava ser linda e encantadora, mas que agora é uma vagabunda monstruosa. Que a garota é um lixo humano infectado, confusa, com medo de se comprometer com a coisa errada e assim não se compromete com nada.

– A garota do 8G não acredita em si mesma – Marla grita –, e tem medo de que, quanto mais velha for ficando, menores serão suas opções.

– Boa sorte – Marla grita.

Os policiais chegam à porta trancada do 8G enquanto Marla e Tyler descem rapidamente até o térreo. Atrás deles um policial grita para a porta:

– Deixe-nos ajudá-la! Senhorita Singer, você tem todas as razões do mundo para viver! Deixa a gente entrar, Marla, e podemos ajudá-la com seus problemas!

Marla e Tyler correram para a rua. Ele a colocou em um táxi e, lá em cima no oitavo andar, Tyler pode ver sombras se movendo no quarto de Marla. Já na avenida cercados pelas luzes dos outros carros em seis pistas de trânsito em direção ao ponto de desaparecimento, Marla diz a Tyler que ele precisa mantê-la acordada a noite toda. Se ela cair no sono, morrerá.

Muitas pessoas queriam que Marla morresse, ela contou a Tyler. Essas pessoas já estavam mortas e do outro lado, mas à noite ligavam para ela. Marla ia a bares e ouvia o atendente chamando seu nome e avisando que havia uma ligação, mas, quando pegava o telefone, não tinha ninguém na linha.

Tyler e Marla ficaram acordados quase a noite toda no quarto ao lado do meu. Quando Tyler acordou, Marla já tinha desaparecido e voltado ao Regent Hotel.

Digo a Tyler que Marla não precisa de um amante, e sim de um assistente social.

– Não chame isso de *amor* – Tyler responde.

Resumindo a história, agora Marla resolveu arruinar outra parte da minha vida. Desde a faculdade eu arranjo amigos, eles se casam e eu perco esses amigos.

Está bem.

Ótimo, falo.

Tyler pergunta se aquilo é um problema para mim.

Sou o Nô no Estômago de Joe.

Respondo que não, que está tudo bem.

Coloque logo uma arma contra minha cabeça e pinte a parede com meu cérebro.

Digo que está tudo ótimo. De verdade.

2. “A vida nestes Estados Unidos”, em português, era a seção de um caderno de humor mensal da *Reader’s Digest*.

3. “Rir é o melhor remédio”, em português, uma das seções do mesmo caderno de humor da *Reader’s Digest*.

4. “Humor uniformizado”, em português, é um tipo de caderno mensal da *Reader’s Digest* com piadas e anedotas das Forças Armadas.

**MEU CHEFE ME MANDA DE VOLTA** para casa por causa do sangue ressecado na minha calça, e eu pulo de alegria.

O buraco feito na minha bochecha com aquele soco não fica bom nunca. Vou trabalhar, e os meus olhos socados e roxos são duas rosquinhas inchadas em volta dos risquinhos mí nimos que me sobraram para enxergar. Até hoje eu ficava muito puto de ter me tornado um mestre zen totalmente centrado e ninguém perceber. Mas ainda faço aquela brincadeira com o FAX. Escrevo pequenos HAICAIS e passo por FAX para todo mundo. Quando passo pelas pessoas no corredor do trabalho eu fico completamente ZEN diante dessas CARAS hostis.

Abelhas operárias podem sair  
Zangões também voam por aí  
Mas a rainha é escrava deles

Você abre mão de todas as suas posses, de seu carro, e vai morar em uma casa alugada na parte suja da cidade onde tarde da noite pode ouvir Marla e Tyler, no quarto dele, chamando um ao outro de limpador de bunda humana.

Tome isso, limpador de bunda.

Manda bala, limpador de bunda.

Segura a onda e fale mais baixo, gata.

Em contraste, me transformo no centro de calma do mundo.

Eu, com os olhos inchados e sangue ressecado em grandes manchas pretas na minha calça, tenho dado um OI para todos no trabalho. OI! Olhem para mim. OI! Sou tão ZEN. Isso é SANGUE. Isso não é NADA. Oi. Tudo é nada, e é tão bom ser ILUMINADO. Como eu sou.

Suspiro.

Veja. Olhe pela janela. Um pássaro.

Meu chefe pergunta se aquele sangue é meu.

O pássaro voa com o vento. Eu estou escrevendo um pequeno haicai na cabeça.

Sem ter apenas um ninho  
Um pássaro pode chamar o mundo de lar  
A vida é sua profissão

Estou contando nos dedos: cinco, sete, cinco.

O sangue, ele é meu?

Sim, eu digo. Uma parte dele.

Essa era a resposta errada.

Como se isso fosse importante. Tenho dois pares de calças pretas. Seis camisas brancas. Seis cuecas. O mínimo. Eu frequento o clube da luta. Essas coisas acontecem.

– Vá para casa – meu chefe diz. – E se troque.

Estou começando a pensar se Marla e Tyler são a mesma pessoa. A não ser pelas fodas, todas as noites no quarto de Marla.

Transando.

Transando.

Transando.

Tyler e Marla nunca estão no mesmo lugar. Eu nunca os vi juntos.

Por outro lado você nunca me vê ao lado de Zsa Zsa Gabor e isso não quer dizer que somos a mesma pessoa. O Tyler simplesmente não sai do quarto quando Marla está por aqui.

Para que eu possa lavar minha calça, Tyler precisa me ensinar a fazer sabão.

Ele está lá em cima e a cozinha está com cheiro de cravo e pelo queimado. Marla está sentada à mesa da cozinha queimando a parte interna do braço com um cigarro de cravo e chamando a si mesma de limpador de bunda.

– Aceito minha própria corrupção doentia e pustulenta – Marla diz para a brasa avermelhada da ponta de seu cigarro e depois o enfia na parte interna do braço branquelo. – Queime, bruxa, queime.

Tyler está lá em cima no meu quarto olhando para os dentes no espelho e diz que me arranjou um trabalho de garçom, apenas meio período.

– É no hotel Pressman, se você puder trabalhar à noite – ele diz. – Esse trabalho despertará o seu ódio de classes.

Certo, respondo, pode ser.

– Eles o obrigam a usar uma gravata-borboleta preta – Tyler continua. – É tudo o que precisa para trabalhar lá, além de uma camisa branca e uma calça preta.

Sabão, Tyler. Digo a ele que precisamos de sabão. Precisamos fazer um pouco de sabão, pois tenho que lavar minha calça.

Seguro os pés de Tyler enquanto ele faz duzentas abdominais.

– Para fazer sabão, primeiro você precisa derreter a banha. – Tyler é um cara cheio de conhecimentos úteis.

A não ser quando estão transando, Marla e Tyler nunca estão no mesmo cômodo. Se Tyler está por perto, Marla o ignora. Essa é uma situação familiar. É exatamente assim que meus pais eram, invisíveis um para o outro. Então meu pai foi embora para começar outra franquia.

Meu pai sempre dizia:

– Case antes do sexo ficar tedioso, senão você nunca se casará.

Minha mãe dizia:

– Nunca compre nada com zíper de náilon.

Eles nunca disseram nada que valesse a pena ser bordado em uma almofada.

Tyler faz cento e noventa e oito. Cento e noventa e nove. Duzentas abdominais.

Ele está usando um roupão de flanela sujo e calça de moletom.

– Faça Marla sair de casa – Tyler diz. – Mande-a até o mercado comprar uma lata de soda cáustica. Em flocos, não em cristais. Mas se livre dela.

Voltei a ter seis anos de idade e a levar recados aos meus pais com suas relações estremecidas. Odiava isso quando tinha seis anos e odeio isso agora.

Tyler começa a fazer levantamentos de pernas e desço para falar com Marla: a soda cáustica em flocos, e então dou a ela dez dólares e meu passe de ônibus. Enquanto Marla ainda está sentada à

mesa na cozinha eu pego o cigarro de cravo do meio de seus dedos, devagar e com calma. Com um pano de prato eu limpo as cinzas das queimaduras do braço de Marla que começaram a rachar a pele e a sangrar. Depois coloco cada um de seus pés em sapatos de salto alto.

Marla olha para mim enquanto faço aquele teatro de Príncipe Encantado com seus sapatos e diz:

– Eu cheguei e fui entrando, achei que não tinha ninguém em casa. Sua porta da frente não tranca. Não respondo nada.

– Sabe, a camisinha é o sapatinho de cristal da nossa geração. Você a coloca quando encontra um estranho. Você dança a noite toda e depois joga fora. A camisinha, quero dizer, não o estranho.

Não estou falando com Marla. Ela pode se intrometer nos grupos de apoio e entre mim e Tyler, mas não será minha amiga de jeito nenhum.

– Fiquei a manhã toda aqui esperando você.

Flores nascem e morrem

O vento traz borboletas ou a neve

A pedra não percebe

Marla se levanta da mesa. Ela está usando um vestido azul sem mangas feito de um tecido brilhante. Marla segura a borda do vestido e o puxa para cima para que eu veja pequenos pontos de costura do lado de dentro. Ela não está usando calcinha e pisca para mim.

– Queria mostrar meu novo vestido para você – Marla fala. – É vestido de dama de honra e é todo costurado à mão. Gostou? Comprei no bazar da Boa Vontade por um dólar. Alguém deu todos estes pequenos pontos para fazer este vestido horrível. Acredita nisso?

A saia é mais comprida de um lado do que do outro, e a cintura do vestido fica mais ou menos no quadril de Marla.

Antes de sair para o mercado ela levanta a saia com as pontas dos dedos e começa a dançar em volta da mesa e de mim com a bunda balançando dentro da saia. Marla ama tudo que as pessoas amam intensamente e depois jogam fora uma hora ou um dia depois, pelo menos é o que me diz. Do mesmo jeito que uma árvore de natal é o centro das atenções e então, quando acaba o Natal, você vê várias delas mortas ainda com seus enfeites jogadas nos acostamentos das estradas. Você vê aquelas árvores e pensa em animais atropelados ou vítimas de crimes sexuais com as calcinhas ao contrário e presas com fita adesiva.

Só quero que ela saia daqui.

– O Centro de Controle de Animais é o melhor lugar para ir – ela diz. – Onde todos os animais, os cachorrinhos e gatinhos que as pessoas amaram e depois abandonaram e mesmo os mais velhos, dançam e pulam chamando sua atenção, porque depois de três dias eles receberão uma injeção de fenobarbital sódico e depois vão para o grande forno de animais.

– É o sono eterno no estilo “Valley of the dogs”.<sup>5</sup>

– O lugar onde mesmo que alguém goste de você o suficiente para salvar sua vida, ainda assim o castrarão. – Marla olha para mim como se fosse eu que a estivesse comendo. – Não vou conseguir nada com você, né?

Marla sai pela porta dos fundos cantando a bizarra música “Valley of the Dogs”.

Fico observando ela ir embora.

Então tenho um, dois, três momentos de silêncio até que Marla saia da minha vista por completo.

Me viro, e lá está Tyler.

– Você se livrou dela? – ele pergunta.

Nenhum som, nenhum cheiro, Tyler apenas apareceu.

– Primeiro – Tyler começa pulando da porta da cozinha para olhar dentro da geladeira. – Primeiro, temos que derreter um pouco de banha.

Em relação ao meu chefe, Tyler diz que, se estou mesmo puto com ele, devia ir até o correio, preencher uma ficha de mudança de endereço e fazer todas as cartas dele irem para Rugby, em Dakota do Norte.

Tyler começa a tirar plásticos com algo branco congelado dentro e os colocar na pia. Eu devo colocar uma panela grande no fogo e enchê-la bastante de água. Se colocar pouca água a banha vai ficando escura enquanto vira sebo.

– Esta banha tem bastante sal, então quanto mais água melhor – Tyler diz.

Coloque a banha na água e deixe até ferver.

Tyler espreme aquela massa branca de cada saco plástico na água e depois enterra os sacos vazios no fundo da lata de lixo.

– Use a imaginação. Lembre-se de todo aquele papo de pioneiros que ensinaram a você nos escoteiros. Lembre-se das aulas de química na escola.

É difícil imaginar Tyler nos escoteiros.

Outra coisa que posso fazer, segundo Tyler, é ir uma noite até a casa do meu chefe e colocar uma mangueira em uma torneira externa da casa dele. Depois prender a outra ponta a uma bomba manual e então poderia injetar tinta industrial no encanamento da casa. Vermelha, azul ou verde, então era só esperar para ver como ele estaria no dia seguinte. Ou podia simplesmente me sentar atrás de um arbusto e bombar até o encanamento atingir uma superpressão por volta de cento e dez libras. Assim, quando alguém fosse dar a descarga a privada explodiria. Com uma pressão de cento e cinquenta libras, se alguém ligasse o chuveiro a pressão da água arrancaria a tampa, os fios e *bam*, o chuveiro viraria uma bomba mortífera.

Tyler só diz essas coisas para me fazer sentir melhor. A verdade é que gosto do meu chefe. Além disso, agora estou iluminado. Sabe como é, apenas comportamentos ao estilo Buda. Crisântemo aranha, o Sutra do Diamante, o Blue Cliff Record. Ou então Hari Rama e Krishna, Krishna. Você sabe, iluminado.

– Enfiar penas no seu rabo não faz de você uma galinha – Tyler diz.

Enquanto a banha derrete, o sebo começa a subir e flutuar na superfície da água fervendo.

Ah, respondo, então estou enfiando penas no meu rabo?

Como se aquele Tyler ali, com queimaduras de cigarro nos braços, fosse uma alma muito evoluída. O Senhor e a Senhora Limpa Bundas. Relaxo o rosto e me transformo em um daqueles hindus adoradores de vaca indo para o matadouro no cartão laminado de procedimentos de emergência das companhias aéreas.

Abaixo o fogo da panela.

Mexo a água fervente.

Mais e mais sebo vai subindo até que a água fique com uma película madrepérola de arco-íris. Use uma colher grande para tirar essa camada de sebo e separá-la de lado.

Então, eu falo, como Marla está?

– Ela pelo menos está tentando chegar ao fundo do poço – Tyler responde.

Continuo mexendo a água fervente.

Continue com esse processo até que mais nenhum sebo suba para superfície da água. É o sebo gorduroso que estamos retirando da água. Um sebo bom e limpo.

Tyler diz que ainda não estou nem perto de chegar ao fundo do poço. E que se não cair até lá não poderei ser salvo. Jesus fez isso ao ser crucificado. Não adianta apenas ter abandonado o dinheiro, bens materiais e o conhecimento. Isso não é apenas um retiro de fim de semana. Deveria estar me afastando do autoaperfeiçoamento e correndo em direção ao desastre. Não posso mais jogar isso de modo seguro.

Isso não é um seminário.

– Se você perder a coragem antes de atingir o fundo do poço – Tyler explica –, jamais terá sucesso de verdade.

Apenas depois do desastre é que podemos ressuscitar.

– Apenas depois de perder tudo é que você estará livre para fazer qualquer coisa – Tyler diz.  
O que estou sentindo é uma iluminação prematura.

– E continue mexendo – Tyler diz.

Quando a gordura ferver tempo suficiente para não ter mais sebo emergindo à superfície, jogue a água fora. Lave a panela e encha com água limpa.

Pergunto se pelo menos estou mais ou menos perto de chegar ao fundo do poço.

– De onde está agora – Tyler responde –, você não consegue nem imaginar como pode ser o fundo. Repita o processo com todo o sebo retirado, ferva a água e vá retirando o que boiar.

– A banha que estamos usando tem bastante sal – Tyler diz. – Com sal demais o seu sabonete não ficará sólido. – Ferver e escumar.

Ferver e escumar.

Marla voltou.

No momento que Marla abre a porta de tela, Tyler some, desaparece, corre para fora da cozinha. Tyler foi lá para cima ou desceu para o porão.

*Puf.*

Marla entra pela porta dos fundos com uma lata de soda cáustica em flocos.

– Na loja eles têm papel higiênico cem porcento reciclado – ela diz. – O pior trabalho do mundo deve ser reciclar papel higiênico.

Pego a lata de soda cáustica e a ponho na mesa. Não digo uma palavra.

– Posso ficar aqui esta noite? – Marla pergunta.

Não respondo. Na cabeça euuento: cinco sílabas, sete, cinco.

Um tigre pode sorrir

Uma cobra dirá que pode amar você

Mentiras nos deixam mal

– O que está cozinhando? – Marla pergunta.

Sou o Ponto de Ebulação de Joe.

Digo para ela sair, apenas partir, simplesmente ir embora. Tudo bem? Você já não tem um pedaço grande o suficiente da minha vida?

Marla me pega pela manga e me segura no lugar tempo suficiente para me dar um beijo na

bochecha.

– Me ligue, por favor. Por favor. Precisamos conversar.

Respondo que sim, sim, sim, sim, sim.

No momento que Marla sai pela porta, Tyler surge de volta na cozinha.

Rápido como um truque de mágica. Meus pais fizeram essa mágica durante cinco anos.

Fervo e separo o que boia enquanto Tyler abre espaço na geladeira. A cozinha está toda cheia de vapor e gotas de água caem do teto. A lâmpada de quarenta watts escondida no fundo da geladeira não pode ser vista atrás dos vidros de ketchup e potes de conservas ou maionese vazios, mas consigo ver o perfil de Tyler iluminado por ela.

Ferver e escumar. Ferver e escumar. Ponha o sebo separado em caixinhas de leite com a tampa cortada.

Com uma cadeira mantendo a porta da geladeira aberta, Tyler assiste ao sebo esfriar. No calor da cozinha, nuvens de vapor frio saem da parte de baixo da geladeira e se juntam em torno dos pés de Tyler.

Eu vou enchendo as caixinhas de leite com o sebo e Tyler as coloca na geladeira.

Depois me ajoelho ao lado de Tyler em frente da geladeira e ele pega as minhas mãos e as vira para mim. A linha da vida. A linha do amor. Os montes de Vênus e Marte. O vapor frio vai nos cercando e a luz fraca ilumina o nosso rosto.

– Preciso que me faça outro favor – Tyler diz.

É sobre a Marla, não é?

– Nunca fale de mim para ela. Não fale de mim pelas costas. Promete?

Eu prometo.

Tyler diz:

– Se um dia falar de mim para ela, nunca mais me verá de novo.

Eu prometo.

– Promete?

Prometo.

– Então se lembre de que acabou de prometer três vezes – Tyler diz.

Uma camada de algo espesso e claro vai se formando na superfície do sebo na geladeira.

O sebo está se separando, eu falo.

– Não se preocupe – Tyler responde. – A camada clara é glicerina. Você pode misturá-la de novo quando fizer o sabão ou então pode separá-la.

Tyler lambe os lábios e então vira as palmas das minhas mãos para baixo e as coloca em suas coxas, por cima do robe de flanela sujo.

– Você pode misturar a glicerina com ácido nítrico e fazer nitroglicerina – ele diz.

Respiro fundo com a boca aberta e repito a palavra *nitroglycerina*.

Tyler lambe os lábios úmidos e brilhantes e beija as costas da minha mão.

– Você pode misturar a nitroglicerina com nitrato de sódio e serragem e fazer dinamite – Tyler continua.

A marca do beijo brilha nas costas da minha mão branca.

Dinamite, repito, e então me sento nos calcanhares.

Tyler tira a tampa da lata de soda cáustica.

– Você poderia explodir pontes – ele fala.

- Você pode misturar a nitroglicerina com mais ácido nítrico e parafina e fazer gelatina explosiva.
  - Poderia explodir um prédio facilmente.
- Tyler coloca a lata um centímetro acima do brilho molhado do beijo nas costas da minha mão.
- Isto é uma queimadura química – Tyler diz –, e vai doer muito mais do que qualquer queimadura que tenha tido. Pior do que cem cigarros.

A marca do beijo brilha nas costas da minha mão.

- Você vai ficar com uma cicatriz.

- Com muitos sabonetes – Tyler continua – você poderia explodir o mundo todo. E agora se lembre de sua promessa.

E então Tyler derruba a soda cáustica.

[5](#). “Vale dos cães”, em português, é o nome de uma música da banda hardcore Amen. (N. do T.)

**A SALIVA DE TYLER** teve duas funções. O beijo molhado nas costas da minha mão segurou os flocos de soda cáustica enquanto eles queimavam. Essa foi a primeira. A segunda é que a soda só queima quando combinada com água. Ou saliva.

– Isto é uma queimadura química – Tyler diz –, e vai doer muito mais do que qualquer queimadura que tenha tido.

Você pode usar soda cáustica para desentupir ralos.

Feche os olhos.

Uma pasta de soda cáustica misturada com água pode furar uma panela de alumínio.

Uma solução de soda cáustica e água pode dissolver uma colher de pau.

Combinada com água, a soda cáustica chega a duzentos graus e, enquanto esquenta e queima as costas da minha mão, Tyler coloca os dedos de uma das mãos sobre os meus, com nossas mãos pousadas sobre minha calça manchada de sangue, e diz para eu prestar atenção pois este é o melhor momento da minha vida.

– Por que tudo que aconteceu até agora é uma história – Tyler diz –, e tudo o que acontecer depois é outra história.

Este é o melhor momento da nossa vida.

A soda cáustica grudada exatamente em cima do beijo de Tyler é uma fogueira, um ferro em brasa ou um reator atômico derretendo minha mão no final de uma longa, longa estrada que imagino estar a quilômetros de distância de mim. Tyler me pede para retornar e ficar com ele. Minha mão está partindo, pequenina no horizonte no final da estrada.

Imagine o fogo ainda queimando, mas agora ele está além do horizonte. Um pôr do sol.

– Volte para a dor – Tyler fala.

Este é o tipo de meditação guiada usada em grupos de apoio.

Nem pense na palavra *dor*.

Se a meditação guiada funciona com o câncer, também pode funcionar com isso.

– Olhe para a mão – Tyler diz.

Não olhe para a mão.

Não pense nas palavras *queimando, carne, tecido ou torrada*.

Não ouça seu próprio choro.

Meditação guiada.

Você está na Irlanda. Feche os olhos.

Você está na Irlanda no verão, depois de ter saído da faculdade, e está bebendo em um pub perto do castelo aonde todos os dias chegam ônibus lotados de turistas ingleses e norte-americanos que vêm para beijar a pedra de Blarney.<sup>6</sup>

– Não bloqueie este momento – Tyler fala. – Sabão e sacrifício humano caminham lado a lado.

Você sai do pub e uma massa de homens caminha no silêncio da rua sem carros e molhada pela chuva que acabou de cair. É noite. Até você chegar ao castelo da pedra de Blarney.

Os pisos do castelo estão apodrecidos e você sobe os degraus de pedra com a escuridão se

tornando cada vez mais profunda por todo o lugar a cada passo. Todos estão em silêncio por causa da subida e da tradição desse pequeno ato de rebeldia.

– Ouça – Tyler diz. – Abra os olhos.

– Na história antiga os sacrifícios humanos eram feitos em um morro acima de um rio. Milhares de pessoas. Me escute. Os sacrifícios eram feitos e os corpos eram queimados em uma pira funerária.

– Pode chorar – ele continua. – Pode ir até a pia e pôr a mão embaixo da água corrente, mas primeiro precisa saber que é um idiota e que vai morrer. Olhe para mim.

– Um dia – Tyler diz – você vai morrer e, até que saiba disso, você é inútil para mim.

Você está na Irlanda.

– Pode chorar – Tyler diz –, mas cada lágrima que cai nos flocos de soda cáustica em sua pele vai queimar e deixar uma marca de queimadura de cigarro.

Meditação guiada. Você está na Irlanda no verão após sair da faculdade e talvez esse tenha sido o primeiro momento que desejou a anarquia. Anos antes de conhecer Tyler Durden, antes de mijar em seu primeiro *crème anglaise*, você aprendeu o que eram pequenos atos de rebelião.

Na Irlanda. Você está parado em uma plataforma no alto das escadas em um castelo.

– Você pode usar vinagre – Tyler fala – para neutralizar a queimadura, mas primeiro precisa desistir.

Depois de centenas de pessoas terem sido sacrificadas e cremadas, Tyler continua, uma descarga de algo branco e grosso saía do altar e descia para o rio.

Primeiro você precisa atingir o fundo do poço.

Você está em uma plataforma em um castelo na Irlanda cercado por uma total escuridão e, à frente, a distância de um braço esticado de escuridão, está uma parede de pedra.

– A chuva – Tyler fala – caía sobre a pira funerária um ano após o outro e, um ano após o outro, as pessoas eram cremadas e a chuva escorria pela madeira e sobre as cinzas e se tornava uma solução de soda cáustica que, combinada com a gordura derretida dos sacrifícios, formava a gosma branca de sabão que se desprendia da base do altar e descia o morro em direção ao rio.

Os irlandeses à sua volta estão decididos a fazer seu pequeno ato de rebelião, então caminham até a borda da plataforma, param e mijam na escuridão.

E então os homens dizem para você ir em frente e também mijar o seu mijo norte-americano chique, rico, amarelo e cheio de vitaminas. Rico, caro e jogado fora.

– Este é o melhor momento de sua vida – Tyler diz –, e você está em algum outro lugar perdendo isso.

Você está na Irlanda.

Ah, e você mandou ver. Oh sim. É claro. Você pode sentir o cheiro da amônia e da vitamina B que toma todos os dias.

No local onde o sabão caía no rio, Tyler conta, depois de milhares de anos matando pessoas e de chuva, os antigos descobriram que as roupas ficavam mais limpas se lavadas lá.

Estou mijando na pedra de Blarney.

– Putz – Tyler diz.

Estou mijando em minha calça preta manchada com sangue seco que meu chefe não suporta.

Você está em uma casa alugada na Paper street.

– Isso tem um significado – Tyler diz.

– É um sinal – ele continua.

Tyler é cheio de informações úteis. Ele conta que as culturas que não tinham sabão usavam a própria urina e a dos cães para lavar as roupas e o cabelo por causa do ácido úrico e da amônia.

Há um cheiro de vinagre no ar e o fogo em sua mão lá no final da longa estrada se apaga.

O cheiro da soda cáustica entra e escaldava suas narinas e junto com ele vem o aroma de vômito de hospital, mijo e vinagre.

– Matar todas aquelas pessoas foi a coisa certa a fazer – Tyler diz.

A costa de sua mão está vermelha, inchada e brilhante como dois lábios no formato exato do beijo de Tyler. Espalhadas em volta do beijo estão queimaduras iguais às de cigarro de alguém que chorou.

– Abra os olhos – Tyler fala e seu rosto está brilhante por causa das lágrimas. – Parabéns. Você está um passo mais próximo de atingir o fundo do poço.

– Você precisa enxergar – ele continua – que o primeiro sabão foi feito a partir de heróis.

Pense nos animais usados em testes de produtos.

Pense nos macacos mandados para o espaço.

– Sem a morte, a dor e os sacrifícios deles, jamais teríamos nada – Tyler completa.

[6](#). Também conhecida como Pedra da Eloquência, diz a lenda que se a pessoa a beijá-la receberá o dom da eloquência. (N. do T.)

**PARO O ELEVADOR** entre os andares enquanto Tyler abre seu cinto. Quando o elevador para de vez, as tigelas de sopa colocadas no carrinho de comida do restaurante param de chacoalhar e uma nuvem de vapor sobe quando Tyler tira a tampa da sopeira.

Tyler começa a tirar para fora e diz:

– Não olhe para mim senão não consigo fazer.

É uma sopa de tomate com coentro e mariscos. Com tudo isso dentro ninguém sentirá o cheiro de mais nada que a gente coloque junto.

Digo para ele se apressar e olho para trás para ver a ponta de Tyler parada sobre a sopa. A cena é muito engraçada, pois parece um elefante alto usando camisa branca de garçom e tomando uma tigela de sopa com a tromba.

– Eu disse para não olhar – Tyler diz.

A porta do elevador à minha frente tem uma pequena janela do tamanho de uma cabeça que me permite ver o corredor de serviço do salão do bufê. Com o elevador parado entre os andares a minha visão é a de uma barata em um piso de linóleo verde, e essa barata enxerga o corredor verde estendendo-se até o infinito, passando por portas entreabertas onde titãs e esposas gigantes bebem barris de champanhe e gritam uns com os outros usando diamantes maiores do que o tamanho que eu imagino.

Na semana passada, conto para Tyler, quando os advogados do Empire State estavam aqui para a festa de Natal deles, deixei o meu pau duro e o enfiei em todas as musses de laranja deles.

Na semana passada, Tyler diz, ele parou o elevador e peidou em um carrinho de *boccone dolce*<sup>7</sup> durante o chá de uma das Ligas de Juniores.

Tyler sabe bem como o suspiro absorve odores.

Do ponto de vista da barata ouvimos o harpista cativante tocando enquanto os titãs levantam os garfos com pedaços de costeleta de cordeiro e cada mordida é do tamanho de um porco e cada boca é um Stonehenge de marfim.

Digo para ele fazer logo.

– Não consigo – Tyler responde.

Se a sopa esfriar eles a devolverão.

Os gigantes mandam as coisas de volta para a cozinha sem qualquer motivo. Eles só querem ver você correndo para lá e para cá por causa do dinheiro deles. Em um jantar como este, uma festa com bufê, eles sabem que a gorjeta já está incluída na conta, então o tratam como lixo. Nós não levamos nada de volta para a cozinha. Mude as *pommes parisienne* e os *asperges hollandaisse* de posição um pouco no prato e sirva para outra pessoa e pronto, de repente está tudo bom de novo.

Falo das cataratas do Niágara. Rio Nilo. Na época da escola, acreditávamos que, se colocássemos a mão de alguém em uma tigela de água quente enquanto ela dormia, essa pessoa faria xixi na cama.

– Ah – Tyler diz.

Ele está atrás de mim e continua.

– Ah sim. Oh, estou conseguindo. Ah, sim, isso, isso.

Pelas portas entreabertas do elevador posso ouvir o farfalhar das saias douradas, pretas e vermelhas do salão de festas, tão grandes quanto as cortinas vermelhas de veludo do velho Teatro da Broadway. Às vezes passam pares de Cadillacs de couro preto com laços de cadarço no lugar de para-brisas. Acima dos carros há uma cidade de torres de escritório movendo-se com faixas de cetim vermelho nas cinturas.

Digo para ele não fazer demais.

Tyler e eu viramos guerrilheiros terroristas da indústria de serviços. Sabotadores de festas. O hotel organiza festas e, quando a pessoa também quer comida, ela recebe comida, vinho, a porcelana, os copos e os garçons. Tudo isso em uma conta. E como eles sabem que não podem ameaçá-lo com a gorjeta, passam avê-lo como uma barata.

Tyler trabalhou em uma festa dessas uma vez. Foi quando ele se tornou um garçom renegado. Naquela primeira festa, Tyler estava servindo o peixe em uma casa branca e envidraçada que parecia flutuar sobre a cidade em cima de suas pernas de aço no topo de um morro. Depois de servir todos os peixes, Tyler está lavando os pratos de massa que foram servidos antes e a anfitriã entra na cozinha segurando um pedaço de papel que sacode como uma bandeira porque sua mão treme sem parar. Com os dentes semicerrados a madame pergunta se algum dos garçons viu algum dos convidados entrando no corredor que levava até os quartos da casa, especialmente alguma das convidadas. E o anfitrião, quem sabe?

Na cozinha, Tyler, Albert, Len e Jerry lavavam e secavam os pratos enquanto a cozinheira, Leslie, passava manteiga com alho nos corações de alcachofra recheados de camarão e escargot.

– Nós nem podemos ir a essa parte da casa – Tyler responde.

Entramos pela garagem. Só podemos ir e ver a própria garagem, a cozinha e a sala de jantar.

O anfitrião entra pela porta da cozinha procurando a esposa e pega o pedaço de papel de sua mão trêmula.

– Vai ficar tudo bem – ele fala.

– Como posso encarar essas pessoas sem saber quem fez isso? – ela pergunta.

O anfitrião põe a mão aberta nas costas do vestido branco de seda dela que combina com a casa, e a madame se endireita, acerta os ombros e de repente tudo fica muito silencioso.

– Eles são seus convidados – ele fala. – E esta festa é muito importante.

A cena é engraçada porque parece um ventriloquo dando vida ao seu boneco. A madame olha para o marido e com um empurrão carinhoso o anfitrião a leva de volta à sala de jantar. O papel cai no chão e o balanço da porta da cozinha que abre para os dois lados o empurra para os pés de Tyler.

– O que está escrito? – Albert pergunta.

Len sai para começar a recolher os pratos de peixe.

Leslie coloca a bandeja de coração de alcachofra de volta no forno e diz:

– Fale logo o que está escrito!

Tyler olha diretamente para Leslie e responde sem nem ver o papel.

– Coloquei um pouco de urina em pelo menos um de seus muitos perfumes elegantes.

Albert sorri.

– Você mijou no perfume dela?

Não, diz Tyler. Ele apenas deixou o bilhete no meio dos frascos. Ela tem um milhão deles na frente do espelho do banheiro.

Leslie sorri.

– Então você não fez isso de verdade?

– Não – Tyler responde. – Mas ela não sabe disso.

No resto da noite naquele jantar na casa branca e de vidro que ficava no céu, Tyler continuou retirando os pratos de alcachofras frias, depois vitela fria com *pommes duchesse* frias, depois *choufleur à la polonaise* frias da frente da anfitriã e enchendo o copo dela de vinho muitas vezes. A madame ficou ali sentada observando as convidadas comendo até que, entre retirarem os pratos do *sorbet* e servirem o *gateau* de damasco, o lugar dela na cabeceira da mesa ficou vazio de repente.

Eles estavam limpando tudo depois que os convidados foram embora, carregando os coolers e as porcelanas para a van do hotel, quando o anfitrião entrou na cozinha e pediu que Albert o ajudasse com algo pesado.

Leslie comentou que talvez Tyler tivesse ido longe demais.

Bem alto e claro, Tyler diz como eles matavam baleias para fazerem aquele perfume que custa mais do que uma onça de ouro. A maioria das pessoas nunca viu uma baleia. Leslie tem dois filhos em um apartamento perto da estrada e a madame anfitriã tem mais dinheiro em garrafas de perfume do que todos nós ganharemos em um ano de trabalho.

Albert volta depois de ajudar o anfitrião e liga para a emergência. Então põe a mão sobre o bocal e diz:

– Caras, Tyler não devia ter escrito o bilhete.

– Por que não conta para o gerente do bufê? Me faça ser demitido. Não me casei com essa merda de emprego – Tyler responde.

Todos olham para baixo.

– Perder o emprego – Tyler continua – é a melhor coisa que pode acontecer a qualquer um de nós. Assim pararíamos de enrolar e faríamos algo com nossa vida.

Albert volta a falar no telefone e diz que precisamos de uma ambulância e passa o endereço. Aguardando na linha, Albert diz que a anfitriã está bem detonada. Albert teve de pegá-la ao lado do vaso sanitário. O anfitrião não pode fazer isso porque a madame disse que foi ele quem mijou em seus perfumes e que ele estava tentando enlouquecê-la ao ter um caso com uma das convidadas daquela noite, e que estava cansada de todas as pessoas que eles chamavam de amigos.

O anfitrião não pode carregá-la porque a madame caiu atrás do vaso ainda usando seu vestido branco e segurava um vidro de perfume quebrado. Ela dizia que cortaria a própria garganta se ele tentasse encostar nela.

– Legal – Tyler falou.

E Albert está fedendo.

Leslie diz:

– Albert, querido, você está fedendo.

Albert diz que não tinha como alguém sair daquele banheiro e não estar fedendo. Todos os perfumes estavam quebrados no chão e o vaso estava cheio com outros vidros. Eles pareciam gelo, Albert continuou, igual às festas chiques do hotel que eles colocavam gelo moído nos mictórios. O banheiro estava fedido e o chão está cheio de pedacinhos de gelo que não derretem, e quando Albert ajuda a madame a se levantar, com seu vestido branco molhado com manchas amarelas, ela balança o braço para jogar o vidro quebrado no anfitrião, escorrega no perfume e nos vidros quebrados e cai com as mãos apoiando-se no chão.

Ela chora e está sangrando abraçada ao vaso sanitário. Ah, e diz que está doendo.

– Oh, Walter, está doendo. E ardendo – ela diz.

O perfume, todas aquelas baleias mortas nos cortes em suas mãos, é o que faz arder.

O anfitrião a levanta e a abraça, e madame mantém as mãos para cima como se estivesse rezando, mas as mantém a um centímetro uma da outra, com o sangue escorrendo pelas palmas, descendo pelos pulsos, passando pelo bracelete de diamante e indo até os cotovelos, de onde pingavam no chão.

E o anfitrião dizia:

– Vai ficar tudo bem, Nina.

– Minhas mãos, Walter – madame responde.

– Vai ficar tudo bem.

– Quem faria isso comigo? – ela perguntou. – Quem pode me odiar tanto assim?

O anfitrião se virou para Albert e disse:

– Pode chamar uma ambulância, por favor?

Essa foi a primeira missão de Tyler como terrorista da indústria de serviços. Garçom guerrilheiro. Um espoliador de salário mínimo. Tyler já faz isso há anos, mas diz que tudo fica mais divertido se for uma atividade dividida com mais alguém.

No final da história de Albert, Tyler sorri e diz:

– Legal.

De volta ao hotel e ao presente, dentro do elevador parado entre os andares da cozinha e o do banquete,uento a Tyler como espirrei na truta ao *aspic* na convenção de dermatologistas e três pessoas me disseram que estava salgada e uma que estava deliciosa.

Tyler dá uma sacudida em cima da sopa e diz que acabou. Fazer isso é fácil com sopa fria, *vichyssoise* ou quando o cozinheiro decide fazer um gaspacho bem fresco. E é impossível com aquela sopa de cebola que tem uma crosta de queijo derretido em cima. Se eu comer aqui um dia, é isso que vou pedir.

Tyler e eu estamos começando a ficar sem ideias. Fazer coisas com a comida já ficou chato, e é praticamente parte do nosso trabalho. Então ouvi de um médico, ou advogado ou quem quer que seja que o vírus da hepatite pode viver até seis meses em aço inoxidável. Isso faz você pensar em quanto tempo o vírus poderia viver em uma charlota russa com creme de rum.

Ou em um salmão ao molho.

Perguntei ao médico onde poderíamos achar um desses vírus da hepatite e ele estava bêbado o suficiente para rir.

Tudo vai para o depósito de lixo hospitalar, ele contou.

E então riu.

Tudo.

O depósito de lixo hospitalar parece o fundo do poço.

Com uma mão sobre os controles do elevador, pergunto a Tyler se está pronto. A cicatriz nas costas da minha mão está vermelha, inchada e brilhante como um par de lábios no exato formato do beijo de Tyler.

– Um segundo – ele diz.

A sopa de tomate deve estar bem quente ainda, pois a coisa torta que Tyler põe de volta para dentro da calça ficou tão rosada quanto um enorme camarão fervido.

[7](#). Famosa sobremesa italiana feita de camadas de suspiro, morangos e frutas vermelhas. (N. do T.)

**NA AMÉRICA DO SUL**, Terra do Encantamento, poderíamos estar nadando em um rio onde peixes bem pequenos entrariam na uretra de Tyler. Esses peixes têm espinhas afiadas que se abrem e, uma vez dentro de Tyler, montam acampamento e ficam prontos para colocarem seus ovos. Isso demonstra como há muitas maneiras piores de passarmos nossas noites de sábado.

– Podia ser pior – Tyler diz – do que fizemos com a mãe de Marla.

Digo para ele calar a boca.

Tyler responde dizendo que o governo francês poderia ter nos levado para um complexo subterrâneo nas cercanias de Paris onde caras que nem eram cirurgiões, e sim peritos semiqualificados, arrancariam nossas pálpebras como parte de um teste de toxicidade de um spray de bronzeamento.

– Esse tipo de coisa acontece – Tyler explica. – Leia mais jornais.

O pior é que sei o que Tyler tem feito com a mãe de Marla, mas, pela primeira vez desde que o conheço, Tyler tinha dinheiro para gastar. Ele estava ganhando grana de verdade. A Nordstrom ligou e pediu duzentos sabonetes faciais de açúcar mascavo que Tyler fazia para antes do Natal. Sendo que cada sabonete custa vinte pratas, que era o preço sugerido no varejo, tínhamos dinheiro para sair no sábado à noite. E para consertar o vazamento de gás. Para dançar. Sem precisar me preocupar com dinheiro, talvez pudesse largar meu emprego.

Tyler chama a si mesmo de Companhia de Sabão da Paper street. As pessoas andam dizendo que são os melhores sabonetes do mundo.

– O pior teria sido se você comesse accidentalmente a mãe da Marla – ele diz.

Com a boca cheia de frango *kung pao* eu o mando apenas calar a boca.

Nesta noite de sábado estamos no banco da frente de um Impala 1968 na primeira fileira de um pátio de uma loja de carros usados. Eu e Tyler estamos conversando e bebendo latas de cerveja no banco da frente do Impala que é maior que a maioria dos sofás. Os pátios de lojas de usados nesta avenida são chamados de Pátios da Sorte, onde os carros por aqui custam por volta de duzentos dólares e, durante o dia, os ciganos proprietários desses locais ficam nos escritórios de madeira fumando charutos longos e finos.

Os carros aqui são o primeiro meio detonado que os garotos dirigem no colegial. Gremlins, Pacers, Mavericks, Hornets, Pintos, picapes, Camaros rebaixados, Dusters e Impalas. Carros que as pessoas amavam e que depois abandonaram. Animais no curral. Vestidos de madrinhas no bazar da Boa Vontade. São carros com para-lamas amassados e remendos na lataria em cinza, vermelho ou preto que ninguém se preocupou em lixar. Interior de madeira plastificada, couro plastificado e cromo plastificado. À noite, os ciganos nem se preocupam em trancar as portas dos carros.

Os faróis dos carros na avenida passam por trás do preço pintado no para-brisa do Impala que é a nossa tela panorâmica de cinema. Veja os Estados Unidos por dentro. O preço é noventa e oito dólares, mas do lado de dentro ele parece custar oitenta e nove centavos. Zero, zero, vírgula, oito, nove. A América pede para você ligar.

A maioria dos carros daqui custam uns cem dólares e têm um uma etiqueta na janela do passageiro

indicando que é “Como está”.

Escolhemos o Impala porque, se precisarmos dormir em um carro no sábado à noite, ele tem os maiores bancos.

Estamos comendo comida chinesa porque não podemos ir para casa. Ou dormimos aqui ou ficamos acordados a noite toda em uma discoteca que vai até de manhã. Mas não vamos a discotecas. Tyler diz que as músicas são muito altas, especialmente as que têm uma base de baixo, que acabam ferrando o biorritmo dele. Na última vez que saímos, Tyler disse que a música alta o deixou constipado. Além disso, o som é tão alto que não dá para conversar, então, depois de umas duas bebidas, todos se sentem o centro das atenções, mas completamente separados de todas as outras pessoas.

Você vira um cadáver em um suspense policial britânico.

Estamos dormindo no carro esta noite porque Marla veio até nossa casa e ameaçou chamar a polícia para que me prendessem por ter cozinhado a mãe dela, depois ficou batendo nas paredes da casa e gritando que eu era um demônio, um canibal e começou a chutar as pilhas de *Reader's Digest* e *National Geographic*, então eu a deixei lá. Sem falar nada.

Depois de seu suicídio accidental proposital de Xanax no Regent Hotel, não consigo imaginar Marla chamando a polícia, mas Tyler achou que seria bom dormirmos fora de casa esta noite, só para garantir.

Para o caso de Marla botar fogo na casa.

Para o caso de Marla conseguir uma arma.

Para o caso de Marla ainda estar na casa.

Só para garantir.

Tentei ficar centrado.

Olhando o rosto branco da lua

As estrelas nunca ficam bravas

Blá-blá-blá e fim

Aqui, com os carros passando na avenida, uma cerveja na mão, dentro do Impala com a direção fria e dura de baquelita de uns noventa centímetros de diâmetro e o assento de vinil rachado pinicando minha bunda por cima do jeans, Tyler diz:

– Mais uma vez. Me diga exatamente o que aconteceu.

Durante semanas eu ignorei o que Tyler estava fazendo. Uma vez fui com Tyler até o correio e o vi mandar um telegrama para mãe de Marla.

TERRIVELMENTE ENRUGADA (ponto) POR FAVOR ME AJUDE! (fim)

Tyler mostrou o cartão de biblioteca de Marla ao atendente e assinou o nome dela no pedido de telegrama, depois gritou que sim, Marla podia ser um nome de homem às vezes e que o atendente devia cuidar dos próprios problemas.

Quando estávamos saindo de lá, Tyler me disse que se o amava eu confiaria nele. Aquilo era algo que eu não precisava saber, ele falou, e depois me levou para comer homus no Garbonzo's.

Mas o que realmente me assustou não foi o telegrama e, sim, comer fora com Tyler. Nunca, mas nunca mesmo, vi Tyler pagando algo em dinheiro. Quando quer roupas, Tyler vai a academias e hotéis e reclama coisas deixadas no achados e perdidos. O que já é melhor do que Marla, que vai a

lavanderias para roubar calças jeans das secadoras e vender cada peça por doze dólares em brechós. Tyler nunca comeu em restaurantes e Marla não está enrugada.

Sem qualquer razão aparente, Tyler mandou uma caixa enorme de chocolates para a mãe de Marla.

Outro modo desta noite de sábado ter sido pior, Tyler continua enquanto estamos no Impala, é encontramos uma aranha marrom. Quando ela pica você, injeta não só o veneno, mas também uma enzima digestiva ou um ácido que dissolve a pele ao redor da picada, literalmente derretendo o braço, a perna ou o rosto.

Tyler estava se escondendo quando tudo isso começou. Marla chegou em casa e nem bateu, ela se inclinou para dentro da porta e gritou:

– Ô de casa.

Eu estava completamente concentrado lendo uma *Reader's Digest* na cozinha.

Marla grita:

– Tyler. Posso entrar? Você está em casa?

Grito que Tyler não está.

– Não seja mau assim – Marla grita.

Nesse momento eu já estou na porta da frente. Marla está na no vestíbulo com um pacote da Federal Express na mão e diz:

– Preciso colocar uma coisa na sua geladeira.

Sigo seus calcanhares enquanto ela vai para a cozinha e digo não.

Não.

Não.

Não.

Ela não vai começar a deixar as porcarias dela nesta casa.

– Mas docinho – Marla fala. – Não tenho geladeira no hotel e você disse que eu podia usar a sua.

Não disse nada. A última coisa que quero é a Marla se mudando para cá, trazendo uma porcaria dela por vez.

Marla rasgou o pacote da Federal Express em cima da mesa da cozinha, tira algo branco de dentro da embalagem de espuma e sacode a coisa branca na minha cara.

– Isso não é porcaria – ela diz. – Você está falando da minha mãe, então vá se foder.

O que Marla tirou do pacote é um daqueles plásticos com fecho cheios de material branco que Tyler aquece para separar o sebo e fazer sabão.

– As coisas poderiam ter sido piores – Tyler fala –, se por acidente você tivesse comido o que tinha dentro daqueles plásticos. Você podia ter se levantado no meio da noite e espremido a gosma branca em um prato, acrescentando uma mistura de sopa de cebola e a comida molhando batatas fritas nela. Ou brócolis.

Naquela hora, mais do que qualquer coisa no mundo, enquanto Marla e eu estávamos parados na cozinha, eu não queria que ela abrisse a geladeira.

Perguntei o que ela ia fazer com aquela coisa branca.

– Lábios parisienses – Marla responde. – Quando você começa a envelhecer seus lábios vão murchando para dentro da boca. Estou guardando para uma injeção de colágeno nos lábios. Tenho quase treze quilos de colágeno em sua geladeira.

Pergunto qual o tamanho de lábio que ela quer.

Marla responde que é a operação que a deixa com medo.

Conto a Tyler, ainda no Impala, que a coisa branca dentro do pacote da Federal era a mesma que usamos para fazer sabão. Desde que descobriram que o silicone era perigoso, o colágeno se tornou o item da moda para ser injetado a fim de suavizar rugas, aumentar lábios ou melhorar queixos pequenos. Pelo que Marla explicou, a maioria do colágeno barato que você consegue é de gordura de vaca esterilizada e processada, mas esse tipo de produto barato não dura muito no corpo. Toda vez que você o injeta, digamos nos lábios, o corpo o rejeita e começa a expulsá-lo. Seis meses depois você terá lábios finos novamente.

O melhor tipo de colágeno, Marla me contou, é o de sua própria gordura, tirado das coxas, processado, limpo e injetado de volta nos lábios. Ou onde você quiser. Esse colágeno se manterá no lugar.

Aquelas coisas na geladeira de casa eram o fundo de investimento de colágeno de Marla. Toda vez que sua mãe ficava com umas gordurinhas a mais ela fazia uma lipo, sugava tudo e guardava. Marla diz que o processo se chama *recolhimento*. Se a mãe dela não precisasse do colágeno para si mesma ela o mandava para a filha. Marla nunca engorda e a mãe achou que usar colágeno familiar seria melhor do que se ela precisasse usar o de vaca.

A luz ao longo da avenida passa através da mensagem na janela do carro e deixa impresso o “Como está” na bochecha de Tyler.

– Aranhas podem pôr seus ovos e as larvas andariam sob a pele – Tyler fala. – Sua vida pode ser tão ruim assim.

Meu frango com amêndoas com molho cremoso, a esta altura, está com o gosto de algo sugado das coxas da mãe de Marla.

Foi bem ali, parado na cozinha ao lado de Marla, que descobri o que Tyler tinha feito.  
**TERRIVELMENTE ENRUGADA.**

E também descobri por que ele tinha mandado chocolates para a mãe dela.  
**POR FAVOR ME AJUDE.**

Digo para Marla que ela não vai querer olhar a geladeira.  
– Fazer o quê? – ela pergunta.

– Nunca comemos carne vermelha – Tyler me fala ainda no Impala, e ele não pode usar gordura de frango senão o sabão não endurece para formar uma barra. – O material está fazendo uma fortuna. Pagamos o aluguel com aquele colágeno.

Digo que ele devia ter contado a Marla. Agora ela pensa que a culpa é minha.  
– Saponificação – ele continua – é a reação química de que você precisa para fazer um bom sabão. Gordura de frango não funciona e nenhuma outra que tenha muito sal também.

Ele continua:

– Ouça o que vou dizer. Temos um pedido grande a cumprir. Precisamos mandar mais chocolates para a mãe de Marla e talvez uns bolos.

Não acho que isso funcionará mais.

Resumindo a história, Marla olhou na geladeira. Bom, ouve uma pequena confusão antes. Tentei

detê-la, o saco plástico que ela segurava caiu no chão, se abriu e nós dois escorregamos naquela meleca branca e gordurosa e tentamos nos equilibrar. Seguro Marla pela cintura, de costas para mim, seus cabelos negros batem em meu rosto, seus braços estão junto ao corpo e fico repetindo que não fui eu. Não fui eu.

Não fiz isso.

– Minha mãe! Você a está espirrando para todo lado!

Com meu rosto pressionado atrás da orelha dela digo que precisávamos para fazer sabão. Tínhamos que lavar minhas calças, pagar o aluguel e consertar o vazamento de gás. E não fui eu.

Foi o Tyler.

– Mas que porra você está dizendo? – Marla grita e pula para fora de sua saia. Tento me levantar do chão escorregadio ainda segurando a saia de chita Indiana dela enquanto Marla, de calcinha, salto anabela e blusa camponesa abre o congelador da geladeira e não encontra seu fundo de investimento de colágeno lá dentro.

Só tem duas pilhas velhas de lanterna e nada mais.

– Onde está ela?

Já estou rastejando para trás com as mãos e os pés escorregando no chão de linóleo e a bunda deixando um rastro na sujeira afastando-se de Marla e da geladeira. Seguro a saia diante do rosto para não ter de olhar para ela enquanto conto.

A verdade.

Fizemos sabão com aquilo. Com ela. A mãe de Marla.

– Sabão?

Sabão. Você ferve a banha. Mistura com soda cáustica. O resultado é sabão.

Quando Marla grita, eu jogo a saia no rosto dela e corro. E escorrego. E corro.

Marla corre atrás de mim pela casa, patinando nas curvas e apoiando-se nas molduras das janelas para dar impulso. E escorregando.

Deixando marcas engorduradas e de sujeira no papel de parede florido. Caindo e deslizando até o rodapé das paredes, levantando-se e correndo.

– Você ferveu minha mãe! – Marla gritava.

Tyler ferveu a mãe dela.

Marla gritava e mantinha-se a apenas uma unha atrás de mim.

Tyler ferveu a mãe dela.

– Você ferveu minha mãe!

A porta da frente ainda estava aberta.

E então saí correndo da casa e Marla ficou gritando lá da entrada. Meus pés não escorregaram no concreto da calçada e então continuei correndo. Até encontrar Tyler, ou ele me encontrar, e eu lhe contar o que tinha acontecido.

Cada um com sua cerveja, Tyler e eu nos deitamos nos bancos do carro, eu fiquei com o da frente. Marla provavelmente ainda está em casa jogando revistas contra a parede e gritando que sou um moleque e um monstro capitalista de duas caras, bastardo e malvado. Os quilômetros de noites que eu e Marla já rodamos têm insetos, melanomas e vírus comedores de carne. O lugar onde estou não é tão ruim assim.

– Quando um homem é atingido por um raio – Tyler fala –, sua cabeça derrete e vira uma bola de

beisebol fumegante e seu zíper derrete e não abre mais.

Pergunto se atingimos o fundo do poço esta noite.

Tyler se recosta e pergunta:

– Se Marilyn Monroe ainda estivesse viva, o que estaria fazendo?

Respondo dizendo boa-noite.

O estofado do teto está rasgado e seus farrapos pendurados.

– Estaria arranhando a tampa de seu caixão – Tyler responde.

**MEU CHEFE ESTÁ** parado perto demais de minha mesa com seu pequeno sorriso de lábios comprimidos, finos e esticados, e seu saco no meu cotovelo. Desvio os olhos do envelope de uma carta para uma campanha de recall e olho para ele. Essas cartas sempre começam da mesma forma:

“Este aviso está sendo enviado de acordo com as especificações da Lei Nacional de Segurança dos Veículos Motorizados. Concluímos que há um defeito...”.

Nessa semana eu apliquei a fórmula do risco e, pela primeira vez, o *A* vezes *B* vezes *C* ficou maior do que o custo do recall.

Nessa semana o culpado é o pequeno clipe que segura a borracha do para-brisa. Um item descartável. Apenas duzentos veículos afetados. Quase nada de custo de mão de obra.

A semana passada foi mais comum. Na semana passada o problema foi o couro do estofamento tratado com uma substância reconhecidamente teratogênica, o Nirret sintético ou qualquer coisa igualmente ilegal que ainda é usada em curtumes do terceiro mundo. E é tão forte que pode provocar problemas congênitos no feto de uma mulher grávida que tiver contato com ele. Na semana passada ninguém ligou para o Departamento de Entregas. Ninguém iniciou um recall.

Couro novo multiplicado pelo custo da mão de obra multiplicado pelo custo administrativo dava mais do que nossos lucros no primeiro trimestre do ano. Se alguém descobrir nosso erro um dia, podemos indenizar várias famílias que estão sofrendo e ainda ter um gasto menor do que refazer o revestimento de couro de seiscentos e cinquenta carros.

Mas nesta semana faremos uma campanha de recall. E nesta semana a minha insônia está de volta. E além dela o mundo todo resolveu me visitar e cagar no meu túmulo.

Meu chefe está usando gravata cinza, então hoje deve ser terça-feira.

Ele traz uma folha de papel até a minha mesa e pergunta se perdi algo. Diz que aquele papel tinha sido deixado na copiadora e começa a ler:

– A primeira regra do clube da luta é que você não fala sobre o clube da luta.

Seus olhos descem pelo papel e ele começa a rir.

– A segunda regra do clube da luta é que você não fala sobre o clube da luta.

Ouço as palavras de Tyler vindo do meu chefe, o Senhor Chefe que está na meia-idade, foto da família na mesa e sonhos de uma aposentadoria precoce e de invernos em um trailer em algum deserto do Arizona. Meu chefe, com camisas extremamente engomadas e com horário marcado para cortar o cabelo todas as terças após o almoço, olha para mim e diz:

– Espero que isto não seja seu.

Sou o Sangue de Joe Fervendo de Raiva.

Tyler me pediu para digitar as regras do clube da luta e fazer dez cópias para ele. Não nove nem onze. Tyler disse que queria dez. Mas estou com insônia e só me lembro de ter dormido três noites atrás. Aquele deve ser o original que digitei. Fiz dez cópias, mas me esqueci do original. A luz da copiadora, igual à da câmera de um paparazzo, me cegava. A insônia o distancia de tudo, a cópia da cópia da cópia. Você não consegue tocar em nada e nada consegue tocar em você.

Meu chefe continua lendo.

– A terceira regra do clube da luta é que são apenas dois homens por luta.

Nenhum de nós pisca.

Ele continua.

– Uma luta por vez.

Não durmo há três dias, a menos que esteja dormindo agora. Meu chefe sacode a folha de papel diante do meu nariz. E então, ele me pergunta. Será que aquilo é um joguinho que ando fazendo durante o trabalho? Sou pago para ter atenção total e não perder tempo com joguinhos de guerra. E não sou pago para abusar da copiadora.

E então? Ele sacode o papel diante do meu nariz. Ele pergunta o que acho e o que deve fazer com um empregado que gasta o tempo na empresa com um mundo de fantasia. Se eu fosse ele, o que faria?

O que eu faria?

O buraco na minha bochecha, o roxo em volta dos meus olhos e a cicatriz vermelha e inchada no formato do beijo de Tyler nas costas da minha mão, a cópia da cópia da cópia.

Especulação.

Por que Tyler quer cópias das regras do clube da luta?

Vaca hindu.

Digo a ele que eu tomaria muito cuidado a respeito de com quem falaria sobre aquele papel.

Digo que parece que alguém muito perigoso, psicótico e assassino escreveu aquilo e que esse esquizofrênico com um parafuso a menos poderia muito bem perder a cabeça a qualquer momento de um dia de trabalho e ir de escritório em escritório com uma carabina semiautomática Armalite AR-180.

Meu chefe só olha para mim.

Digo que o cara provavelmente passa todas as noites em casa com uma pequena lima fazendo uma cruz nas pontas de cada uma de suas balas. Assim, quando chegar um dia de manhã no trabalho e enfiar uma bala no chefe improdutivo, rabugento, mesquinho, chorão, malvado e bunda-mole, aquela única bala explodirá bem naquelas ranhuras do mesmo jeito que uma bala dundum se fragmenta dentro de você e explode uma boa parte das entradas fedorentas e atravessa a coluna. Imagine o seu chacra do estômago se abrindo em uma explosão em câmera lenta de seu intestino delgado.

Meu chefe tira o papel da frente do meu rosto.

Digo para ele ir em frente e ler um pouco mais.

Falando sério, falo para ele, isso parece fascinante. É o trabalho de uma mente completamente doente.

E então sorrio. Os cantos do pequeno buraco em minha bochecha têm o mesmo tom de azul-escuro das gengivas dos cães. A pele esticada em volta dos meus olhos inchados parece envernizada. Meu chefe apenas olha para mim.

Digo que vou ajudá-lo.

Falo que a quarta regra do clube da luta é que só há uma luta por vez.

Ele olha para as regras e então olha para mim.

Falo que a quinta regra é nada de sapatos ou camisas em uma luta.

Meu chefe olha para as regras e depois para mim.

Digo a ele que talvez o doente filho da mãe use uma carabina Eagle Apache porque ela tem um pente de trinta balas e só pesa quatro quilos. O rifle Armalite só usa pentes de cinco tiros. Com trinta, nosso herói maluco poderia entrar no corredor de portas de mogno, atirar em todos os vice-

presidentes e ainda sobrariam balas no pente para cada diretor.

São as palavras de Tyler que saem da minha boca. Eu costumava ser uma ótima pessoa. Eu olho para meu chefe. Ele tem olhos azuis, bem azuis, meio pálidos, mas muito azuis. A carabina J & R 68 semiautomática também usa um pente de trinta tiros e só pesa três quilos. Meu chefe fica só me olhando.

Digo que é algo assustador. Que provavelmente seja alguém que ele conhece há anos. Esse cara deve saber tudo sobre ele, onde mora, onde a esposa trabalha e qual a escola de seus filhos.

Isso é exaustivo e de repente se torna muito, muito entediante.

E por que Tyler precisa de dez cópias das regras do clube da luta?

O que não preciso dizer é que sei sobre o interior de couro dos carros que causam problemas de nascença. Sei das lonas de freio falsificadas que são boas o bastante para passar pelo controle de qualidade, mas que falham depois de três mil quilômetros.

Sei do reostato do ar-condicionado que fica tão quente que queima os papéis que você tiver no porta-luvas. Sei de várias pessoas que são queimadas vivas por causa de um defeito na injeção de combustível. Já vi pessoas terem as pernas amputadas na altura dos joelhos quando os turbos compressores começaram a explodir e a mandar suas pás de hélice através da proteção até o compartimento do passageiro. Fui a campo e vi os carros queimados e os relatórios em que a CAUSA DO DEFEITO foi creditada como “desconhecida”.

Digo que não, o papel não é meu. Depois o coloco entre dois dedos e o arranco da mão dele. A ponta deve ter cortado o dedo dele, pois a mão voa direto para boca e ele chupa com força com os olhos arregalados. Faço uma bola de papel e jogo no lixo ao lado da minha mesa.

Digo a ele que talvez não devesse ficar me trazendo qualquer pedacinho de lixo que encontrar.

No domingo à noite eu vou ao Homens Remanescentes Unidos e o porão da Trindade Episcopal está quase vazio. Apenas o Grande Bob está lá e eu entro me arrastando com cada músculo dolorido por dentro e por fora, mas o coração ainda está acelerado e meus pensamentos são um tornado em minha cabeça. Isso é insônia. Seus pensamentos ficam ligados a noite inteira.

Durante a noite toda você fica pensando: eu estou dormindo? Será que dormi?

Como se fossem insultos aos machucados, os braços do Grande Bob saem das mangas da camiseta trincados de músculos e tão duros que chegam a brilhar. Ele sorri e fica muito feliz em me ver.

Ele pensou que eu estava morto.

É, falo para ele, também achei.

– Bom – ele começa. – Tenho boas-novas.

Onde está todo mundo?

– Essa é a boa-nova. O grupo debandou. Só venho até aqui para avisar isso a alguém que possa aparecer.

Caio sem forças e de olhos fechados em um dos sofás xadrezes de segunda mão.

– A boa notícia – o Grande Bob continua – é que tem um grupo novo, mas a primeira regra desse novo grupo é que você não pode falar sobre ele.

Oh.

– E a segunda regra é que você não pode falar sobre ele – Bob diz.

Ah, merda. Abro meus olhos.

Caralho.

– O grupo é chamado de clube da luta e o encontro acontece toda sexta à noite em um estacionamento fechado do outro lado da cidade – Bob me conta. – Nas quintas à noite tem outro clube da luta em um estacionamento mais próximo.

Não conheço nenhum dos dois lugares.

– A primeira regra do clube da luta – ele diz – é não falar sobre o clube da luta.

Nas noites de quarta, quinta e sexta, Tyler trabalha como projecionista de filmes. Vi o recibo do pagamento na semana passada.

– A segunda regra do clube da luta – Grande Bob continua – é não falar sobre o clube da luta.

No sábado à noite Tyler vai comigo ao clube da luta.

– Apenas dois homens em cada luta.

No domingo de manhã voltamos para casa detonados e dormimos a tarde toda.

– Apenas uma luta por vez – Bob fala.

Nas noites de domingo e segunda Tyler trabalha como garçom.

– Você deve lutar sem camisa e sem sapatos.

Na terça à noite Tyler fica em casa fazendo sabão, embrulhando-os em papel de seda e enviando-os. A Companhia de Sabão da Paper street.

– As lutas – Bob fala – duram o quanto tiverem que durar. Estas são as regras criadas pelo cara que criou o clube da luta.

– Você sabe quem é ele? – Bob me pergunta. – Eu mesmo nunca o vi – ele continua. – Mas o nome dele é Tyler Durden.

A Companhia de Sabão da Paper street.

Se eu o conheço?

Acho que não.

Talvez.

**QUANDO CHEGO** ao Regent Hotel, Marla está no saguão com um roupão de banho. Ela me ligou no trabalho e perguntou se eu podia deixar de ir à academia, biblioteca, lavanderia ou o que quer que tivesse planejado para depois do trabalho e ir me encontrar com ela.

É por isso que ela me ligou, Marla me odeia.

Ela não fala nada sobre seu fundo de investimento de colágeno.

O que ela faz é me perguntar se posso fazer um favor. Marla estava deitada nesta tarde. Ela sobrevive com as refeições que o Refeições sobre Rodas entrega para seus vizinhos que estão mortos. Marla recebe as refeições e diz que eles estão dormindo. Para resumir a história, esta tarde Marla estava deitada na cama esperando pela entrega entre meio-dia e catorze horas. Ela não tem plano de saúde faz uns dois anos e por isso parou de procurar doenças, mas hoje de manhã ela notou um caroço e que os nódulos embaixo do braço e próximos a ele eram duros e macios ao mesmo tempo, e ela não queria contar aquilo a ninguém que ama porque não quer assustá-los e também porque não tem dinheiro para ir ao médico caso não seja nada, mas precisava falar com alguém e também que outra pessoa desse uma olhada.

A cor nos olhos castanhos de Marla é parecida com a de um animal que foi aquecido em uma fornalha e depois jogado na água fria. Chamam isso de vulcanizado, galvanizado ou temperado.

Marla diz que perdoará o problema do colágeno se eu a ajudar a olhar.

Imagino que ela não ligou para o Tyler porque não quer assustá-lo. Eu sou uma pessoa neutra para ela e estou em débito.

Subimos até seu quarto e Marla diz que na natureza não vemos animais velhos porque eles morrem quando envelhecem. Se ficam doentes ou mais lentos, algo mais forte que eles os mata. Os animais não foram feitos para ficarem velhos.

Marla deita na cama, solta o laço do roupão e diz que a nossa cultura fez a morte ser algo errado. Os animais velhos é que deviam ser as exceções não naturais.

Aberrações.

Marla está fria e quando enquantouento a ela que eu tive uma verruga na época da faculdade. No pênis, mas eu digo pau. Fui até a escola de medicina para que fosse removida. A verruga. Depois contei ao meu pai. Mas foi anos depois e ele riu e disse que eu era um tonto, pois essas verrugas são como usar uma daquelas camisinhas com ranhuras para o prazer da mulher. Elas adoravam isso e Deus estava me fazendo um favor.

Me ajoelho ao lado da cama de Marla ainda com as mãos frias por causa do clima lá fora e sinto a pele fria dela, um pouco por vez, e a aperto entre meus dedos, cada centímetro. Marla diz que essas verrugas que são um presente de Deus dão câncer cervical nas mulheres.

Então eu estava sentado em um papel descartável sobre a maca em uma sala na escola de medicina enquanto uma residente espirrava um spray de nitrogênio líquido no meu pau e oito alunos de medicina assistiam. É nesse tipo de lugar que você vai se não tiver plano de saúde. Eles só não chamam de pau e, sim, de pênis, mas não importa como você o chame, eles jogam nitrogênio líquido e você bem que poderia queimar com soda cáustica, porque dói muito do mesmo jeito.

Marla ri daquilo até perceber que meus dedos pararam. Como se eu tivesse encontrado algo.

Ela prende a respiração, a barriga parece um tambor e o coração parece a baqueta batendo e esticando a pele do tambor de dentro para fora. Mas não, parei porque estava conversando e porque, por um minuto, nenhum de nós estava naquele quarto. Estávamos na escola médica muitos anos atrás, sentados no papel grudento com meu pau pegando fogo por causa do nitrogênio líquido quando um dos alunos viu meus pés descalços e saiu da sala rapidamente dando dois passos largos. Ele voltou atrás de três médicos de verdade e eles empurraram o homem com a lata de nitrogênio líquido para o lado.

Um dos médicos de verdade pegou meu pé direito e o levantou diante dos outros dois médicos. Eles viraram, cutucaram e tiraram fotos de polaroide do meu pé como se o resto da pessoa, que estava meio vestida e com o presente de Deus meio congelado, não existisse. Apenas o pé, e o resto dos estudantes se acotovelavam para ver.

– Há quanto tempo você tem essa mancha vermelha no pé? – o médico perguntou.

Ele estava falando da minha marca de nascença no pé direito, que meu pai diz que parece uma Austrália vermelho-escura com uma pequena Nova Zelândia bem ao lado dela. É o que digo a eles e isso desencadeia o desinteresse de todos. Meu pau estava descongelando. Todos menos o estudante com o nitrogênio saem e fica uma sensação de que ele também queria ir. Ele estava tão desapontado que não olhou para mim enquanto pegava a cabeça do meu pau e esticava na direção dele. Então espirrou um pouco de spray no que sobrava da verruga. Minha sensação era de que, se fechasse os olhos e imaginasse que meu pau estava a centenas de quilômetros de distância, ele ainda doeria.

Marla olha para minha mão e para a cicatriz na forma do beijo de Tyler.

Falei para o estudante de medicina que eles não deviam ver muitas marcas de nascença por ali.

Não era isso. Ele me respondeu que todos pensaram que era câncer. Havia um novo tipo que estava assolando homens jovens. Primeiro acordavam com uma marca vermelha no pé ou tornozelo, então a marca não sumia e começava a se espalhar pelo corpo até cobri-lo inteiro e você morrer.

O estudante disse que os médicos e todos os outros estavam muito animados porque pensaram que eu tinha aquele câncer. Muito pouca gente havia tido até aquele momento, mas estava se espalhando.

Isso aconteceu há muitos e muitos anos.

Digo a Marla que é assim que é o câncer. Sempre haverá erros, mas o ponto é não se esquecer do resto de você se uma pequena parte talvez ficar ruim.

– Talvez – Marla diz.

O estudante com o nitrogênio terminou e disse que a verruga cairia em alguns dias. No papel grudento perto da minha bunda nua estava a foto da polaroide do meu pé que ninguém mais queria. Perguntei se podia ficar com a foto.

Ainda tenho essa foto no meu quarto, presa no canto do espelho. Penteio o cabelo todas as manhãs antes de ir para o trabalho e penso em como tive câncer por dez minutos um dia e que era pior do que câncer.

Conto a Marla que este feriado de Ação de Graças foi o primeiro que eu e meu avô não fomos patinar no gelo, mesmo o gelo estando bem grosso. Minha avó sempre tinha uns curativos redondos na testa e nos braços onde as pintas que teve a vida toda não pareciam estar bem. Ou ficavam com as extremidades franjadas ou de marrom tinham ficado azuis ou pretas.

Na última vez que minha avó saiu do hospital o meu avô carregou a mala dela e estava tão pesada que ele reclamou que estava pendendo para um lado. Minha avó, que era canadense do lado francês,

era tão recatada que nunca usou uma roupa de banho em público e sempre ligava a torneira da pia para esconder qualquer som que pudesse fazer no banheiro. Saindo do hospital Nossa Senhora de Lourdes após uma mastectomia parcial, ela respondeu ao meu avô:

– Você está pendendo para um lado?

Para o meu avô aquilo resume a história toda, a minha avó, o câncer, o casamento dele e sua vida. Ele ri sempre que conta essa história.

Marla não está rindo. Quero fazê-la rir, aquecê-la. Fazer com que me perdoe por causa do colágeno, quero dizer a ela que não há nada ali para ser encontrado. Se ela achou algo naquela manhã, foi um erro. Uma marca de nascença.

Marla tem a cicatriz com a marca do beijo de Tyler nas costas da mão dela.

Quero fazer Marla rir e por isso não conto a ela da última vez que abracei Chloe, a Chloe sem cabelos, o esqueleto mergulhado em cera amarela com um lenço de seda amarrado cobrindo a careca. Abracei Chloe uma última vez antes que ela desaparecesse para sempre. Disse que parecia um pirata e ela riu. Eu, quando vou à praia, sempre me sento com o pé direito embaixo de mim. Austrália e Nova Zelândia. Ou então eu o enterro na areia. Tenho medo de que as pessoas vejam meu pé e então eu comece a morrer na mente delas. O câncer que não tenho está em todo lugar agora. Não conto isso a Marla.

Tem um monte de coisas que não queremos saber sobre as pessoas que amamos.

Para aquecê-la e fazer com que ria,uento a Marla sobre a mulher que escreveu para a coluna de conselhos “Dear Abby”<sup>8</sup> contando que se casou com um agente funerário belo e rico e, em sua noite de núpcias, ele a fez mergulhar em uma banheira de água gelada até a pele ficar muito fria, depois a fez deitar na cama completamente imóvel enquanto ele transava com seu corpo frio e inerte.

O engraçado é que a mulher fez isso quando casou e continuou a fazê-lo nos dez anos seguintes, e só agora estava escrevendo para a coluna para perguntar se Abby achava que aquilo significava algo.

<sup>8</sup>. “Querida Abby”, em português. Trata-se do nome de uma coluna de conselhos fundada em 1956 por Pauline Phillips sob o pseudônimo de Abigail Van Buren.

**É POR ISSO QUE** eu gostava tanto dos grupos de apoio, se as pessoas achavam que você estava morrendo, elas lhe davam total atenção.

Se fosse a última vez que o viam, então realmente prestavam atenção em você. Todo o resto em relação ao balanço de seus cheques, músicas de rádio e cabelos bagunçados era jogado pela janela.

Você tinha a atenção total deles.

As pessoas ouviam em vez de apenas esperar a própria vez de falar.

E quando falavam não contavam uma história. Quando vocês dois falavam, construíam algo e depois os dois eram pessoas diferentes de antes.

Marla tinha começado a ir aos grupos de apoio depois de encontrar o primeiro caroço.

Na manhã após acharmos o segundo caroço, Marla entrou pulando na cozinha com as duas pernas enfiadas em uma das pernas de uma meia-calça e disse:

– Olha, sou uma sereia. – Depois continuou. – Isto não é igual a quando um cara senta ao contrário na privada e finge que é uma moto. Isto é um acidente de verdade.

Um pouco antes de Marla e eu nos conhecermos no Homens Remanescentes Unidos, veio o primeiro caroço, e agora apareceu o segundo.

O que você precisa saber é que Marla ainda está viva. A filosofia de vida de Marla, ela me disse, é que ela pode morrer a qualquer momento. A tragédia na vida dela é que ela não morre.

Quando Marla encontrou o primeiro caroço ela foi a uma clínica onde mães espantalho encurvadas se sentavam em cadeiras de plástico em três cantos da sala de espera com crianças moles como bonecas largadas no colo ou deitadas aos seus pés. As crianças tinham olhos fundos e uma coloração escura em volta deles como laranjas ou bananas que ficam ruins e caem, e as mães coçavam por cima da cama de caspa causada pelas infecções fora de controle no couro cabeludo. Do jeito que os dentes pareciam enormes no rosto fino de todos na clínica, você percebia que eles são apenas pedaços de osso que saem da pele para poder triturar as coisas.

É aqui que você termina se não tem plano de saúde.

Antes que alguém soubesse de algo melhor, muitos gays quiseram ter filhos, mas agora as crianças estão doentes, as mães estão morrendo e os pais já morreram, e ali sentada no hospital com cheiro de vômito, mijo e vinagre, enquanto a enfermeira pergunta para cada mãe há quanto tempo está doente, quanto peso perdeu e se o filho dela tem algum parente vivo ou guardião, Marla decide que não.

Se vai morrer, Marla não quer saber a respeito.

Ela sai da clínica, dobra a esquina e entra em uma lavanderia e rouba todas as calças jeans das secadoras, depois vai até um comprador que paga quinze pratas por cada uma. Então Marla compra uma meia-calça daquelas realmente boas que não desfiam.

– Mas até as que não desfiam podem furar – Marla fala.

Nada é estático. Tudo está desmoronando.

Marla começou a ir aos grupos de apoio porque era mais fácil estar próxima de outros limpadores de bundas. Todos têm algo de errado. E por um tempo o coração dela praticamente parou.

Marla começou a trabalhar vendendo planos de funerais para um necrotério onde, às vezes, homens

gordos, mas em geral mulheres gordas, saíam do showroom carregando uma urna de crematório do tamanho de um oveiro e Marla se sentava à sua escrivaninha na entrada com o cabelo preso, a meia-calça furada, o caroço no seio e a condenação pairando sobre a cabeça e dizia:

– Não tente se enganar, senhora. Não conseguiria colocar nem a cabeça cremada nessa coisinha. Volte lá e pegue uma urna do tamanho de uma bola de boliche.

O coração de Marla tem a aparência da minha cara. O lixo do mundo. Humano limpador de bunda depois de consumido e que ninguém jamais teria o trabalho de reciclar.

Marla me diz que entre a clínica e os grupos de apoio ela tinha conhecido um monte de gente que já havia morrido. Aquelas pessoas estavam mortas e do outro lado, e à noite elas telefonavam. Marla ia a bares e ouvia os atendentes chamando seu nome, mas quando pegava o telefone a linha estava muda.

Naquela época ela achou que aquilo era o fundo do poço.

– Quando você tem vinte e quatro anos – ela diz –, não tem ideia do quanto realmente pode cair, mas eu aprendia rápido.

Na primeira vez que Marla encheu uma urna de cremação, ela não usou uma máscara e, mais tarde, quando assou o nariz saiu um pó preto que era o Senhor Quem Quer Que Fosse junto com a secreção.

Na casa na Paper street, se o telefone tocasse apenas uma vez e você atendesse e não tivesse ninguém na linha, saberia que era alguém tentando falar com Marla. Isso acontecia mais do que você possa imaginar.

Na casa na Paper street um detetive começou a ligar perguntando sobre a explosão no meu apartamento e Tyler ficou em pé com o peito encostado em meu ombro sussurrando em meu ouvido enquanto eu segurava o telefone no outro ouvido, e o detetive me perguntou se eu conhecia alguém que sabia fazer dinamite caseira.

– O desastre é uma parte natural da minha evolução – Tyler sussurrou – rumo à tragédia e à dissolução.

Digo ao detetive que foi a geladeira que explodiu o meu apartamento.

– Estou rompendo meus vínculos com a força física e os bens materiais – Tyler sussurra –, pois apenas ao me destruir posso descobrir o poder superior do meu espírito.

O detetive disse que a dinamite continha impurezas, um resíduo de oxalato de amônia e perclorato de potássio, que podia indicar que era uma bomba caseira, e a tranca da porta da frente estava destruída.

Digo que estava em Washington, D.C., naquela noite.

No telefone, o detetive explica que alguém espirrou uma lata de freon na lingueta da fechadura e então arrebentou o tambor com um formão. É assim que os ladrões andam roubando as bicicletas.

– O libertador que destruir minha propriedade estará lutando para salvar meu espírito – Tyler fala.  
– O professor que tirar todos os bens materiais do meu caminho estará me libertando.

O detetive disse que a mesma pessoa que pôs a dinamite pode ter ligado o gás e apagado a chama piloto no forno dias antes da explosão, o gás foi apenas o gatilho. Levou alguns dias para se espalhar pelo apartamento e alcançar o compressor ao pé da geladeira e então o motor do compressor causou a explosão.

– Diga a ele – Tyler sussurra. – É claro que foi você que explodiu tudo. É o que ele quer ouvir.

Digo ao detetive que não, não deixei o gás aberto e depois fui viajar. Eu amava minha vida.

Adotava cada parte da mobília. Eram a minha vida. Tudo que estava lá, abajures, cadeiras, sofás, era a minha cara. Os pratos nos armários eram eu. As plantas eram eu. A televisão era eu. Fui eu quem explodiu. Ele não enxergava isso?

O detetive disse para eu não sair da cidade.

**SUA EXCELÊNCIA**, o senhor presidente da associação local da união nacional dos projecionistas e sindicato dos operadores independentes de cinema ficou ali sentado.

Por baixo, por trás e por dentro de tudo o que esse homem dava como certo tem algo horrível sendo cultivado.

Nada é estático.

Tudo está desmoronando.

Sei disso porque Tyler sabe disso.

Por três anos Tyler vem fazendo as montagens e os cortes de filmes para uma cadeia de cinemas. Um filme viaja por aí em seis ou sete rolos pequenos dentro de maletas de metal. O trabalho de Tyler era emendar os pequenos rolos em um único de um metro e meio para que fosse usado pelos projetores autoajustáveis que enrolam o filme sozinhos. Depois de três anos, sete cinemas, pelo menos três salas por cinema e novos filmes todas as semanas, Tyler manuseou centenas de películas.

Uma pena que com o número de projetores automáticos aumentando o sindicato não precisava mais de Tyler. O senhor presidente local teve de chamar Tyler para uma conversa.

O trabalho era chato e o pagamento ridículo, por isso o presidente do sindicato unido dos projecionistas unidos e união dos cinemas unidos disse que estava fazendo um favor a Tyler ao dispensá-lo diplomaticamente.

Não pense nisso como uma rejeição. Pense como diminuição de pessoal.

Do alto de toda a sua autoridade o presidente em pessoa diz:

– Agradecemos a sua contribuição para nosso sucesso.

Ah, aquilo não era um problema, Tyler respondeu e sorriu. Desde que o sindicato continuasse a mandar seu pagamento, ele manteria a boca fechada.

– Pense nisso como uma aposentadoria precoce com pagamento de pensão – Tyler continuou.

Ele tinha manuseado centenas de películas.

Filmes que voltaram para o distribuidor. Filmes que foram relançados. Comédia. Drama. Romance. Ação e aventura.

E emendados com os quadros únicos de Tyler que geravam um flash de pornografia.

Sodomia. Felação. Cunilíngua. Bondage.

Tyler não tinha nada a perder. Ele era o peão do mundo, o lixo da humanidade.

Foi o que Tyler ensaiou comigo para que eu dissesse para o gerente do Hotel Pressman também.

No outro trabalho de Tyler, no hotel Pressman, ele disse que era um nada. Ninguém se importava se ele estava vivo ou morto e o sentimento era recíproco. Foi isso que Tyler falou para eu dizer no escritório do gerente que tinha seguranças do lado de fora.

Tyler e eu ficamos acordados até tarde contando as nossas histórias depois que tudo acabou.

Logo depois de ir ao sindicato dos projecionistas, Tyler me fez confrontar o gerente do hotel Pressman.

Tyler e eu parecíamos cada vez mais gêmeos idênticos. Nós dois tínhamos as bochechas saltadas e

nossa pele tinha perdido a memória e se esquecia de voltar ao lugar depois que recebíamos um soco.

Meus ferimentos eram do clube da luta e o rosto de Tyler tinha sido socado e desfigurado pelo presidente do sindicato dos projecionistas. Depois de Tyler se arrastar para fora do escritório do sindicato, fui falar com o gerente do Hotel Pressman.

Sentei-me na sala do gerente do Hotel Pressman.

Sou a Vingança Soridente de Joe.

A primeira coisa que o gerente do hotel me disse é que eu tinha três minutos.

Nos primeiros trinta segundos contei como tinha mijado nas sopas, peidado nos *crème brûlées*, espirrado nas endívias e que agora queria que o hotel me enviasse um cheque todas as semanas com o equivalente ao que eu ganhava mais as gorjetas. Em troca eu não viria mais trabalhar nem iria aos jornais ou ao departamento de saúde pública para uma confissão confusa e chorosa.

As manchetes:

Garçom Perturbado Admite Contaminar a Comida.

Claro, eu digo, sei que posso ir para a cadeia. Podem me enforcar, arrancar minhas bolas, me arrastar pelas ruas, me esfolar e me queimar com soda cáustica, mas o hotel Pressman sempre será lembrado como o hotel onde as pessoas mais ricas do mundo tomaram mijo.

São as palavras de Tyler saindo da minha boca.

E eu costumava ser uma pessoa tão boa.

No escritório do sindicato dos projecionistas, Tyler riu depois que o presidente deu um soco nele. Apenas um soco foi suficiente para arrancá-lo da cadeira e Tyler ficou sentado no chão, encostado na parede e rindo.

– Vá em frente, você não pode me matar – Tyler estava rindo. – Seu merda estúpido. Pode me dar uma surra, mas não pode me matar.

Você tem muito a perder.

Eu não tenho nada a perder.

Você tem tudo.

Vá em frente, bem no estômago. Depois outro na cara. Arranque meus dentes, mas continue mandando os cheques. Rache minhas costelas, mas se deixar de mandar o cheque uma semana eu irei a público e você e seu pequeno sindicato se afundarão sob processos de todos os donos de cinemas, distribuidores de filmes e mães cujos filhos podem ter visto uma ereção em *Bambi*.

– Sou um lixo – Tyler diz. – Um lixo, um merda e um louco para você e este mundo fodido – ele fala para o presidente do sindicato. – Você não liga para onde moro, como eu me sinto, o que como, como alimento meus filhos ou como pago o médico se ficar doente, e, sim, sou estúpido, entediante e fraco, mas ainda assim sou responsabilidade sua.

Sentado no escritório no hotel Pressman os meus lábios de clube da luta estavam rachados em umas dez partes. O cu que havia na minha bochecha olhava para o gerente e tudo era bem convincente.

Basicamente eu falei as mesmas coisas que Tyler.

Depois que o presidente do sindicato derrubou Tyler no chão com uma porrada e depois que o senhor presidente viu que ele não reagia, sua excelência com seu enorme corpanzil de Cadillac,

maior e mais forte do que ele realmente precisava, levantou o pé e chutou Tyler com o sapato de bico nas costelas, mas Tyler apenas riu. Vossa excelência então mandou o bico do sapato nos rins de Tyler, que estava curvado no chão, mas Tyler continuava rindo.

– Saia – Tyler falou. – Acredite, você se sentirá bem melhor. Vai se sentir ótimo!

No escritório do hotel Pressman eu perguntei ao gerente se podia usar o telefone e liguei para a editoria de Cidades de um jornal. E com o gerente me olhando, falei:

– Alô, olha, cometí um crime terrível contra a humanidade como parte de um protesto político. O meu protesto é contra a exploração dos trabalhadores pela indústria dos serviços.

Se eu fosse para a prisão não seria apenas um peão desequilibrado sacaneando uma sopa. Aquilo teria uma escala heroica.

Garçom Robin Hood é o Campeão dos Desfavorecidos.

Isso seria algo muito maior do que apenas um hotel e um garçom.

O gerente do hotel Pressman tirou o telefone da minha mão gentilmente e disse que não queria que eu trabalhasse mais lá por causa da minha aparência atual.

Estou parado na cabeceira da mesa e digo: como assim?

Você não gosta disso *aqui*?

Sem vacilar e ainda olhando para ele, giro punho com a força centrífuga do braço e arranco sangue fresco dos ferimentos do meu nariz.

Sem qualquer razão, lembro-me da primeira noite que Tyler e eu lutamos. *Quero que me dê um soco o mais forte que conseguir.*

Isso não era um soco tão forte assim. Me acerto de novo. A coisa parece boa com todo aquele sangue, mas me jogo com força na parede fazendo um barulho terrível e quebrando o quadro que está lá pendurado.

O vidro quebrado, a moldura, a pintura de flores e o sangue caem no chão enquanto eu continuo cambaleando. Sou tão desastrado. O sangue cai e mancha o carpete e eu estico as mãos e deixo marcas enormes de sangue na ponta da mesa do gerente e peço socorro, me ajudem, por favor, mas então começo a sorrir.

Me ajudem, por favor.

Não me bata de novo, por favor.

Escorrego para o chão e espalho meu sangue pelo carpete. A primeira palavra que vou dizer é *por favor*. Então mantendo os lábios fechados. O monstro se arrasta sobre os adoráveis buquês e guirlandas do tapete oriental. O sangue escorre pelo meu nariz, escorrega para dentro da minha boca e desce pela garganta, quente. O monstro se arrasta pelo tapete, fiapos e poeira grudam nas garras ensanguentadas. E aproxima-se o suficiente para segurar o tornozelo de riscas de giz do gerente do hotel Pressman e dizer:

*Por favor.*

Diga.

O *por favor* sai numa bolha de sangue.

Diga.

Por favor.

A bolha explode sangue por todo lado.

E foi assim que Tyler ficou livre para começar um clube da luta todas as noites. Depois disso havia

sete clubes da luta, depois, quinze clubes da luta, depois, vinte e três clubes da luta e Tyler queria mais. Sempre tínhamos dinheiro entrando.

Por favor, peço ao gerente do hotel Pressman, me dê o dinheiro. E então rio de novo.

Por favor.

E não me bata de novo, por favor.

Você tem tanto e eu não tenho nada. E começo a fazer meu sangue subir pelas pernas de risca de giz e o gerente do hotel Pressman vai se inclinando para trás, com força, apoiando as mãos na janela atrás dele e até mesmo seus lábios finos se retraem.

O monstro engancha sua garra ensanguentada na cintura da calça do gerente e se levanta para se agarrar à camisa branca e imaculada, então seguro os punhos dele com minhas mãos ensanguentadas.

Por favor. Mostro um sorriso grande o suficiente para abrir todas as feridas.

Há uma luta quando o gerente grita e tenta soltar as mãos e se afastar de mim, do meu sangue e do meu nariz esmagado, com a sujeira grudando no sangue que há em nós dois, e então, no melhor momento de todos, os seguranças decidem entrar na sala.

**ESTÁ NO** jornal de hoje que alguém invadiu os escritórios entre o décimo e o décimo quinto andar da Hein Tower, saiu pelas janelas e pintou o lado sul do prédio com uma máscara soridente de cinco andares e ainda pôs fogo nas janelas que ficavam no meio dos olhos e que queimaram enormes, vivos e inevitáveis sob a cidade ao amanhecer.

Na foto da capa do jornal o rosto é o de uma abóbora raivosa, um demônio japonês, o dragão da avareza flutuando no céu e a fumaça era as sobrancelhas da bruxa ou os chifres do diabo. E as pessoas gritavam com a cabeça jogada para trás.

Qual era o significado daquilo?

E quem faria isso? E mesmo depois que o fogo foi apagado, o rosto ainda estava lá e era ainda pior. Os olhos vazios pareciam vigiar todos que passavam na rua, mas ao mesmo tempo estavam mortos.

O assunto é explorado mais e mais pelo jornal.

É claro que você lê isso e logo quer saber se faz parte do Projeto Desordem e Destruição.

O jornal diz que a polícia não tem pistas. Gangues juvenis ou alienígenas, quem quer que tenha feito isso poderia ter morrido enquanto se arrastava pelas bordas e se pendurava nas janelas com latas de spray de tinta preta.

Será que foi a Comissão de Desordem ou a Comissão de Incêndios? Aquele rosto gigante provavelmente foi a missão de lição de casa da semana passada deles.

Tyler deve saber, mas a primeira regra do Projeto Desordem e Destruição é que você não faz perguntas sobre o Projeto Desordem e Destruição.

Na Comissão de Ataque do Projeto Desordem e Destruição, esta semana, Tyler disse que ensinaria a todos sobre o que você precisa para disparar uma arma. Tudo que a arma faz é concentrar uma explosão em uma direção.

Na última reunião da Comissão de Ataque, Tyler trouxe uma arma e as páginas amarelas. Eles se encontram no porão onde o clube da luta se reúne no sábado à noite. Cada comissão se reúne em uma noite diferente.

Incêndios é segunda-feira.

Ataque às terças.

Desordem se reúne às quartas.

E Desinformação é às quintas.

Caos organizado. Burocracia da Anarquia. Pode imaginar?

São grupos de apoio. Mais ou menos.

Então, terça à noite, a Comissão de Ataque propôs alguns eventos para a semana seguinte, Tyler leu as propostas e passou a tarefa de casa à comissão.

No mesmo dia, na próxima semana, cada membro da Comissão de Ataque deve ter arranjado uma briga na qual não saia como herói no final. E não no clube da luta. Isso é mais difícil do que parece. Um homem na rua fará qualquer coisa para não brigar.

A ideia é escolher um Joe qualquer na rua que nunca tenha brigado e recrutá-lo. Deixar que ele

experimente a vitória pela primeira vez na vida. Dar permissão para que encha você de porrada.

Você aguenta. Se ganhar dele, estragará tudo.

– O que precisamos fazer, pessoal – Tyler falou à comissão –, é lembrar esses caras da força que eles ainda têm.

Esse foi o discurso inflamado de Tyler. Depois abriu cada papelzinho dobrado em uma caixa de papelão na frente dele. É assim que as comissões propõem eventos para a semana seguinte. Escreva o evento no bloquinho da comissão, arranque a página, dobre e coloque na caixa. Tyler dá uma olhada nas propostas e joga fora as ruins.

Para cada ideia ruim que joga fora, Tyler coloca um papel em branco dobrado na caixa.

Então todos na comissão pegam um papelzinho na caixa. Pelo que Tyler me explicou, se alguém pega um papel em branco, precisará fazer apenas a própria lição de casa naquela semana.

Se pegar uma proposta terá que ir até o festival de cervejas importadas que acontece no fim de semana e empurrar um cara em um banheiro químico. E ganhará pontos extras se conseguir apanhar ao fazer isso. Ou então terá que ir ao desfile de moda que ocorre no átrio do shopping e jogar gelatina de morango lá de cima do mezanino.

Se for preso, está fora da Comissão de Ataque. Se rir, está fora da comissão.

Ninguém sabe quem pegou propostas e só Tyler sabe quais são as propostas, quais foram aceitas e quais foram jogadas no lixo. No final da semana talvez você leia nos jornais sobre um homem não identificado que, lá no centro, arrancou um cara de seu Jaguar conversível e jogou o carro em uma fonte.

E você ficaria imaginando. Será que aquilo é uma proposta da comissão que você poderia ter pegado?

Na terça seguinte você ficaria olhando em volta durante a reunião da Comissão de Ataque sob a única luz do porão escuro do clube da luta e ainda estaria imaginando quem foi que jogou aquele Jaguar na fonte.

Quem foi até o telhado do museu de arte e atirou bolas de paintball na escultura da entrada?

Quem pintou aquela máscara demoníaca em chamas na Hein Tower?

Na noite da missão da Hein Tower você pode imaginar escriturários, guarda-livros ou mensageiros entrando sorrateiramente nos escritórios em que trabalham durante o dia. Talvez estivessem meio bêbados, mesmo que isso seja contra as regras do Projeto Desordem e Destruição, e usaram as próprias chaves até onde tinham chaves e depois sprays de freon para estourar o tambor das fechaduras e conseguir se pendurar, escalar a fachada de tijolos do edifício, saltar, confiar no outro para segurar as cordas, balançar, arriscar-se a uma morte rápida nos escritórios onde, diariamente, sentem a vida terminar a cada hora.

Na manhã seguinte, esses mesmos escriturários e mensageiros estarão no meio da multidão de cabelo muito bem penteados, bêbados de sono, mas sóbrios, usando gravata e ouvindo as pessoas especularem sobre quem teria feito aquilo e a polícia gritando para todos se afastarem, por favor, enquanto a água escorre do centro enfumaçado e quebrado de cada olho enorme.

Tyler me conta em segredo que nunca há mais do que quatro propostas boas em uma reunião, então suas chances de tirar uma proposta de verdade e não apenas um papel em branco são de quatro em dez. Tem vinte e cinco caras na Comissão de Ataque, incluindo Tyler. Todos têm lições de casa, que é perder uma luta em público, e todos retiram um papel com uma proposta.

Nessa semana Tyler disse a eles:

– Saim por aí e comprem uma arma.

Ele deu as páginas amarelas para um cara e o mandou arrancar uma propaganda e passar a lista para o próximo. Apenas uma pessoa poderia ir a cada loja para comprar ou atirar.

– Isto – Tyler diz pegando a arma do bolso do casaco. – Isto é uma arma, e, em duas semanas, cada um de vocês deve ter uma mais ou menos do mesmo tamanho para trazer para a reunião.

– É melhor pagar por ela em dinheiro – ele continua. – Na próxima reunião vocês trocarão as armas e depois darão queixa dizendo que a arma foi roubada.

Ninguém faz nenhuma pergunta. Não fazer perguntas é a primeira regra do Projeto Desordem e Destruição.

Tyler passa a arma para todos. Era tão pesada para uma coisa tão pequena, como se algo gigante como uma montanha ou o sol tivesse caído ou derretido e virado isso. Os caras na comissão a seguram com dois dedos. Todos queriam perguntar se estava carregada, mas a segunda regra do Projeto Desordem e Destruição é que você não deve fazer perguntas.

Talvez estivesse carregada, talvez não. Talvez devêssemos sempre imaginar o pior.

– Uma arma – Tyler diz – é algo simples e perfeito. É só puxar o gatilho.

A terceira regra do Projeto Desordem e Destruição é nada de desculpas.

– O gatilho solta o martelo e é ele quem detona a pólvora – ele explica.

A quarta regra é nada de mentiras.

– A explosão impulsiona um projétil de metal para fora do lado aberto da cápsula e o cano da arma concentra a pólvora que está explodindo e o projétil que é lançado em uma única direção. Igual um homem sendo lançado de um canhão, um míssil saindo do seu silo e a sua porrada saindo.

Quando Tyler inventou o Projeto Desordem e Destruição, ele disse que a meta não tinha nada a ver com outras pessoas. Tyler não se importava se outras pessoas se ferissem ou não. A meta era ensinar cada homem no projeto que ele tinha poder para controlar a história. Nós, cada um de nós, pode controlar o mundo.

Foi no clube da luta que Tyler inventou o Projeto Desordem e Destruição.

Marquei um novato uma noite no clube da luta. Naquele sábado à noite um jovem com cara de anjo veio para seu primeiro clube da luta e eu o marquei para lutar. Essa é a regra. Se for sua primeira noite você tem que lutar. Eu sabia disso, então o marquei porque a insônia tinha voltado e estava com vontade de destruir algo bonito.

Como a maior parte do rosto não tem tempo de se curar, não tenho nada a perder em questão de beleza. Meu chefe, lá no trabalho, me perguntou como eu tratava aquele furo na minha bochecha que nunca ficava bom. Respondi a ele que, quando tomava café, colocava dois dedos sobre o buraco para não vazar.

Existe um tipo de enforcamento que deixa o adversário com ar suficiente apenas para não desmaiar, e naquela noite no clube da luta eu acertei o nosso novato e esmurrei aquela carinha de anjo, primeiro com a parte ossuda das mãos como se fossem um bate-estaca e depois com a parte de trás delas deixando pedaços da minha pele entre os dentes dele. Então o garoto caiu nos meus braços.

Mais tarde, Tyler me disse que nunca tinha me visto destruir tanto algo. Naquela noite, Tyler sabia que precisava subir o clube da luta um degrau ou então acabar com tudo.

No café da manhã do dia seguinte, Tyler falou:

– Você parecia um maníaco, menininho doido. O que aconteceu?

Eu disse que me sentia um lixo e nem um pouco relaxado. Aquilo não tinha me dado nenhum barato.

Talvez eu tivesse desenvolvido certa tolerância. Era possível ter tolerância a lutas e talvez eu precisasse partir para algo maior.

Foi naquela manhã que Tyler inventou o Projeto Desordem e Destruição.

Tyler perguntou contra o que eu estava lutando de verdade.

O que Tyler fala sobre sermos o lixo e os escravos da história é como me sinto. Queria destruir todas as coisas bonitas que nunca tive. Queimar a floresta tropical amazônica. Bombar CFC direto para a camada de ozônio. Abrir as válvulas de descarga dos tanques dos superpetroleiros e destampar as plataformas de petróleo em alto-mar. Queria matar todos os peixes que não consigo comprar para comer e sujar as praias francesas que nunca verei.

Queria que o mundo todo chegasse ao fundo do poço.

Enquanto batia naquele garoto, o que queria fazer mesmo era atirar entre os olhos de cada panda ameaçado de extinção que não trepava para salvar sua espécie e de cada baleia ou golfinho que desistiu e se deixou encalhar na praia.

Não pense nisso como extinção. Pense como diminuição de pessoal.

Durante milhares de anos os humanos foderam, sujaram e fizeram merda com este planeta e agora a história espera que eu limpe tudo. Tenho que lavar e amassar minhas latas de sopa. E dar conta de cada gota de óleo de motor usado.

E tenho que pagar a conta do lixo nuclear, tanques de combustível enterrados e terra cheia de lixo tóxico jogado lá uma geração antes de eu nascer.

Seguro o rosto do anjinho como se fosse um bebê ou uma bola de futebol na dobra do meu braço e soco ele e continuo socando até que seus dentes se quebrem e atravessem seus lábios. Bato nele com meu cotovelo até que ele escorregue do meu braço e caia aos meus pés como um monte de carne. Até que a carne em sua face fique esticada e preta.

Queria respirar fumaça.

Pássaros e veados são luxos bobos e todos os peixes deveriam flutuar.

Queria queimar o Louvre. Quebraria os mármores do Panteão com uma marreta e limparia a bunda com a *Mona Lisa*. Esse é o meu mundo agora.

Esse é o meu mundo, o meu mundo, e as pessoas antigas estão mortas.

Foi no café da manhã daquele dia que Tyler inventou o Projeto Desordem e Destruição.

Queríamos detonar o mundo e deixá-lo livre da história.

Estávamos tomando café da manhã na casa da Paper street e Tyler disse para eu me imaginar plantando rabanetes e semeando batatas no décimo quinto buraco de um campo de golfe esquecido.

Você caçará um alce nas florestas úmidas do cânion formado pelas ruínas do Rockefeller Center e colherá mariscos ao lado do esqueleto do Obelisco Espacial<sup>9</sup> inclinado em um ângulo de quarenta e cinco graus. Pintaremos os arranha-céus com grandes rostos de totem e todas as noites o que restou da humanidade se refugiará nos zoológicos vazios e se trancará nas jaulas para se proteger de ursos, grandes felinos e lobos que andarão por lá à noite e que ficarão olhando do lado de fora das barras.

– Reciclagem e limite de velocidade são besteira – Tyler diz. – É como alguém que para de fumar no leito de morte.

É o Projeto Desordem e Destruição que salvará o mundo. Uma era do gelo cultural. Uma idade das trevas induzida prematuramente. O Projeto Desordem e Destruição forçará a humanidade a ficar em hibernação ou em remissão por tempo suficiente para que a Terra se recupere.

– Você justifica a anarquia – Tyler diz. – Você a comprehende.

Do mesmo jeito que o clube da luta faz com escriturários e bilheteiros, o Projeto Desordem e Destruição quebrará a civilização para que possamos fazer do mundo um lugar melhor.

– Imagine – Tyler diz – os alces passando pelas janelas das lojas de departamento com seus cabideiros fedidos cheios de vestidos e smokings podres pendurados. Você usará roupas de couro que durarão a vida toda e escalará as trepadeiras grossas como um punho que envolverão a Sears Tower. Igual a João e o Pé de Feijão, você escalará a copa úmida das árvores e o ar será tão limpo que você enxergará pequenas figuras batendo milho e tiras de carne de veado colocadas para secar em uma faixa vazia de uma enorme autoestrada de oito pistas, no calor de agosto e estendendo-se por milhares de quilômetros.

Este era o objetivo do Projeto Desordem e Destruição, Tyler explicou, a destruição completa e imediata da civilização.

Ninguém sabe o que acontece a seguir no Projeto Desordem e Destruição, apenas Tyler. A segunda regra é que você não faz perguntas.

– Não comprem balas – Tyler disse à comissão de Ataque. – E apenas para que não se preocupem com isso, sim, vocês vão ter que matar alguém.

Incêndio. Ataque. Desordem e Desinformação.

Nada de perguntas. Nada de perguntas. Nada de desculpas e nada de mentiras.

A quinta regra do Projeto Desordem e Destruição é que você tem que confiar em Tyler.

[9](#). O Obelisco Espacial, ou Space Needle, é uma torre muito alta e ponto turístico em Seattle. (N. do T.)

**MEU CHEFE TRAZ** outra folha de papel até minha mesa e a coloca na altura do meu cotovelo. Eu nem venho mais de gravata. Meu chefe está usando sua gravata azul, então deve ser quinta-feira. A porta da sala dele fica sempre fechada agora e não trocamos mais do que duas palavras por dia desde que descobriu as regras do clube da luta na copiadora e eu posso ter dado a entender que arrancaria as tripas dele com uma escopeta. É claro que era só mais uma brincadeira minha.

Ou talvez eu ligue para o pessoal de Compliance do Departamento de Logística. Há uma braçadeira de montagem do banco da frente que nunca passou nos testes de colisão e que entrou em produção.

Se você souber onde procurar, há corpos enterrados em todo lugar por aqui.

Falo bom dia.

Ele diz:

– Bom dia!

Colocado na altura do meu cotovelo está outro documento secreto que só eu podia ver e que Tyler pediu que eu digitasse e copiasse. Uma semana atrás Tyler tirava as medidas do porão da casa alugada na Paper street com passos. São sessenta e cinco passos do fundo até a frente e mais quarenta de um lado para o outro. Tyler estava pensando em voz alta e então me perguntou:

– Quanto é seis vezes sete?

Quarenta e dois.

– E quarenta e dois vezes três?

Cento e vinte seis.

Tyler me deu uma lista de coisas escritas à mão e disse para eu digitar e tirar setenta e duas cópias.

Por que tantas?

– Porque é o número de caras que poderão dormir no porão se colocarmos aqueles beliches militares compactos de três camas – Tyler falou.

Perguntei sobre as coisas deles.

– Eles não trarão mais nada além das coisas na lista e tudo deve caber embaixo do colchão.

A lista que meu chefe encontra na copiadora, com o contador dela ainda marcando setenta e duas cópias. A lista dizia:

“Trazer os itens requeridos não garante admissão no treinamento, mas nenhum candidato será considerado, a menos que chegue equipado com os itens a seguir e exatamente quinhentos dólares em dinheiro para custear o próprio enterro”.

Tyler me disse que custa pelo menos trezentos dólares para cremar o cadáver de um indigente e que o preço estava subindo. Qualquer um que morra sem ter pelo menos essa quantia terá o corpo levado para alguma aula de autópsia.

O dinheiro deve ser sempre levado dentro dos calçados dos requerentes, pois, se algum deles morrer, a morte não será um fardo para o Projeto Desordem e Destruição.

Além disso, o candidato deve trazer os seguintes itens:

Duas camisas pretas.

Dois pares de calças pretas.

Um par de coturnos pretos.

Dois pares de meias pretas e dois pares de cuecas lisas.

Um casaco preto pesado.

Isso inclui as roupas que o candidato estará usando.

Uma toalha branca.

Um colchonete para beliche do exército.

Uma tigela de plástico branca.

Em minha escrivaninha, com meu chefe parado ao lado, pego a lista original e o agradeço. Ele volta para a sala dele e eu volto a trabalhar em meu jogo de paciência no computador.

Depois do trabalho eu entrego as cópias para Tyler e os dias passam. Vou trabalhar.

Volto para casa.

Vou trabalhar.

Volto para casa e tem um cara parado em nossa varanda. Ele está diante da nossa porta com sua outra camisa preta e a outra calça preta em uma sacola de papel marrom e seus últimos três itens, a toalha branca, o colchonete para beliche do exército e a tigela plástica estão na grade da varanda. De uma janela lá de cima eu e Tyler damos uma olhada no cara e ele me diz para mandá-lo embora.

– Ele é jovem demais – Tyler diz.

O cara que está na varanda é o carinha de anjo que eu tentei destruir na noite em que Tyler inventou o Projeto Desordem e Destruição. Mesmo com os olhos roxos e os cabelos loiros cortados bem curtos, você vê o rosto belo e sério sem nenhuma ruga ou cicatriz. Coloque um vestido nele e o mande sorrir e virou uma mulher. O anjinho fica parado com os dedos dos pés encostados na porta da frente, olhando diretamente para a frente e com as mãos caídas ao lado do corpo, veste botas pretas, camisa preta e calça preta.

– Livre-se dele – Tyler me diz. – Ele é jovem demais.

Pergunto o quão jovem é jovem demais.

– Não interessa – ele diz. – Se o candidato é jovem, dizemos a ele que é jovem demais. Se for gordo, que é gordo demais. Se for velho, que é velho demais. Magro, que é magro demais. Branco, que é branco demais. Negro, que é negro demais.

Tyler me diz que era assim que os templos budistas testavam seus candidatos há zilhões de anos. Você diz para o candidato ir embora, mas, se a força de vontade dele for tão forte a ponto de ficar na entrada sem comida, abrigo ou convite durante três dias, então, e só então, ele poderá entrar e começar a treinar.

Então digo ao anjinho que ele é jovem demais, mas na hora do almoço ele continua lá. Depois de comermos eu saio e bato nele com uma vassoura e chuto a sacola de papel dele para a rua. Lá de cima Tyler observa quando acerto a orelha dele com a vassoura, o garoto continua lá parado, e então chuto suas coisas para a sarjeta e grito.

Estou gritando para ele ir embora. Não me ouviu? Você é jovem demais. Nunca conseguirá, continuo gritando. Volte daqui uns dois anos e tente de novo. Vá embora. Saia da minha varanda.

No dia seguinte o cara ainda está lá e Tyler sai e diz que sente muito. Ele se desculpa por ter falado para ele sobre o treinamento, mas que é realmente muito jovem e pede que vá embora, por favor.

Policial bom. Policial ruim.

Grito novamente com o coitado. Então, seis horas depois, Tyler sai, diz que sente muito, mas que

não. O cara precisa ir embora. Tyler diz que chamará a polícia se ele não for embora.

E ele fica.

E suas roupas ainda estão na sarjeta. O vento empurra a sacola de papel amassada.

E ele fica.

No terceiro dia aparece outro candidato à nossa porta. O anjinho ainda está lá e Tyler desce e diz para ele:

– Entre. Pegue suas coisas na rua e entre.

Ao cara novo ele diz que sente muito, mas houve um engano. Ele é velho demais para treinar aqui e que poderia ir embora, por favor.

Vou trabalhar todos os dias. Volto para casa e, todos os dias, há um ou dois caras esperando na varanda. Os novos caras não me olham nos olhos. Fecho a porta e os deixo lá. Isso acontece todos os dias por um tempo e às vezes os candidatos vão embora, mas em geral ficam até o terceiro dia e até que quase todas as setenta e duas camas dos beliches que Tyler e eu compramos e colocamos no porão estejam ocupadas.

Um dia Tyler me dá quinhentos dólares em dinheiro e me diz para manter no meu sapato o tempo todo. O dinheiro para o meu enterro. Isso é outra daquelas coisas antigas de monastérios budistas.

Agora volto do trabalho e a casa está cheia de estranhos que Tyler aceitou, todos trabalhando. Todo o andar térreo se tornou uma cozinha e fábrica de sabão. O banheiro nunca está vazio. Equipes de alguns homens desaparecem por alguns dias e então voltam com sacolas vermelhas de borracha cheias de banha líquida.

Uma noite, Tyler sobe e me encontra escondido no quarto, então me diz:

– Não os incomode. Todos sabem o que fazer. É parte do Projeto Desordem e Destrução. Nenhum deles sabe do plano todo, mas cada um foi treinado para fazer uma tarefa simples com perfeição.

A regra do Projeto Desordem e Destrução é que você tem que confiar em Tyler.

E então Tyler some.

Equipes do Projeto Desordem e Destrução derretem banha o dia todo. Não tenho dormido. Durante a noite toda ouço outras equipes misturarem a soda cáustica, cortarem em barras e depois assarem as barras de sabão em assadeiras de biscoitos, então embrulham cada uma em papel de seda e selam com a etiqueta da Companhia de Sabão da Paper street. Todos, menos eu, parecem saber o que fazer e Tyler nunca está em casa.

Abraço as paredes, pois sou um rato encurrulado numa engrenagem de homens silenciosos com energia de macacos treinados, cozinhando, trabalhando e dormindo por turnos. Puxe a alavanca. Aperte o botão. Uma turma de macacos espaciais cozinha o dia todo enquanto outras turmas de macacos espaciais comem o dia todo em tigelas de plástico branco que trouxeram com eles.

Estou saindo para o trabalho uma manhã e o Grande Bob está na varanda com botas pretas, calças e camisa pretas. Pergunto se ele viu Tyler ultimamente. Pergunto se Tyler o mandou para lá.

– A primeira regra do Projeto Desordem e Destrução – o Grande Bob diz com os saltos das botas juntos e as costas eretas – é não fazer perguntas sobre o Projeto Desordem e Destrução.

Pergunto qual é a tarefa honrada e ridícula que Tyler deu a ele. Alguns caras têm o trabalho de apenas cozinhar arroz o dia todo, lavar as tigelas usadas ou limpar a privada. O dia todo. Será que Tyler prometeu ao Grande Bob que ele seria iluminado se passasse dezesseis horas por dia embrulhando barras de sabão?

Ele não responde nada.

Vou trabalhar. Volto para casa e o Grande Bob ainda está na varanda. Não durmo a noite toda e, na manhã seguinte, o Grande Bob está lá fora cuidando do jardim.

Antes de sair para o trabalho pergunto a ele quem o deixou entrar. Quem passou aquela tarefa. Ele tinha visto Tyler? Tyler tinha estado aqui na noite passada?

Ele responde:

– A primeira regra do Projeto Desordem e Destrução é não falar...

Eu o interrompo e digo que sim, claro, sim, sim e sim.

E, enquanto estou no trabalho, equipes de macacos espaciais cavam a grama enlameada, misturam a terra com sal de Epsom para diminuir a acidez e então acrescentam estrume de boi apanhado em currais e cabelos pegos em barbearias para espantar toupeiras e ratos e melhorar as proteínas do solo.

A qualquer hora da noite chegam macacos espaciais vindos de matadouros trazendo sacos de farinha de sangue para melhorar o ferro e farinha de ossos para melhorar o fósforo do solo.

Equipes de macacos espaciais plantam manjericão, tomilho e alface, brotos de hamamélis, eucalipto, silindra e hortelã em um padrão de caleidoscópio. Uma rosácea com todos os tons de verde. E outras equipes saem à noite e matam lesmas e caracóis à luz de velas. Outra equipe de macacos espaciais colhe apenas as folhas e bagas de zimbro mais perfeitas para ferver e fazer corante natural. E confrei porque é um desinfetante natural. Folhas de violeta porque elas curam dores de cabeça e aspérula doce porque dá ao sabão um aroma de grama cortada.

Na cozinha tem garrafas de vodca com quarenta porcento de teor alcoólico para fazer o sabão translúcido de gerânio rosa, sabão de açúcar mascavo e sabão de patchuli, e roubo uma garrafa e compro cigarros com o dinheiro do meu enterro. Marla aparece. Nós falamos de plantas e andamos pelos caminhos de cascalho por entre o caleidoscópio verde do jardim, bebendo e fumando. Falamos sobre os seios dela. Falamos de tudo menos de Tyler Durden.

Um dia saiu no jornal que uma equipe de homens vestidos de preto surgiram em um bairro chique e invadiram uma loja de carros batendo nos para-choques com tacos de beisebol para que os air bags explodissem em uma confusão de alarmes disparando.

Na Companhia de Sabão da Paper street outras equipes colhem pétalas de rosas, anêmonas e lavanda e colocam as flores em caixas com um pedaço de sebo puro para que ele absorva a essência para fazer sabão com cheiro de flores.

Marla me fala sobre as plantas.

Ela me diz que a rosa é um adstringente natural.

Algumas das plantas têm nomes diferentes como íris, arruda, alecrim e verbena. Outras como ulmeira, primulas, cálamo e espicanardo parecem nomes das fadas de Shakespeare. A língua-de-veado com seu cheiro doce de baunilha. Hamamélis é outro adstringente natural.

Rizoma de lírio florentino, a selvagem íris *xiphium*.

Todas as noites eu e Marla caminhamos pelo jardim até eu ter certeza de que Tyler não virá para casa naquela noite. Bem atrás de nós sempre vem um macaco espacial para recolher a folha de erva-doce, arruda ou hortelã que Marla esmaga embaixo de meu nariz. Jogo uma bituca de cigarro no chão. O macaco espacial cobre nossas pegadas com terra para que pareça que nunca estivemos lá.

Uma noite, em uma praça no norte da cidade, outro grupo de homens derruba gasolina em volta das árvores e entre uma árvore e outra criam um pequeno incêndio florestal perfeito. Saiu uma matéria no jornal contando como as janelas das casas do outro lado da rua derreteram por causa do fogo e

carros estacionados ali expeliram gases e ficaram equilibrados sobre pneus derretidos.

A casa alugada por Tyler na Paper street é uma coisa viva e molhada internamente por causa de tantas pessoas suando e respirando lá. Tem tantas pessoas se mexendo lá dentro que a casa se mexe.

Em outra noite que Tyler não apareceu em casa, alguém usou uma furadeira em caixas eletrônicos e telefones públicos, depois enroscou um funil de lubrificação no buraco e então usou uma pistola de graxa para encher os caixas e telefones com a própria graxa ou então com pudim de baunilha.

E Tyler nunca estava em casa, mas depois de um mês alguns macacos espaciais tinham o beijo de Tyler queimado nas costas das mãos. Depois eles também desapareceram e apareceram outros na varanda para substituí-los.

E todos os dias equipes de homens apareciam e partiam em carros diferentes. Você nunca via o mesmo carro duas vezes. Uma noite ouvi que Marla estava na varanda e falava com um macaco espacial:

– Vim ver o Tyler. O Tyler Durden. Ele mora aqui. Sou amiga dele.

E o macaco espacial responde:

– Sinto muito, mas você é muito... – ele faz uma pausa – ... você é muito jovem para treinar aqui.

– Vai se foder – Marla responde.

– Além disso – ele continua –, você não trouxe os itens requeridos: duas camisas pretas, duas calças pretas...

– Tyler! – Marla grita.

– Um par de botas pretas.

– Tyler!

– Dois pares de meias pretas e dois pares de roupas de baixo lisas.

– Tyler!

Então ouço a porta da frente bater. Marla não espera três dias.

Na maior parte dos dias, volto do trabalho e faço um sanduíche de pasta de amendoim.

Quando volto para casa um macaco espacial está lendo para os outros macacos espaciais reunidos que cobrem todo o andar térreo da casa.

– Vocês não são um grão de neve belo e único. Vocês são a mesma matéria orgânica em decomposição que todos os outros são e somos todos parte da mesma pilha de compostagem.

Ele continua.

– Nossa cultura nos fez sermos todos iguais. Ninguém mais é verdadeiramente branco, preto ou rico. Todos queremos a mesma coisa. Individualmente não somos nada.

O cara que está lendo para quando eu entro a fim de fazer meu sanduíche e todos os macacos espaciais ficam sentados em silêncio como se eu estivesse sozinho. Digo para não se incomodarem. Eu já li aquilo. Fui eu quem digitou.

Provavelmente até o meu chefe leu.

Digo que somos todos um monte de lixo. Vão em frente. Continuem o joguinho de vocês e não se importem comigo.

Os macacos espaciais esperam em silêncio até que eu faça meu sanduíche, pegue outra garrafa de vodca e suba. Atrás de mim ouço:

– Vocês não são um grão de neve belo e único.

Sou o Coração Partido de Joe porque Tyler me abandonou. Meu pai me abandonou. Ah, eu poderia continuar com isso por muito tempo.

Em algumas noites, depois do trabalho, vou a um clube da luta diferente no porão de um bar ou em uma garagem e pergunto se alguém viu o Tyler Durden.

Em todos os novos clubes da luta que vou tem alguém que nunca vi embaixo de uma luz no centro, rodeado de escuridão e homens, lendo as palavras de Tyler.

A primeira regra do clube da luta é não falar sobre o clube da luta.

Quando as lutas começam eu chamo o chefe do clube de lado e pergunto se ele viu o Tyler. Falo que moro com Tyler e que ele não aparece em casa faz um tempo.

Os olhos do cara se arregalam e ele pergunta se eu conheço mesmo Tyler Durden.

Isso acontece na maioria dos novos clubes da luta. Digo que sim, que somos melhores amigos. Então, de repente todos querem apertar minha mão.

Aqueles caras novos olham o buraco em minha bochecha e a pele roxa do meu rosto, o amarelo e o verde nas extremidades e me chamam de senhor. Não, senhor. Dificilmente, senhor. Ninguém que eles conhecem se encontrou com Tyler Durden. Amigos de amigos conheceram Tyler Durden e então fundaram esta sede do clube da luta, senhor.

E então eles piscam para mim.

Ninguém que eles conhecem viu Tyler Durden.

Senhor.

Todos perguntam se é verdade. Se Tyler Durden está montando um exército. É o que dizem por aí. Se Tyler Durden só dorme uma hora por noite. Os rumores dizem que Tyler está na estrada abrindo clubes da luta por todo o país. Todos querem saber o que vem a seguir.

As reuniões do Projeto Desordem e Destrução foram transferidas para um porão maior porque as comissões Incêndio, Ataque, Desordem e Desinformação ficam cada vez maiores quando as pessoas vão se formando no clube da luta. Cada comissão tem um líder e mesmo eles não sabem onde Tyler está. Ele liga para eles todas as semanas.

Todos no Projeto Desordem e Destrução querem saber o que vem a seguir.

Para onde vamos?

O que é que devemos esperar?

Na Paper street, Marla e eu caminhamos descalços pelo jardim à noite e cada passo libera um perfume de sálvia, limão verbena e gerânio rosa. Camisas e calças pretas andam curvadas à nossa volta com velas e levantam as folhas para matar lesmas e caracóis. Marla pergunta o que está acontecendo ali.

Tufos de cabelo surgem ao lado de torrões de terra. Cabelo e bosta. Farinha de ossos e farinha de sangue. As plantas estão crescendo mais rápido do que os macacos espaciais conseguem cortá-las.

Marla pergunta:

– O que você vai fazer?

O que posso dizer?

Vejo um ponto dourado e brilhante na terra e me ajoelho para ver melhor. Digo a Marla que não sei o que vai acontecer depois.

Parece que nós dois fomos abandonados.

Pelo canto do olho vejo macacos espaciais caminhando por ali vestidos de preto, cada um curvado sobre sua vela. O pequeno pontinho dourado no solo é um dente com obturação de ouro. Perto dele vejo mais dois dentes com amalgamas de prata. É um maxilar.

Digo que não sei e nem posso dizer o que vai acontecer. E empurro o primeiro, o segundo e o

terceiro dente para a terra e também o cabelo, a bosta, o osso e o sangue para que Marla não os veja.

**SEXTA À NOITE**, durmo em minha mesa no trabalho.

Quando acordo com o rosto e os braços cruzados sobre a mesa, o telefone está tocando e todo o resto desapareceu. Um telefone estava tocando em meu sonho e não está claro se a realidade invadiu o sonho ou se o sonho está invadindo a realidade.

Atendo o telefone. Compliance e Débito.

Esse é o meu departamento. Compliance e Débito.

O sol está se pondo e nuvens carregadas do tamanho do Wyoming e do Japão estão vindo em nossa direção. Não é que tenho uma janela no trabalho. Todas as paredes externas são envidraçadas do chão ao teto. Tudo no meu trabalho é de vidro que vai do chão ao teto. Tudo são persianas verticais. Tudo é carpete de buclé cinza industrial, pontilhado com pequeninas lápides onde os PCs se ligam à rede. Tudo é um labirinto de cubículos com cercas de madeira compensada.

Um aspirador de pó é ligado em algum lugar.

Meu chefe saiu de férias. Enviou-me um e-mail e então desapareceu. Devo me preparar para uma inspeção formal em duas semanas. Reservar uma sala de conferência. Arrumar tudo. Atualizar o currículo. Esse tipo de coisa. Eles estão juntando informações contra mim.

Sou a Total Falta de Surpresa de Joe.

Tenho me comportado muito mal.

Atendo o telefone e é Tyler, que diz:

– Saia agora. Tem uns caras te esperando no estacionamento.

Pergunto que caras.

– Eles estão esperando – Tyler responde.

Sinto cheiro de gasolina em minhas mãos.

Tyler continua:

– Pegue a estrada. Eles têm um carro lá fora. Um Cadillac.

Ainda estou dormindo.

Agora não tenho certeza se Tyler é um sonho.

Ou se sou parte de um sonho dele.

Sinto cheiro de gasolina nas mãos. Não tem mais ninguém por aqui, então me levanto e vou até o estacionamento.

Um cara do clube da luta trabalha com carros e, por isso, está parado no meio-fio com um Corniche preto de alguém e tudo que posso fazer é admirar o carro, todo preto e dourado, um maço de cigarros enorme pronto a me levar a algum lugar. O mecânico que sai do carro diz para eu não me preocupar, ele trocou a placa com outro carro no estacionamento de longa permanência do aeroporto.

Nosso mecânico do clube da luta diz que pode ligar qualquer carro. Há dois fios que descem pela coluna da direção. Encoste um no outro e fechará o circuito da partida. E pronto, você tem um carro para passear.

É isso ou então você pode copiar o código da chave em um revendedor.

Três macacos espaciais estão sentados no banco de trás e vestem camisas e calças pretas. Não

veja. Não ouça. Não fale.

Pergunto onde está Tyler.

O mecânico do clube da luta está segurando a porta aberta do Cadillac para mim como um chofer. Ele é alto, só osso e com ombros que lembram uma barra transversal de telefone.

Pergunto se vamos nos encontrar com Tyler.

Esperando por mim no meio do banco da frente está um bolo de aniversário com velas prontas para serem acesas. Eu entro e começamos a andar.

Mesmo uma semana depois do clube da luta você não vê problema em dirigir dentro do limite de velocidade. Talvez esteja sofrendo de dores e ferimentos internos há dois dias, mas também está muito calmo. Outros carros passam à sua volta. Carros colam em você. Motoristas mostram o dedo do meio. Estranhos completos odeiam você. Mas não é pessoal. Depois do clube da luta você está tão relaxado que simplesmente não liga para nada disso. Você nem liga o rádio. Talvez suas costelas doam sempre que você respira por causa de uma pequena fratura. Carros atrás de você piscam os faróis. O sol está se pondo, laranja e dourado.

O mecânico continua ali, dirigindo. O bolo de aniversário está no banco entre nós.

É puta assustador ver caras como o nosso mecânico no clube da luta. Caras magrelas nunca perdem os sentidos. Eles lutam até virarem carne de hambúrguer. Caras branquelas, como esqueletos mergulhados em cera amarela, e com tatuagens, e homens negros como carne seca. Esses caras geralmente andam juntos, do jeito que você conseguia imaginá-los na Narcóticos Anônimos. Eles nunca falam: pare. É como se fossem feitos de energia pura, movendo-se tão rápido que suas extremidades ficam borradadas, e normalmente estão se recuperando de algo. É como se a única opção que restasse fosse a maneira como vão morrer e eles querem morrer lutando.

Esses caras precisam lutar uns contra os outros.

Ninguém mais vai escolhê-los para uma luta e eles também não vão escolher ninguém, a não ser outros magrelas cheios de ossos e movimentos rápidos, pois ninguém quer lutar com eles.

Os caras assistindo nem gritam quando lutadores como o nosso mecânico estão lutando.

Tudo o que se ouve são os lutadores respirando por entre os dentes cerrados, mãos batendo à procura de uma pegada, o assobio e o impacto dos punhos batendo e martelando as costelas magras bem de perto quando estão se agarrando. Você vê tendões, músculos e veias sob a pele dos caras quando eles pulam. A pele deles brilha suada, retesada e totalmente molhada embaixo daquela luz única.

Dez, quinze minutos desaparecem. O cheiro deles, o suor, nossa, o cheiro deles nos lembra o de frango frito.

Vinte minutos se passam no clube da luta. Finalmente um dos caras cai.

Depois da luta os dois caras, ex-drogados, ficarão juntos pelo resto da noite, bêbados e sorrindo por terem lutado tanto.

Desde o clube da luta este mecânico tem aparecido direto na casa da Paper street. Quer que eu ouça a música que escreveu. Quer que eu veja a casa de pássaros que construiu. O cara me mostrou a foto de uma garota e perguntou se era bonita o bastante para se casar com ela.

Sentado no banco da frente do Corniche ele diz:

– Viu o bolo que fiz para você? Eu que fiz.

Não é meu aniversário.

– Tinha um pouco de óleo escapando dos anéis, mas troquei o óleo e o filtro de ar – ele continua. –

Chequei as folgas das válvulas e a regulagem. Parece que vai chover hoje à noite, então também troquei as palhetas do para-brisa.

Pergunto o que Tyler está planejando.

O mecânico abre o cinzeiro e aperta o acendedor de cigarros. Depois diz:

– Isso é um teste? Você está testando a gente?

Onde está Tyler?

– A primeira regra do clube da luta é que você não fala sobre o clube da luta – o mecânico responde. – E a última regra do Projeto Desordem e Destruição é não fazer perguntas.

Então o que ele pode me contar?

– O que você precisa entender é que seu pai foi o seu modelo de Deus – ele diz.

Atrás de nós o meu emprego e meu escritório ficam menores, menores, menores e desaparecem. Sinto o cheiro de gasolina nas mãos.

– Se você é homem, é cristão e vive na América, seu pai é o seu modelo de Deus. E se você não conheceu seu pai, se ele desapareceu, morreu ou quase nunca está em casa, no que você acredita em relação a Deus?

Isso tudo é o dogma de Tyler Durden. Rabiscado em pedacinhos de papel enquanto eu dormia e depois entregues a mim para que digitasse e fizesse cópias em meu trabalho. Já li tudo. Provavelmente até o meu chefe leu tudo.

– O que você acaba fazendo – o mecânico continua – é passar a vida procurando um pai e um Deus. O que precisa considerar é a possibilidade de Deus não gostar de você. Pode ser que Deus nos odeie. Isso não é a pior coisa que poderia acontecer.

Tyler achava que conseguir chamar a atenção de Deus sendo mau era melhor que não conseguir atenção nenhuma. Talvez porque seja melhor o ódio de Deus do que a indiferença Dele.

Se você pudesse ser o pior inimigo de Deus ou um nada, o que escolheria?

Somos os filhos do meio de Deus, de acordo com Tyler Durden, e não temos lugar especial na história nem atenção.

A menos que consigamos chamar a atenção de Deus, não teremos a menor chance de danação ou redenção.

O que é pior, o Inferno ou o nada?

Apenas se formos pegos e punidos é que poderemos ser salvos.

– Queime o Louvre – o mecânico diz – e limpe a bunda com a *Mona Lisa*. Dessa forma, Deus pelo menos saberá nosso nome.

Quanto mais fundo você descer, mais alto voará. Quanto mais longe correr, mais Deus vai o querer de volta.

– Se o filho pródigo nunca tivesse saído de casa, o bezerro cevado ainda estaria vivo.

Não é o suficiente ser apenas mais um dentre os grãos de areia da praia e as estrelas do céu.

O mecânico conduz o Corniche preto por uma velha estrada de duas mãos, sem pista de ultrapassagem, e então uma fila de caminhões se forma atrás de nós, todos andando dentro do limite de velocidade. O Corniche é preenchido pelos faróis dos veículos atrás de nós e continuamos ali, conversando e refletindo atrás do nosso para-brisa. E dirigindo dentro do limite de velocidade. O mais rápido que a lei permite.

A lei é a lei, Tyler diria. Dirigir rápido demais era o mesmo que começar um incêndio, plantar uma bomba ou atirar em um homem.

Um criminoso é um criminoso que é um criminoso.

– Na semana passada poderíamos ter enchido mais quatro clubes da luta – o mecânico diz. – Talvez o Grande Bob possa cuidar de outra filial se encontrarmos um bar.

Então, na próxima semana ele repassará as regras para o Grande Bob e dará a ele um clube da luta.

A partir de agora, quando um líder inicia um clube da luta e todos estão parados em torno da luz central de um porão, esperando, o líder deve caminhar e caminhar do lado de fora do círculo, no escuro.

Pergunto quem criou essas novas regras. Tyler?

O mecânico sorri e diz:

– Você sabe quem faz as regras.

Ele diz que a nova regra é que ninguém deve ser o centro do clube da luta. Ninguém é o centro do clube da luta a não ser os dois homens lutando. A voz do líder surgirá aos gritos, caminhando devagar em torno da multidão e na escuridão. Os homens ali reunidos ficarão olhando para os outros homens no círculo enquanto o centro ficará vazio.

É assim que será em todos os clubes da luta.

Achar um bar ou garagem para sediar o novo clube da luta não é difícil. O primeiro bar, onde o clube da luta original ainda está, arrecada a grana do aluguel do mês em apenas uma noite de sábado de clube da luta.

De acordo com o mecânico, outra nova regra do clube da luta é que o clube da luta é sempre gratuito. Nunca custa nada para entrar. O mecânico grita pela janela para os carros que vêm na faixa contrária e para o vento da noite que sopra ao lado do carro:

– Queremos você, não o seu dinheiro.

Ele continua gritando janela afora:

– Enquanto permanecer no clube da luta você não é definido por quanto dinheiro tem no banco. Você não é o seu trabalho. Não é a sua família nem é quem acha que é.

– Você não é seu nome – ele grita para o vento.

Um macaco espacial sentado no banco de trás continua:

– Você não é os seus problemas.

– Você não é os seus problemas – o mecânico grita.

– Você não é a sua idade – um macaco espacial grita.

– Você não é a sua idade – o mecânico grita.

Nesse ponto o mecânico vai para o lado e entra na pista contrária, enchendo o carro com os faróis que entram pelo vidro da frente, tranquilo como se fosse se desviar de socos. Um carro e depois outro vem em nossa direção buzinando e o mecânico vira apenas o suficiente para desviar deles.

Faróis vêm em nossa direção, cada vez maiores, buzinas gritam e o mecânico acelera em direção à luz, o barulho e então grita:

– Você não é as suas esperanças.

Ninguém ouve o grito.

Desta vez o carro vindo em nossa direção se desvia a tempo e nos salva.

Outro carro vem em nossa direção com o farol piscando alto, baixo, alto, baixo, buzinando a toda e o mecânico grita:

– Você não será salvo.

O mecânico não desvia, mas o carro contrário sim.

Outro carro e ele grita:

– Todos vamos morrer um dia.

Desta vez o outro carro desvia e o mecânico desvia para o mesmo lado. O carro desvia de novo e o mecânico vai para o mesmo lado, um de frente para o outro, de novo.

Você derrete e infla naquele momento. Nada importa naquele instante. Olhe para as estrelas e desapareça. Nada de malas. Nada mais importa. Nem o seu mau hálito. Você vê a escuridão através das janelas e ouve o som de buzinas à sua volta. O farol pisca alto, baixo e alto em seu rosto e você nunca mais precisará ir para o trabalho.

Nunca mais vai precisar cortar o cabelo.

– Rápido – o mecânico diz.

O carro desvia de novo e o mecânico desvia para o caminho dele.

– O que – ele diz –, o que desejaria ter feito antes de morrer?

Com o carro vindo em nossa direção, buzinando o quanto podia, e o mecânico tão tranquilo que nem desvia os olhos ao olhar para mim, ao lado dele, no banco da frente, diz:

– Dez segundos para o impacto.

“Nove.

“Em oito.

“Sete.

“Em seis.”

Meu trabalho, digo. Gostaria de ter pedido demissão.

O grito da buzina passa ao nosso lado quando o carro desvia e o mecânico não vira o carro para bater nele.

Mais luzes estão vindo em nossa direção e o mecânico se vira para os três macacos no banco traseiro.

– Ei, macacos espaciais, vocês viram como é o jogo. Confessem agora ou vamos todos morrer.

Um carro passa à direita de nós com um adesivo de para-choque onde se lê: “Dirijo Melhor Quando Estou Bêbado”. O jornal diz que milhares desses adesivos simplesmente apareceram nos carros certa manhã. Há outros adesivos com a frase: “Quero o Meu Malpassado”.<sup>10</sup>

“Motoristas Bêbados Contra as Mães.”

“Recicle Todos os Animais.”

Ao ler o jornal eu tenho certeza de que a Comissão de Desinformação fez isso. Ou então a Comissão de Desordem.

Sentado ao meu lado, nosso mecânico sóbrio e que não usa mais drogas diz que sim, os adesivos são parte do Projeto Desordem e Destruição.

Os três macacos espaciais estão em silêncio no banco de trás.

A Comissão de Desordem está imprimindo aqueles papéis laminados de companhias aéreas mostrando passageiros lutando pelas máscaras de oxigênio enquanto o avião cai em chamas em direção às pedras a milhares de quilômetros por hora.

As comissões de Desordem e de Desinformação estão competindo entre si para ver quem desenvolve um vírus de computador que deixe os caixas eletrônicos doentes o suficiente para que vomitem uma tempestade de notas de dez e vinte dólares.

O acendedor de cigarro pula no painel, quente, e o mecânico me diz para acender as velas do bolo de aniversário.

Eu as acendo e o bolo fica iluminado por um círculo de fogo.

– O que gostaria de ter feito antes de morrer? – ele pergunta e muda de pista na direção de um caminhão. O motorista toca aquela buzina de ar, um toque longo após o outro enquanto os faróis do caminhão, como um nascer do sol, vão se aproximando cada vez mais brilhantes e iluminam o sorriso do mecânico.

– Faça seu desejo, e rápido – ele diz para o retrovisor vendo os três macacos espaciais sentados no banco de trás. – Temos cinco segundos até o esquecimento.

– Um – ele diz.

– Dois.

O caminhão é tudo o que há na nossa frente, com sua luz cegante e rugindo.

– Três.

– Montar um cavalo – diz uma voz do banco de trás.

– Construir uma casa – diz outra.

– Fazer uma tatuagem.

O mecânico diz:

– Creiam em mim e vocês morrerão para sempre.

Um pouco tarde demais, o caminhão vai para um lado e o mecânico vai para o outro, mas a traseira do nosso Corniche derrapa e bate no canto do para-choque dianteiro do caminhão.

Não que eu soubesse disso na hora. O que sei é das luzes, os faróis do caminhão piscam na escuridão e sou lançado primeiro contra a porta e depois contra o bolo de aniversário e o mecânico que está dirigindo.

Ele está inclinado e agarrado à direção para conseguir mantê-la reta e as velas do bolo se apagaram. Em um segundo perfeito não há nenhuma luz dentro do carro preto com interior de couro e nossos gritos atingem a mesma nota grave, o mesmo lamento baixo da buzina de ar do caminhão, e não temos nenhum controle, nenhuma escolha, nenhuma escapatória e estamos mortos.

O meu desejo neste momento é morrer. Não sou nada no mundo se comparado a Tyler.

Sou impotente.

Sou um idiota e tudo o que faço é querer e precisar de coisas.

Minha vidinha. Meu empreguinho de merda. Minha mobília sueca. Eu nunca, nunca mesmo, contei isso a ninguém, mas antes de conhecer Tyler estava planejando comprar um cachorro e chamá-lo de “Companheiro”.<sup>11</sup>

Isso mostra o quão ruim a sua vida pode ficar.

Mate-me.

Seguro a direção e nos coloco de volta na pista.

Agora.

Prepare para evacuar a alma.

Agora.

O mecânico luta pela direção para nos jogar na valeta e eu luto para morrer.

Agora. O incrível milagre da morte, quando em um segundo você está andando e falando e no próximo virou um objeto.

Não sou nada, nem mesmo isso.

Frio.

Invisível.

Sinto cheiro de couro. Meu cinto de segurança parece estar torcido como uma camisa de força à minha volta e, quando tento me sentar, bato a cabeça na direção. Isso dói mais do que deveria. Minha cabeça está descansando no colo do mecânico e, conforme olho para cima, meus olhos se ajustam para enxergar o rosto dele bem acima de mim, sorrindo, dirigindo, e também consigo ver as estrelas pela janela do motorista.

Minhas mãos e meu rosto estão grudentos por causa de algo.

*Sangue?*

Cobertura de bolo.

O mecânico olha para baixo.

– Feliz aniversário.

Sinto o cheiro de fumaça e me lembro do bolo.

– Quase quebrei a direção com sua cabeça – ele diz.

Não existe mais nada, apenas o ar noturno, o cheiro de fumaça, as estrelas, o mecânico sorrindo e dirigindo, minha cabeça em seu colo e de repente já não acho que preciso me sentar.

Onde está o bolo?

– Está no chão – o mecânico responde.

Apenas o ar noturno e um cheiro de fumaça mais pesado.

Meu desejo se realizou?

Acima de mim e delineado contra as estrelas na janela o rosto sorri.

– Aquelas velas do bolo são do tipo que nunca se apagam – ele diz.

Com a luz do céu estrelado, os meus olhos se ajustam o suficiente para eu ver a fumaça saindo de pequenos lugares pegando fogo no estofado à nossa volta.

[10](#). “Make mine veal”, no original, uma brincadeira com quem não gosta de carne. (N. do T.)

[11](#). No original, Entourage. (N. do T.)

**O MECÂNICO DO CLUBE DA LUTA** está pisando fundo, dirigindo furiosamente atrás do volante de seu jeito silencioso, pois parece que ainda temos uma coisa para fazer esta noite.

Uma coisa que precisarei aprender antes do final da civilização é como olhar para as estrelas e saber para onde estou indo. As coisas estão tão calmas que é como se estivéssemos andando de Cadillac no espaço. Devemos ter saído da autoestrada. Os três caras no banco de trás estão desmaiados ou dormindo.

— Você teve uma experiência de quase-vida — o mecânico diz.

Ele tira uma mão do volante e encosta no enorme vergão que se formou no local onde minha testa bateu na direção. Minha testa está inchando o suficiente para fechar meus olhos e ele passa um dedo frio por toda a extensão do inchaço. O Corniche passa em um buraco e a dor parece encobrir meus olhos como a sombra da aba de um boné. As molas de nossa lataria traseira retorcida e o par-choque rangem e gemem enquanto aceleramos no silêncio da estrada noturna.

O mecânico diz que o par-choque traseiro está pendurado pelos fios e que quase se soltou inteiro ao bater no canto do par-choque dianteiro do caminhão.

Pergunto se esta noite é uma parte de sua lição de casa do Projeto Desordem e Destruição.

— É uma parte — ele diz. — Preciso fazer quatro sacrifícios humanos e tenho que pegar uma carga de banha.

Banha?

— Para o sabão.

Qual é o plano de Tyler?

O mecânico começa a falar e é Tyler Durden puro.

— Eu vejo os homens mais fortes e inteligentes que já viveram — ele diz, o rosto delineado pelas estrelas que aparecem pela janela do motorista. — E esses homens estão enchendo tanques de carros e servindo mesas.

A inclinação da testa, as sobrancelhas, a linha do nariz, os cílios, a curva dos olhos, o contorno plástico da boca, o jeito de falar, tudo delineado em preto pelas estrelas.

— Se pudéssemos colocar esses homens em campos de treinamento e terminar de criá-los.

— Tudo que uma arma faz é concentrar a explosão em uma direção. — Há uma categoria de homens e mulheres jovens e fortes que querem dar a própria vida por algo. A propaganda faz essas pessoas irem atrás de carros e roupas de que elas não precisam. Gerações têm trabalhado em empregos que odeiam para poder comprar coisas de que realmente não precisam. — Não temos uma grande guerra em nossa geração ou uma grande depressão, mas na verdade temos, sim, é uma grande guerra de espírito. Temos uma grande revolução contra a cultura. A grande depressão é a nossa vida. Temos uma depressão espiritual.

— Temos que mostrar a esses homens e mulheres a liberdade, e faremos isso escravizando-os. Mostraremos a eles a coragem ao assustá-los. — Napoleão se gabava de que podia treinar homens para sacrificar a vida deles em busca de uma condecoração.

— Imagine se organizássemos uma greve e todos se recusassem a trabalhar até que

redistribuísssemos a riqueza do mundo.

– Imagine caçar um alce nas florestas úmidas do cânion formado pelas ruínas do Rockfeller Center.

– Aquilo que falou sobre o seu emprego – o mecânico pergunta. – Era mesmo sério?  
Sim, estava.

– É por isso que estamos na estrada esta noite – ele diz.  
Somos um bando de caçadores e estamos caçando banha.  
Estamos indo até o depósito de lixo hospitalar.

Estamos indo até o incinerador de lixo hospitalar e lá, entre lençóis cirúrgicos descartáveis e curativos, tumores com dez anos de idade, tubos intravenosos e agulhas descartáveis, coisas assustadoras, mas assustadoras mesmo, entre amostras de sangue e pequenos pedaços amputados, vamos encontrar mais dinheiro do que poderíamos carregar em uma noite, mesmo que estivéssemos num caminhão de lixo.

Vamos encontrar dinheiro suficiente para encher este Corniche até ele parecer rebaixado.

– Banha – o mecânico diz – lipoaspirada das coxas ricas da América. As coxas mais gordas e ricas do mundo.

Nossa meta são os grandes sacos vermelhos de banha lipoaspirada que levaremos de volta para a Paper street e ferveremos e misturaremos com soda cáustica e alecrim e revenderemos para as mesmas pessoas que pagaram para sugá-las do corpo. A vinte pratas cada barra, são as únicas pessoas que têm dinheiro para comprar.

– A banha mais rica e cremosa do mundo, a gordura da nossa terra – ele diz. – Isso faz da nossa noite algo parecido com Robin Hood.

As pequenas chamas de cera estalam no estofamento.

– Enquanto estivermos lá – ele continua –, também teremos que procurar por aqueles vírus da hepatite.

**AS LÁGRIMAS COMEÇARAM A SURGIR AGORA** e uma bem grande escorregou pelo cano da arma e depois pela lateral até explodir contra meu dedo indicador no gatilho. Raymond Hessel fechou os dois olhos e por isso eu apertei ainda mais a arma contra sua têmpora, assim ele sempre sentiria a arma pressionando bem ali e eu estava ao seu lado, aquela era sua vida e ele poderia estar morto a qualquer momento.

Esta não era uma arma barata e me perguntei se o sal poderia ferrá-la.

Tudo se foi tão fácil, pensei. Fiz tudo o que o mecânico me disse para fazer. Era por isso que precisávamos comprar uma arma. Esta era a minha lição de casa.

Cada um de nós tinha que levar doze carteiras de motorista para Tyler. Isso provaria que cada um de nós tinha feito doze sacrifícios humanos.

Esta noite eu estacionei o carro e fiquei na esquina esperando que Raymond Hessel terminasse o turno no Korner Mart, que funciona a noite toda, e por volta da meia-noite ele já estava esperando pelo ônibus quando fui até lá e o cumprimentei.

Raymond Hessel, Raymond não disse nada. Ele provavelmente imaginou que eu queria seu dinheiro, seu salário mínimo, os catorze dólares que tinha na carteira. Ah, Raymond Hessel e todos os seus vinte e três anos, quando começou a chorar e suas lágrimas caíram no cano da minha arma pressionada contra sua têmpora. Não, não era uma questão de dinheiro. Nem tudo é dinheiro.

Você nem me cumprimentou.

Você não é a sua carteira pequena e triste.

Eu disse noite agradável, fria, mas clara.

Você nem sequer disse oi.

Disse para você não correr ou eu teria que atirar em suas costas. Estava com a arma nas mãos e usava luvas de látex para o caso de a arma se tornar a prova A da promotoria, assim não haveria nada nela a não ser as lágrimas secas de Raymond Hessel, caucasiano, vinte e três anos e sem marcas de nascença.

Depois disso consegui sua atenção. Seus olhos ficaram tão arregalados que mesmo com a iluminação fraca da rua eu pude ver que eram bem verdes.

Você se inclinava para trás e depois um pouco mais ainda cada vez que a arma encostava em seu rosto, como se o cano estivesse quente ou frio demais. Até que eu disse para não andar para trás e você deixou a arma encostar em você, mas ainda assim inclinou a cabeça para trás fugindo do cano.

Você me deu sua carteira do jeito que eu pedi.

O nome em sua carteira de motorista era Raymond K. Hessel. Você mora na SE Benning 1.320, apartamento A. Deve ser um apartamento daqueles para baixo, em um porão. Normalmente esses apartamentos de baixo recebem letras em vez de números.

Raymond K. K. K. K. K., eu estava falando com você.

Sua cabeça se inclina para trás e para longe da arma e você responde que sim. Diz que sim, que mora mesmo no porão.

Você também tinha algumas fotos na carteira. Aqui está sua mãe.

Essa parte foi dura para você, que teve que abrir os olhos e ver a foto de sua Mãe e seu Pai sorrindo e a arma ao mesmo tempo, mas você conseguiu, e depois seus olhos se fecharam e você começou a chorar.

Você ia esfriar no incrível milagre da morte. Em um minuto você é uma pessoa e no seguinte é um objeto, e a Mamãe e o Papai terão que ligar para seu antigo dentista para pegar seus registros de arcada dentária, pois não terá sobrado muito de seu rosto, e a Mamãe e o Papai sempre esperaram muito mais de você, e não, a vida não é justa, e agora ela o trouxe até este momento.

Quatorze dólares.

Esta, perguntei a ele, é a sua mãe?

É. Você estava chorando, fungando e chorando. Depois engoliu. É.

Você tinha um cartão de biblioteca. Tinha uma carteirinha de uma videolocadora. Um cartão do seguro social. Quatorze dólares em dinheiro. Eu queria pegar o cartão de passes de ônibus, mas o mecânico me disse para pegar apenas a carteira de motorista. Uma carteirinha vencida de uma faculdade.

Você costumava estudar algo.

Você começou a chorar de verdade nesse ponto e por isso pressionei a arma um pouco mais forte contra sua bochecha e você começou a andar para trás até que eu disse para não se mover ou morreria ali mesmo. Agora me diga, o que você estuda?

Onde?

Na faculdade, respondi. Você tem uma carteirinha de estudante.

Oh, você não sabia, soluça, engole, funga, para, biologia.

Olha, agora você vai morrer, Ray-mond K. K. K. Hessel, esta noite. Você pode morrer em um segundo ou em uma hora, a escolha é sua. Então minta para mim. Me diga a primeira coisa que vem à cabeça. Invente algo. Não me importa o quê. Eu estou com a arma.

Finalmente você estava ouvindo e saindo da pequena tragédia que se desenrolava em sua cabeça.

Complete. O que Raymond Hessel quer ser quando crescer?

Ir para casa, você respondeu que só quer ir para casa, por favor.

Porra nenhuma, respondi. Mas e depois disso, como quer passar o resto da vida? Se pudesse fazer qualquer coisa no mundo.

Invente algo.

Você não sabia.

Você está morto, agora, eu disse. Disse para virar a cabeça.

A morte começará em dez, em nove, em oito.

Um veterinário, você disse. Você quer ser veterinário.

Isso significa mexer com animais. Você precisa fazer faculdade para isso.

Isso significa bastante tempo de faculdade, você disse.

Você poderia estar na faculdade ralando muito, Raymond Hessel, ou poderia estar morto. Você escolhe. Coloquei a carteira de volta no bolso de trás de sua calça jeans. Então você quer mesmo ser um médico de animais. Tirei o bocal da arma salgada de uma bochecha e pressionei contra a outra. É isso que sempre quis ser, o doutor Raymond K. K. K. Hessel, veterinário?

É

Sem brincadeira?

Não. Sim, foi o que você quis dizer, sim, sem brincadeira.

Está bem, falei, e então pressionei a ponta molhada do cano na ponta do seu queixo, depois na ponta do seu nariz, e em todos os lugares que pressionei o bocal da arma ficou uma marca arredondada e molhada de suas lágrimas.

Então, disse, volte para a escola. Se acordar amanhã de manhã, dê um jeito de voltar para a escola.

Pressionei a extremidade molhada da arma em cada uma de suas bochechas, depois no queixo e então na testa, e a mantive lá. Você também pode morrer agora, falei.

Estou com sua carteira de motorista.

Sei quem você é. Sei onde mora. Vou ficar com sua carteira de motorista e ficarei de olho em você, senhor Raymond K. Hessel. Daqui a três meses, depois em seis e em um ano, e se não tiver voltado a estudar para se tornar veterinário, você vai morrer.

Você não respondeu nada.

Saia daqui e viva sua vidinha, mas lembre-se de que eu o vigiarei, Raymond Hessel, e prefiro matá-lo avê-lo trabalhando em um emprego de merda ganhando dinheiro suficiente apenas para comprar queijo e ver televisão.

Agora eu vou embora, então não se vire.

É isto que Tyler quer que eu faça.

Estas são as palavras de Tyler saindo da minha boca.

Sou a boca de Tyler.

Sou as mãos de Tyler.

Todos no Projeto Desordem e Destrução são uma parte de Tyler Durden e vice-versa.

Raymond K. K. Hessel, o seu jantar terá o melhor sabor que qualquer refeição que já fez e amanhã será o dia mais lindo de toda a sua vida.

**VOCÊ ACORDA NO** Sky Harbor Internacional.

Atrase seu relógio em duas horas.

A van me leva até o centro de Phoenix e em cada bar que entro há caras com pontos em volta de uma órbita ocular na qual um bom soco amassou a carne do rosto contra os ossos duros da mão. Tem caras com o nariz torto e todos eles lá no bar olham para minha bochecha furada e no mesmo instante nos tornamos familiares.

Tyler não aparece em casa faz um tempo. Eu faço meu trabalho. Vou de aeroporto em aeroporto para olhar carros nos quais pessoas morreram. A mágica de viajar. A vida em miniatura. Os minissabonetes. Os miniassentos dos aviões.

Pergunto sobre Tyler em todos os lugares para os quais eu vou.

Se eu o encontrar, as doze carteiras de motorista dos meus sacrifícios humanos estarão no meu bolso.

Em cada bar que entro, em todos eles mesmo, vejo caras detonados. Em cada bar eles me abraçam e querem me pagar uma cerveja. É como se eu já soubesse quais bares têm clubes da luta

Pergunto se eles já viram um cara chamado Tyler Durden.

É idiotice perguntar se eles conhecem o clube da luta.

A primeira regra do clube da luta é não falar sobre o clube da luta.

Mas por acaso viram Tyler Durden?

Eles respondem que nunca ouviram falar dele, e me chamam de senhor.

Mas talvez possa encontrá-lo em Chicago, senhor.

Talvez todos me chamem de senhor por causa do buraco na bochecha.

E eles piscam para mim.

Você acorda no O'Hare e pega a van para o centro de Chicago.

Adianta o relógio em uma hora.

Se pode acordar em um lugar diferente.

Se pode acordar em um horário diferente.

Por que não pode acordar como uma pessoa diferente?

Em cada bar ao qual você vai, caras que apanharam querem pagar uma cerveja.

E não, senhor, eles nunca conheceram esse tal Tyler Durden.

E piscam para mim.

Eles nunca ouviram esse nome antes. Senhor.

Pergunto sobre o clube da luta. Tem algum clube da luta aqui por perto esta noite?

Não, senhor.

A segunda regra do clube da luta é que você não fala sobre o clube da luta.

Os caras cheios de machucados no bar sacodem a cabeça.

Nunca ouvi falar. Senhor. Mas é provável que encontre esse tal de clube da luta em Seattle, senhor.

Você acorda em Meigs Field e liga para Marla para saber o que está acontecendo na Paper street.

Ela diz que agora todos os macacos espaciais estão raspando a cabeça. Que a máquina de cortar

cabelo fica quente de tanto ser usada e a casa toda cheira a cabelos chamuscados. Os macacos espaciais estão usando a soda cáustica para queimar as próprias impressões digitais.

Você acorda no SeaTac.

Atrase seu relógio em duas horas.

A van o leva para o centro de Seattle e no primeiro bar que você entra o atendente está usando um colar cervical que empurra a cabeça dele tão para trás que ele precisa virar os olhos para baixo, em direção ao seu nariz amassado, para poder olhá-lo.

O bar está vazio e o atendente diz:

– Seja bem-vindo de volta, senhor.

Eu nunca estive nesse bar antes. Nunca mesmo.

Pergunto se ele já ouviu o nome Tyler Durden.

O atendente sorri com o queixo preso acima do colar cervical branco e pergunta:

– Isso é um teste?

Digo que sim, que é um teste. Ele já se encontrou com Tyler Durden?

– Você veio aqui na semana passada, senhor Durden – ele responde. – Não se lembra?

Tyler esteve aqui.

– Você esteve aqui, senhor.

Jamais estive aqui antes desta noite.

– Se está dizendo, senhor – o atendente continua –, mas na quinta à noite você entrou aqui para perguntar quando a polícia estava planejando fechar este lugar.

Na quinta passada eu passei a noite toda acordado com insônia e pensando se estava acordado ou se estava dormindo. Acordei no final da manhã de sexta muito cansado e sentindo que não havia fechado os olhos nunca na vida.

– Sim, senhor – ele diz. – Na quinta à noite você estava parado exatamente onde está agora e perguntava sobre a batida policial e também queria saber quantos caras tínhamos deixado de fora do clube da luta da quarta-feira à noite.

O atendente gira os ombros e o pescoço com o colar cervical para olhar para o bar vazio e diz:

– Não tem ninguém aqui para ouvir o que falamos, senhor Durden. Tivemos que dispensar vinte e sete ontem à noite. E este lugar sempre fica vazio na noite seguinte ao clube da luta.

Em todos os bares que entrei nesta semana todo mundo me chamou de senhor.

Em todos os bares que entro os caras machucados do clube da luta começam a me parecer iguais.

Como um estranho pode saber quem eu sou?

– Você tem uma marca de nascença, senhor Durden – o atendente diz. – No seu pé. Ela tem o formato de uma Austrália com a Nova Zelândia perto e é vermelho-escura.

Só a Marla sabe disso. Ela e o meu pai. Nem mesmo Tyler sabe disso. Quando vou à praia eu me sento com esse pé escondido embaixo de mim.

O câncer que não tenho está por toda a parte agora.

– Todos no Projeto Desordem e Destruição sabem disso, senhor Durden. – Ele levanta a mão, mostra as costas dela para mim e lá está a marca de um beijo queimado.

O meu beijo?

O beijo de Tyler.

– Todos sabem sobre a marca de nascença. É parte da lenda. Você está se tornando uma lenda fodida, cara.

Ligo para Marla do meu quarto de motel em Seattle e pergunto se já fizemos aquilo.  
Você sabe.

Lá de longe Marla responde:

– O quê?

Dormir juntos.

– Como assim?

Por acaso eu tinha, tipo, transado com ela?

– Cristo!

– E aí?

– E aí o quê? – ela pergunta.

Nós já transamos?

– Você é um merda mesmo.

Nós já transamos?

– Eu poderia matar você!

Isso é um sim ou um não?

– Sabia que isso aconteceria – Marla diz. – Você é tão instável. Primeiro me ama. Depois me ignora. Salva minha vida e depois cozinha minha mãe e a transforma em sabão.

Eu me belisco.

Pergunto a Marla como nos conhecemos.

– Naquele negócio do câncer de testículos – ela responde. – E depois você salvou a minha vida.

Eu salvei a vida dela?

– Você salvou minha vida.

Tyler salvou a vida dela.

– Você salvou minha vida.

Enfio o dedo no buraco em minha bochecha e o giro de um lado para o outro. Isso deveria ser suficiente para criar uma dor de gente grande e me acordar.

– Você salvou minha vida – Marla repete. – No Regent Hotel. Eu tentei me suicidar accidentalmente, lembra?

Oh.

– Naquela noite eu disse que queria fazer um aborto seu.

Acabamos de perder a pressão na cabine.

Pergunto a Marla qual o meu nome.

Vamos todos morrer.

– Tyler Durden – Marla responde. – Seu nome é Tyler Limpa Bundas Cabeçudo Durden. Você mora na Paper street, 5.123 NE, local que agora está repleto dos seus pequenos discípulos raspando a própria cabeça e queimando a pele com soda cáustica.

Preciso dormir um pouco.

– Você precisa voltar logo para cá – Marla grita ao telefone – antes que seus pequenos trolls me transformem em sabão.

Preciso encontrar Tyler.

A cicatriz na mão dela, pergunto a Marla, como ela a conseguiu?

– Foi você – ela responde. – Você beijou minha mão.

Preciso encontrar Tyler.

Preciso dormir um pouco.

Preciso dormir.

Preciso ir dormir.

Digo boa-noite a Marla e os gritos dela vão diminuindo, diminuindo, diminuindo, e desaparecem quando baixo o gancho e desligo o telefone.

**TODA A NOITE** seus pensamentos voam.

Estou dormindo? Será que cheguei a dormir? Isso é a insônia.

Você tenta relaxar um pouco mais a cada respiração, mas seu coração ainda está acelerado e seus pensamentos são um tornado em sua cabeça.

Nada funciona. Nem meditação guiada.

Você está na Irlanda.

Nem contar carneirinhos.

Você conta os dias, as horas e os minutos desde que se lembra de ter dormido a última vez. Seu médico riu. Ninguém nunca morreu de falta de sono. Do jeito que seu rosto parece uma fruta velha e machucada dá para achar que está morto.

Depois das três da manhã em uma cama de motel em Seattle é muito tarde para você encontrar um grupo de apoio. Tarde demais para achar as pequenas cápsulas azuis de amital sódico ou as vermelhas de Seconal, que são todo o arsenal do *O vale das bonecas*.<sup>12</sup> Depois das três da manhã você não consegue entrar em um clube da luta.

Você tem que encontrar Tyler.

Você tem que dormir um pouco.

Então você está acordado e Tyler está em pé, no escuro, ao lado da cama.

Você acorda.

No momento em que você estava caindo no sono, Tyler estava lá parado e disse:

– Acorda. Acorda, já resolvemos o problema com a polícia aqui em Seattle. Acorda.

O comissário de polícia queria dar uma batida no que ele chamava de atividade de gangue e clubes de boxe da madrugada.

– Mas não se preocupe – Tyler diz. – O senhor comissário de polícia não deve ser mais problema. Temos seu saco em nossas mãos agora.

Pergunto se Tyler está me seguindo.

– Engraçado – ele responde. – Eu ia perguntar a mesma coisa. Você falou de mim para outras pessoas, seu merdinha. Você quebrou sua promessa.

Tyler queria saber quando eu descobri.

– Toda vez que você dorme – Tyler diz –, eu escapo e faço algo louco, algo bizarro, algo completamente fora de mim.

Ele se ajoelha ao lado da cama e sussurra:

– Na quinta passada você dormiu e eu peguei um avião para Seattle para uma pequena inspeção no clube da luta. Para checar o número de pessoas recusadas e esse tipo de coisa. Procurar novos talentos. Também temos o Projeto Desordem e Destruição em Seattle.

A ponta do dedo de Tyler passa pelas minhas sobrancelhas.

– Temos o Projeto Desordem e Destruição em Los Angeles e Detroit, temos um bem grande em Washington, D.C., em Nova York. E temos um Projeto Desordem e Destruição em Chicago de um jeito que você nem acreditaria.

– Não acredito que quebrou sua promessa – Tyler diz. – A primeira regra é que você não fala sobre o clube da luta.

Ele estava em Seattle na semana passada quando um atendente de bar com um colar cervical lhe disse que a polícia começaria a fazer batidas nos clubes da luta. E aquela ordem tinha partido exatamente do comissário de polícia.

– Acontece que temos policiais que vêm lutar no clube da luta e gostam muito de mim – Tyler diz.

– Temos repórteres de jornal, escriturários e sabemos de tudo antes que aconteça.

Vamos ser fechados.

– Pelo menos em Seattle é assim – Tyler fala.

Pergunto o que Tyler fez a respeito daquilo.

– O que *nós* fizemos a respeito – ele fala.

Convocamos uma reunião da Comissão de Ataque.

– Não existe mais um eu e um você – Tyler afirma e aperta a ponta do meu nariz. – Acho que você já descobriu tudo.

Nós dois usamos o mesmo corpo, mas em horas diferentes.

– Nós demos uma lição de casa especial a eles – Tyler continua. – Dissemos: “Me tragam os testículos fumegantes do nosso estimado e honrado Comissário Quem Quer Que Seja da Polícia de Seattle”.

Eu não estou sonhando.

– Sim – Tyler diz –, está sim.

Juntamos uma equipe de catorze macacos espaciais, cinco dos quais eram policiais, então éramos todas as pessoas que estavam no parque à noite onde sua excelência passeia com seu cachorro.

– Não se preocupe – Tyler diz. – O cachorro está bem.

O ataque todo levou três minutos a menos que o nosso melhor tempo nos treinos. Tínhamos planejado que levaria doze minutos. Nosso melhor ensaio levou nove.

Cinco macacos espaciais o seguraram no chão.

Tyler está me contando aquilo, mas de algum jeito eu já sei de tudo.

Três macacos espaciais ficaram vigiando.

Um macaco espacial aplicou o éter.

Um macaco espacial abaixou as estimadas calças dele.

O cachorro é um spaniel e ficou latindo e latindo.

Latindo e latindo.

Latindo e latindo.

Um macaco prendeu um elástico e deu três voltas até que a parte de cima do estimado saco dele ficasse bem presa.

– Um macaco espacial ficou entre as pernas dele com uma faca – Tyler sussurra com o rosto machucado de socos ao lado da minha orelha. – E eu sussurro na muitíssimo estimada orelha do comissário de polícia que é melhor ele parar com a repressão aos clubes da luta ou então contaremos a todo mundo que a estimada excelência não tem saco nem bolas.

Tyler sussurra:

– Até onde acha que pode chegar, excelência?

O elástico apertado corta qualquer sensação que ele possa ter lá embaixo.

– Até onde acha que pode chegar se os eleitores souberem que não tem bolas?

Naquele momento sua excelência não estava sentindo mais nada.

Cara, o saco dele está gelado.

Mesmo que apenas um clube da luta seja fechado, mandaremos as bolas dele para o leste e o oeste. Uma irá para o *New York Times* e a outra para o *Los Angeles Times*. Uma para cada um. E será como um release de imprensa.

O macaco espacial tira o pano com éter da boca dele e o comissário fala para não fazerem aquilo.

Tyler responde:

– Não temos nada a perder, a não ser o clube da luta.

O comissário tinha tudo a perder.

Tudo o que tinha sobrado para nós era a merda e o lixo do mundo.

Tyler fez um aceno de cabeça para o macaco espacial com a faca no meio das pernas do comissário.

Tyler perguntou:

– Imagina o resto de sua vida com o saco completamente vazio.

O comissário disse não.

E não faça isso.

Pare.

Por favor.

Oh.

Deus.

Me.

Ajude.

Me.

Não.

Ajude.

Deus.

Me.

Detenha.

Eles.

Então o macaco espacial passa a faca e corta apenas o elástico.

Seis minutos, tempo total, e já acabamos.

– Lembre-se disso – Tyler diz. – As pessoas em que você quer pisar, nós, somos as pessoas das quais você depende. Somos nós que lavamos suas roupas, preparamos sua comida e servimos o seu jantar. Arrumamos sua cama. Cuidamos de você enquanto dorme. Dirigimos as ambulâncias. Passamos as suas ligações. Somos cozinheiros e motoristas de táxi e sabemos tudo sobre você. Processamos seus pedidos de seguro e gastos do cartão de crédito. Controlamos todas as partes da sua vida.

“Somos os filhos do meio da história, criados pela televisão para acreditar que algum dia seremos milionários, astros de filme ou da música, mas não seremos. E estamos entendendo isso agora – Tyler falou. – Então não venha foder com a gente.”

O macaco espacial precisou apertar o pano com éter no comissário soluçante até que ele apagasse.

Outra equipe levantou as calças dele e então o levaram para casa junto com seu cachorro. Depois disso dependia dele manter segredo de tudo. E não, não esperávamos mais nenhuma repressão ao

clube da luta.

Sua estimada excelência voltou para casa assustado, mas intacto.

– Cada vez que realizamos essas pequenas lições de casa – Tyler diz –, esses homens do clube da luta que não têm nada a perder acreditam um pouco mais no Projeto Desordem e Destruição.

Tyler está ajoelhado ao lado da minha cama e diz:

– Feche os olhos e me dê a mão.

Eu fecho os olhos e Tyler pega a minha mão. Sinto os lábios dele contra a cicatriz do seu beijo.

– Eu disse que se você falasse de mim pelas costas jamais me veria de novo. Não somos dois homens separados. Para resumir a história, quando está acordado você tem o controle e pode se chamar do que quiser, mas no instante que cair no sono eu assumo e você vira Tyler Durden.

Mas nós lutamos, eu falo. Na noite que inventamos o clube da luta.

– Você não estava lutando comigo de verdade – Tyler fala. – Você mesmo disse. Estava lutando contra tudo o que odiava em sua vida.

Mas estou vendendo você.

– Você está dormindo.

Mas você alugou uma casa. E tinha um emprego. Dois empregos.

– Peça seus cheques cancelados no banco – Tyler diz. – Aluguei a casa em seu nome. Acredito que verá que a caligrafia nos cheques é igual à dos papéis que você vem digitando para mim.

Tyler tem gasto o meu dinheiro. Não é à toa que estou sempre no vermelho.

– E sobre os trabalhos, bom, por que acha que está tão cansado? Não é insônia, caramba. Assim que dorme eu assumo e vou trabalhar, vou ao clube da luta e tudo o mais. Tem sorte de eu não ter arranjado um trabalho de cuidador de cobras.

Mas e a Marla, pergunto.

– A Marla ama você.

A Marla ama você.

– A Marla não sabe a diferença entre nós dois. Você deu a ela um nome falso na noite que se conheceram. Você nunca diz seu verdadeiro nome em um grupo de apoio, seu autêntico de merda. Desde que salvou a vida dela, Marla acha que seu nome é Tyler Durden.

Então agora que sei a respeito de Tyler, ele vai simplesmente desaparecer?

– Não – Tyler responde ainda segurando minha mão. – Não estarei mais aqui em primeiro plano se você não quiser que eu esteja. Mas ainda viverei minha vida quando você estiver dormindo, mas se me foder pensando em se acorrentar à cama de noite ou tomar doses grandes de pílulas para dormir, então seremos inimigos. E eu pegarei você por isso.

Ah, que besteira. Isto é um sonho. Tyler é uma projeção. Ele é um transtorno dissociativo de identidade. Um estado de fuga psicogênica. Tyler Durden é minha alucinação.

– Que se foda essa merda toda – Tyler fala. – Talvez você seja *minha* alucinação esquizofrênica. Eu estava aqui primeiro.

Ele responde:

– Sim, sim, claro. Bom, vamos ver quem estará aqui por último.

Isto não é real. É um sonho e logo vou acordar.

– Então acorde.

E então o telefone toca e Tyler desaparece.

O sol brilha através das cortinas.

É o meu despertador das sete horas da manhã, e quando pego o telefone não tem ninguém na linha.

12. Trata-se de um livro que depois se tornou filme no qual há um grande uso de remédios e barbitúricos. (N. do T.)

**ACELERANDO** o tempo, voo de volta para casa, para Marla e para a Companhia de Sabão da Paper street.

As coisas continuam se deteriorando.

Em casa, não tenho coragem de olhar na geladeira. Imagine dezenas de sacos plásticos etiquetados com nomes de cidades como Las Vegas, Chicago e Milwaukee, lugares onde Tyler teve que ir em frente com suas ameaças para proteger as sedes locais do clube da luta. Dentro de cada sacola haveria um par de bolinhas de carne sujas e congeladas.

Em um canto da cozinha um macaco espacial está agachado no piso rachado de linóleo e estuda as próprias feições em um espelho de mão.

– Sou a merda do mundo cheia de energia e vitalidade – ele fala para o espelho. – Sou o subproduto do lixo tóxico da criação de Deus.

Outros macacos espaciais andam pelo jardim pegando coisas e matando coisas.

Com uma mão na porta da geladeira, respiro fundo e tento me concentrar em minha entidade espiritual iluminada.

Gotas de chuva nas rosas.

Animais da Disney felizes.

Isso faz minhas partes baixas doerem.

A geladeira está só um centímetro aberta quando Marla olha por cima do meu ombro e pergunta o que tem para o jantar.

O macaco espacial olha para si mesmo no espelho, ainda agachado.

– Sou a merda e os dejetos humanos infecciosos da criação.

Círculo completo.

Um mês atrás eu tinha medo de deixar Marla olhar dentro da geladeira. Agora eu tenho medo de olhar lá dentro.

Oh, Deus. Tyler.

Marla me ama. Marla não sabe a diferença.

– Estou feliz que tenha voltado – Marla diz. – Precisamos conversar.

Respondo que sim, claro, precisamos mesmo conversar.

Não consigo me fazer abrir a geladeira.

Sou o Saco Encolhendo de Joe.

Digo a Marla para não encostar em nada da geladeira. Para nem abri-la. Se por acaso encontrar algo lá dentro, não coma nem dê para um gato ou outro bicho comer. O macaco espacial está olhando para nós, então digo a Marla que precisamos sair dali. Temos que ir a outro lugar para poder conversar.

Lá embaixo no porão um macaco espacial está lendo para outros macacos espaciais:

– As três maneiras de fazer napalm:

“A primeira é misturar partes iguais de gasolina e suco de laranja congelado e concentrado” – ele

lê para os outros. “A segunda é misturar partes iguais de gasolina e coca diet. A terceira é dissolver pó de serragem para gatos em gasolina até que a mistura engrosse.”

Marla e eu pegamos um ônibus e nos transportamos da Companhia de Sabão da Paper street para uma mesa de janela no planeta Denny’s, o planeta laranja.

Esse é um assunto que Tyler já abordou, como desde que a Inglaterra fez todas aquelas explorações, construiu colônias e fez mapas, a maioria dos lugares na geografia tem uns nomes ingleses de segunda mão. O inglês nomeou tudo. Ou quase tudo.

Como Irlanda.

Nova Londres, Austrália.

Nova Londres, Índia.

Nova Londres, Idaho.

Nova York, Nova York.

Agora vamos para o futuro.

Mantendo as coisas do mesmo jeito, quando exploração pesada do espaço começar a acontecer, provavelmente serão as corporações megatônicas que descobrirão os novos planetas e os mapearão.

A Esfera Estelar IBM.

A Galáxia Philip Morris.

O planeta Denny’s.

Cada planeta adotará a identidade coorporativa de quem o estuprar primeiro.

O Mundo Budweiser.

Nosso garçom tem um enorme ovo de ganso na testa e fica parado reto como uma vareta, com os pés bem juntos.

– Senhor! – Nosso garçom diz. – Gostaria de fazer o pedido, senhor, agora, senhor? Qualquer coisa que pedir será de graça, senhor!

Você imagina que sentirá cheiro de urina na sopa de todo mundo.

Dois cafés, por favor.

– Por que ele está dando comida de graça para nós? – Marla pergunta.

Digo a ela que o garçom acha que sou Tyler Durden.

Nesse caso, Marla resolve pedir mariscos fritos e sopa de mariscos, um balde de peixe frito e outro de frango frito, uma batata assada com todos os recheios e uma torta de chocolate.

Na janela que dá para a cozinha há três cozinheiros, um deles com pontos no lábio superior, e eles ficam observando Marla e eu e sussurram com cabeça machucada perto uns dos outros. Digo ao garçom para nos trazer comida limpa, por favor. Para não sacanear as coisas que pedimos, por favor.

– Nesse caso, senhor – o garçom fala –, posso aconselhar que a senhorita não coma a sopa de mariscos.

Obrigado. Nada de sopa de mariscos. Marla me olha e eu digo para ela confiar em mim.

O garçom gira nos calcanhares e leva o nosso pedido até a cozinha.

Através da janela da cozinha os três cozinheiros fazem o sinal de positivo para mim.

– Você tem algumas boas vantagens sendo Tyler Durden – Marla diz.

Falo para Marla que de agora em diante ela tem que me seguir todas as noites e anotar aonde vou. Quem eu encontro. Se eu castrei alguém importante. Esse tipo de coisa.

Pego minha carteira e mostro minha carteira de motorista com meu nome verdadeiro para ela.

Não é Tyler Durden.

– Mas todos conhecem você como Tyler Durden – Marla diz.

Todos menos eu.

Ninguém no meu trabalho me chama de Tyler Durden. Meu chefe me chama pelo meu nome verdadeiro.

Meus pais sabem quem eu sou de verdade.

– Então por que você é Tyler Durden para algumas pessoas, mas não para todo mundo? – ela quer saber.

A primeira vez que me encontrei com Tyler eu estava dormindo.

Eu estava cansado, enlouquecido e apressado e sempre que embarcava em um avião eu desejava que ele caísse. Tinha inveja das pessoas morrendo de câncer. Odiava minha vida. Estava cansado e entediado do meu trabalho e da minha mobília e não conseguia ver um jeito de mudar as coisas.

Via apenas como terminar com tudo.

Me sentia encurralado.

Eu era completo demais.

Perfeito demais.

Queria encontrar um jeito de escapar da minha vidinha. Manteiguinha para um e assento apertado e ruim era o meu papel no mundo.

Mobília sueca.

Arte rebuscada.

Tiro férias. Durmo na praia e quando acordo lá está Tyler Durden, nu e suado, sujo de areia, cabelos molhados e fibrosos caídos sobre o rosto.

Tyler tirava troncos de madeira da água e os trazia para a praia.

O que Tyler tinha criado era a sombra de uma mão gigante e ele se sentou na palma da perfeição que tinha feito sozinho.

E um momento era tudo o que você poderia esperar de perfeição.

Talvez eu nunca tenha acordado de verdade naquela praia.

Talvez tudo isso tenha começado quando mijei na pedra de Blarney.

Quando eu durmo, não durmo de verdade.

Em outras mesas do Planeta Denny's euuento um, dois, três, quatro, cinco caras com bochechas roxas ou o nariz amassado sorrindo para mim.

– Não – Marla diz –, você não dorme.

Tyler é outra personalidade que criei e agora ele está ameaçando tomar a minha vida real.

– Igual à mãe de Tony Perkins em *Psicose* – Marla diz. – Mas que legal. Todo mundo tem suas particularidades. Uma vez namorei um cara que não conseguia parar de colocar piercings.

Meu problema, eu digo, é que quando durmo Tyler assume meu corpo e meu rosto detonado e sai para cometer algum crime. Na manhã seguinte acordo exausto, detonado e tenho certeza de que não dormi nada.

Na noite seguinte vou para cama mais cedo.

Na noite seguinte Tyler estará no comando por um tempo maior.

Cada noite que vou dormir mais e mais cedo, Tyler ficará mais e mais no comando.

– Mas você é o Tyler – Marla diz.

Não.

Não, eu não sou.

Adoro tudo a respeito de Tyler Durden, sua coragem e inteligência. Sua energia. Tyler é engraçado, charmoso, forte e independente, e os homens olham para ele e esperam vê-lo no comando de seus mundos. Tyler é capaz e é livre, e eu não.

Não sou Tyler Durden.

– Mas você é Tyler – Marla diz.

Tyler e eu dividimos o mesmo corpo e, até agora, eu não sabia. Sempre que Tyler estava transando com Marla eu estava dormindo. Tyler estava andando e falando enquanto eu pensava que estava dormindo.

Todos no clube da luta e no Projeto Desordem e Destruição me conheciam como Tyler Durden.

E se eu fosse para a cama mais cedo todas as noites e dormisse até mais tarde no dia seguinte, eventualmente eu desapareceria por completo.

Eu simplesmente dormiria e não acordaria mais.

– Igual aos animais no Centro de Controle de Animais – Marla diz.

O “Valley of the dogs”. Onde se eles não o matarem, se alguém o amar o suficiente para levá-lo para casa, ainda assim o castrarão.

Eu não acordaria mais e Tyler assumiria o controle.

O garçom traz o café, bate os calcanhares e então se afasta.

Cheiro o meu café. Tem cheiro de café.

– Então – Marla diz. – Se eu acreditar em tudo o que disse, o que você quer de mim?

Então Tyler não pode assumir o controle, por isso preciso que Marla me mantenha acordado. O tempo todo.

Círculo completo.

Na noite que Tyler salvou a vida dela, Marla pediu que ele a mantivesse acordada a noite toda.

No instante em que eu dormir, Tyler assumirá e algo terrível vai acontecer.

E se eu dormir, Marla precisa seguir Tyler. Aonde quer que ele vá. Ver o que ele faz. Então talvez durante o dia eu possa correr por aí e desfazer todos os estragos.

**O NOME DELE** É Robert Paulson e ele tem quarenta e oito anos. O nome dele é Robert Paulson e ele terá quarenta e oito anos para sempre.

Em uma linha do tempo longa o suficiente, a taxa de sobrevivência de todo mundo cai para zero.

O Grande Bob.

O grande pão de queijo. O fofão estava em uma missão de “congelar e furar” como parte de sua lição de casa. Foi assim que Tyler entrou em meu apartamento para explodi-lo com dinamite caseira. Você pega um spray de líquido refrigerador, pode ser R-12 se conseguir achar, o que pode ser difícil com o problema da camada de ozônio e tudo o mais, ou então o R-134a, e então o espirra no tambor da fechadura até que o mecanismo congele.

Em uma tarefa simples de “congelar e furar”, você deve congelar um telefone, parquímetro ou uma daquelas caixas para jornais. Depois você usa um martelo e uma talhadeira fria para arrebentar o tambor congelado da fechadura.

Já em uma missão de “furar e preencher” como tarefa de casa você faz um furo em um telefone público ou caixa eletrônico, depois enrosca um funil de lubrificação no buraco e usa uma pistola de graxa para encher seu alvo com graxa, pudim de baunilha ou cimento plástico.

Não que o Projeto Desordem e Destruição precise roubar trocados. A Companhia de Sabão da Paper street estava com uma ótima reserva de pedidos. Deus nos ajudava quando as festas de final de ano se aproximavam. Os deveres de casa serviam para construir sua coragem. Você precisava de uma certa astúcia. Tinha que construir seu caminho no Projeto Desordem e Destruição.

Em vez de uma talhadeira fria você pode usar uma furadeira elétrica na fechadura congelada. Funciona muito bem também e é um método mais silencioso.

E foi uma furadeira elétrica sem fio que a polícia pensou que fosse uma arma quando acabaram com o Grande Bob.

Não havia nada que o ligasse ao Projeto Desordem e Destruição, ao clube da luta ou ao sabão.

No bolso dele havia uma foto dele mesmo enorme e nu à primeira vista fazendo pose em algum torneio. É um jeito estúpido de viver, Bob me falou. Você fica cego por causa das luzes e surdo por causa da microfonia do sistema de som até que os juízes ordenam que estenda o quadríceps, flexione e segure.

Deixe as mãos onde possamos ver.

Estenda o braço esquerdo, flexione o bíceps e segure.

Parado.

Solte a arma.

Aquilo era melhor do que a vida real.

Em sua mão havia a cicatriz do meu beijo. O beijo de Tyler. O cabelo tão bem cuidado e moldado tinha sido raspado e suas digitais foram queimadas com soda cáustica. E era melhor ser ferido do que ser preso, pois se isso acontecesse você estava fora do Projeto Desordem e Destruição, e nada mais de tarefas de casa para você.

Em um minuto Robert Paulson era o centro aquecido em volta do qual a vida do mundo se

acumulava e no momento seguinte Robert Paulson era um objeto. Depois do tiro da polícia ocorreu o incrível milagre da morte.

Esta noite, em todos os clubes da luta, o líder caminhará nas sombras em volta da multidão de homens encarando uns aos outros através do centro vazio e iluminado de cada porão de clube da luta, e então ele gritará:

– O nome dele é Robert Paulson.

E a multidão gritará:

– O nome dele é Robert Paulson.

O líder gritará:

– Ele tem quarenta e oito anos.

E a multidão gritará:

– Ele tem quarenta e oito anos.

Ele tem quarenta e oito anos e era parte do clube da luta.

Ele tem quarenta e oito anos e era parte do Projeto Desordem e Destruição.

Apenas na morte mereceremos nosso nome verdadeiro, pois apenas na morte não seremos mais parte do esforço conjunto. Na morte nos tornamos heróis.

E a multidão grita:

– Robert Paulson.

E a multidão grita:

– Robert Paulson.

E a multidão grita:

– Robert Paulson.

Fui ao clube da luta hoje para fechá-lo. Fico parado embaixo da única luz no centro do porão e a multidão delira. Para todo mundo aqui eu sou Tyler Durden. Inteligente. Forte. Corajoso. Levanto as mãos pedindo silêncio e então sugiro, por que não, que a gente encerre por hoje. Vão para casa agora e se esqueçam do clube da luta.

Acho que o clube da luta já cumpriu seu propósito, vocês não acham?

O Projeto Desordem e Destruição está cancelado.

Ouvi que tem um bom jogo de futebol americano hoje na televisão...

Cem homens apenas me observam.

Digo que um homem está morto. Que este jogo acabou. Não tem mais graça.

Então, da escuridão atrás da multidão surge a voz anônima do líder daquela divisão local:

– A primeira regra do clube da luta é que você não fala sobre o clube da luta.

Vão para casa, eu grito.

– A segunda regra do clube da luta é que você não fala sobre o clube da luta.

O clube da luta está cancelado! O Projeto Desordem e Destruição está cancelado.

– A terceira regra é que são apenas dois caras por luta.

Grito que sou Tyler Durden. E estou ordenando que caiam fora daqui!

E ninguém está olhando para mim. Os homens simplesmente encaram uns aos outros através do centro do porão.

A voz do líder anda lentamente em volta do porão. Dois homens por luta. Sem camisas. Sem sapatos.

A luta seguirá e continuará enquanto tiver que continuar.

Imagine isso acontecendo em umas cem cidades e em meia dúzia de línguas.

As regras terminam e continuo em pé no centro da luz.

– Primeira luta arranjada, dirijam-se para o centro – grita a voz nas sombras. – Libere o centro do clube.

Não me mexo.

– Libere o centro do clube!

Não me mexo.

Aquela única luz é refletida em cem pares de olhos, todos concentrados em mim, esperando. Tento ver cada um deles como Tyler os veria. Escolha os melhores lutadores para treinarem no Projeto Desordem e Destruição. Qual deles Tyler convidaria para trabalhar na Companhia de Sabão da Paper street?

– Libere o centro do clube! – Este é o procedimento padrão do clube da luta. Depois de três pedidos do líder serei retirado do clube da luta.

Mas sou Tyler Durden. Eu inventei o clube da luta. O clube da luta é meu. Eu escrevi essas regras. Nenhum de vocês estaria aqui se não fosse por mim. E digo que a coisa acaba aqui!

– Preparar para expulsar o membro em três, dois, um.

O círculo de homens se fecha sobre mim e duzentas mãos seguram em cada centímetro de meus braços e pernas e sou levantado deitado e esticado em direção à luz.

Preparar para evacuar a alma em cinco, quatro, três, dois, um.

Então sou passado por cima de uma cabeça atrás da outra, de mão em mão, surfando por cima da multidão em direção à porta. Estou flutuando. Estou voando.

Estou gritando que o clube da luta é meu. Que o Projeto Desordem e Destruição foi ideia minha. Vocês não podem me chutar daqui. Eu estou no controle. Vão para casa.

A voz do líder daquela divisão grita:

– Primeira luta arranjada, dirijam-se para o centro do porão. Agora!

Não vou embora. Não vou desistir. Posso vencer esta coisa. Eu estou no controle.

– Expulsar o membro do clube da luta, agora!

Evacuar a alma, agora.

Então voo lentamente pela porta e para a noite estrelada e fria, e caio no concreto do estacionamento. As mãos recuam, a porta se fecha atrás de mim e ouço alguém a trancando. Em uma centena de cidades o clube da luta funciona sem mim.

**JÁ FAZ ANOS** que quero conseguir dormir. Daquele tipo de desistir de tudo, desmoronar e cair no sono. Mas agora isso é a última coisa que quero fazer. Estou com Marla no quarto 8G do Regent Hotel. Com todos os drogados e idosos trancados em seus pequenos quartos, aqui, de alguma forma, meu desespero inquieto parece normal e esperado.

– Toma – Marla diz sentada de pernas cruzadas na cama e tirando meia dúzia de pílulas contra o sono do revestimento de plástico do colchão. – Eu saía com um cara que tinha pesadelos horríveis. Ele também odiava dormir.

O que aconteceu com o cara que ela estava saindo?

– Ah, ele morreu. Ataque do coração. Overdose. Tomou anfetaminas demais – Marla diz. – Ele tinha apenas dezenove anos.

Valeu por me contar isso.

Quando entramos no hotel, metade dos cabelos do cara no balcão de entrada tinha sido arrancada pela raiz. Ele me cumprimentou com o escalpo em carne viva e vermelho. Os idosos que assistiam à televisão no saguão se viraram para ver quem eu era quando o cara da recepção me chamou de senhor.

– Boa noite, senhor.

Agora já o imagino ligando para um tipo de quartel-general do Projeto Desordem e Destruição e reportando a minha localização. Eles teriam um mapa na parede e traçariam minha movimentação com alfinetes. Sinto-me mapeado como um ganso migratório no programa *Mundo Selvagem*.

Eles estão me espionando, me mantendo à vista.

– Você pode tomar estas seis que não vai ficar mal do estômago – Marla fala –, mas precisa enfiar uma por uma pela sua bunda.

Ah, que coisa prazerosa.

– Não estou inventando – Marla diz. – Podemos conseguir algo mais forte depois. Umas drogas de verdade tipo *cross tops, black beauties ou alligators*.<sup>13</sup>

Não vou enfiar essas pílulas na bunda.

– Então tome apenas duas.

E aonde vamos?

– Jogar boliche. Fica aberto a noite toda e não deixarão você dormir lá.

Digo a ela que em todos os lugares que vamos os caras na rua acham que sou Tyler Durden.

– Foi por isso que o motorista do ônibus deixou a gente entrar sem pagar?

Isso. E foi por isso que os dois caras dentro do ônibus deram o lugar para pós.

– O que quer dizer com isso?

Acho que apenas se esconder não é suficiente. Temos que fazer algo para nos livrar de Tyler.

– Saí com um cara uma vez que gostava de vestir minhas roupas – Marla diz. – Os vestidos, sabe? Chapéus com véus. Poderíamos vestir você de mulher e escapar sem que vejam.

Não sou crossdresser e não vou enfiar pílulas na bunda.

– Podia ser pior – Marla fala. – Saí com um cara uma vez que queria que eu fingisse uma cena

lésbica com a boneca inflável dele.

Podia me imaginar virando uma das histórias de Marla.

*Sai com um cara uma vez que tinha personalidades múltiplas.*

– Saí com outro cara que usava um daqueles aparelhos para aumentar o pênis.

Pergunto que horas são.

– Quatro da manhã.

Daqui três horas preciso estar no trabalho.

– Tome as pílulas – Marla diz. – Como você é o Tyler Durden e tal, provavelmente nos deixarão jogar de graça. E, antes de nos livrarmos de Tyler, será que podemos ir fazer umas compras? Poderíamos comprar um belo carro. Umas roupas. Uns CDs. Tem um lado bom em relação a todas essas coisas de graça.

Marla.

– Certo, deixa pra lá.

[13](#). Nomes populares nos Estados Unidos de misturas de anfetaminas com outras drogas que deixam a pessoa “ligada”. (N. do T.)

**TEM UM VELHO DITADO** que diz que você sempre mata aquilo que ama, bom, a recíproca também é verdadeira.

E a recíproca é muito verdadeira.

Hoje de manhã eu fui para o trabalho e havia barricadas policiais entre o prédio e o estacionamento e policiais na entrada tomado o depoimento das pessoas com as quais eu trabalho. Pessoas para todos os lados.

Eu nem desci do ônibus.

Sou o Suor Frio de Joe.

Do ônibus consigo ver que as janelas panorâmicas do terceiro andar do meu prédio explodiram e há um bombeiro usando um macacão amarelo e sujo batendo em um painel queimado no teto alto do andar. Uma escrivaninha soltando fumaça a centímetros da janela quebrada é empurrada por dois bombeiros, então se curva, desliza e cai rapidamente os três andares até a calçada mais com uma sensação do que barulho.

Ela se quebra toda e continua soltando fumaça.

Sou o Frio na Barriga de Joe.

É a minha mesa.

Sei que meu chefe está morto.

Há três maneiras de fazer napalm. Eu sabia que Tyler ia matar meu chefe. No instante que senti cheiro de gasolina nas mãos, quando disse que queria largar o emprego, estava dando permissão a ele. Fique à vontade.

Mate o meu chefe.

Oh, Tyler.

Sei que um computador explodiu.

Sei disso porque Tyler sabe disso.

Não quero saber disso, mas você usa uma furadeira de joias para fazer um buraco no topo do monitor. Todos os macacos espaciais sabem disso. Eu digitei os escritos de Tyler. Esta é uma nova versão do esquema da bomba com a lâmpada, em que você faz um furo nela e a enche de gasolina. Feche o buraco com cera ou silicone, coloque a lâmpada no soquete e deixe alguém entrar lá e ligar o interruptor.

Um monitor de computador pode guardar muito mais gasolina do que uma lâmpada.

Com tubo de raios catódicos, CRT, também conhecido por Cinescópio, ou você retira a caixa de plástico em volta dele, o que é mais fácil, ou trabalha através das saídas de ventilação na parte de cima da caixa.

Primeiro você precisa tirar o monitor da tomada e também desplugar do computador.

Isso também funciona com uma televisão.

Entenda que, se houver uma fagulha, mesmo que seja de eletricidade estática do tapete, você morrerá. Gritando e queimando vivo.

Um tubo de raios catódicos pode conter trezentos volts de armazenagem elétrica passiva, então

você precisa usar a chave de fenda grossa no capacitor de suprimento de energia primeiro. Se você morrer nesse ponto, é porque não usou uma chave de fenda isolada.

Há um vácuo dentro do tubo de raio catódico, então, no momento que você faz o furo, o tubo sugará o ar, como se estivesse inalando um pouco com um leve assobio.

Alargue o buraco um pouco mais, depois mais um pouco até conseguir colocar a ponta de um funil nele. Então encha o tubo com o explosivo que julgar melhor. Napalm caseiro funciona bem. Gasolina ou gasolina misturada com suco de laranja congelado e concentrado ou serragem para gato.

Um explosivo mais engraçado é o de permanganato misturado com açúcar de confeiteiro. A ideia é misturar um ingrediente que queimará bem rápido com outro que forneça oxigênio suficiente para essa queima. E ela é tão rápida que causa uma explosão.

Peróxido de bário e pó de zinco.

Nitrato de amônia e alumínio em pó.

É a *nouvelle cuisine* da anarquia.

Nitrato de bário em um molho de enxofre e acompanhado de carvão. Essa é sua pólvora básica.

*Bon appétit.*

Encha o monitor do computador com isso e, quando alguém o ligar, serão uns dois ou três quilos de pólvora explodindo na cara dele.

O problema é que eu até gostava do meu chefe.

Se você é homem, é cristão e vive na América, seu pai é o seu modelo de Deus. E às vezes você encontra seu pai em sua carreira.

Acontece que Tyler não gostava do meu chefe.

A polícia provavelmente está procurando por mim. Fui a última pessoa a sair do prédio na última sexta à noite. Acordei na minha mesa com a respiração condensada no topo dela e Tyler no telefone dizendo:

– Saia agora. Temos um carro.

Temos um Cadillac.

A gasolina ainda estava em minhas mãos.

O mecânico do clube da luta perguntou o que eu gostaria de ter feito antes de morrer.

Queria ter saído do meu emprego. Estava dando permissão para Tyler. Fique à vontade. Mate meu chefe.

Do meu escritório explodido eu sigo com o ônibus até a rotatória de cascalho que é o ponto final da linha. Aqui é onde as terras do subúrbio perdem espaço para terrenos vazios e campos arados. O motorista pega um sanduíche, uma garrafa térmica e olha para mim pelo espelho retrovisor.

Estou tentando imaginar um lugar para ir onde os policiais não estarão me procurando. Lá do fundo do ônibus vejo umas vinte pessoas sentadas entre mim e o motorista. Conto a nuca de vinte cabeças.

Vinte cabeças raspadas.

O motorista se vira no assento e fala para mim no fundo do ônibus:

– Senhor Durden, eu realmente admiro o que está fazendo.

Nunca o vi antes.

– Terá que me perdoar por isto – ele diz. – A comissão disse que a ideia foi sua mesmo, senhor.

As cabeças raspadas se viram, uma de cada vez. Então, um por um, eles se levantam. Um tem um pano na mão e dá para sentir o cheiro de éter. O mais próximo está com uma faca de caça. O que está com a faca é o mecânico do clube da luta.

– Você é um homem corajoso – o motorista continua. – Colocar a si próprio como um dever de casa.

O mecânico se vira para o motorista do ônibus.

– Cala a boca! O vigia não deve falar merda nenhuma.

Você sabe que um dos macacos espaciais tem um elástico para amarrar seu saco. Eles se amontoam na parte da frente do ônibus.

– Você conhece o procedimento, senhor Durden – o mecânico diz. – Você mesmo que ditou. Disse que, se alguém tentasse fechar o clube, mesmo que fosse você, então teríamos que pegar a pessoa pelo saco.

Gônadas.

Jóias.

Bolas.

Huevos.

Imagina a melhor parte do corpo congelada em um saco plástico na Companhia de Sabão da Paper street.

– Você sabe que é inútil lutar contra nós – ele continua.

O motorista mastiga o sanduíche.

Um som de sirene de polícia surge e começa a se aproximar. Um trator sacode atravessando um campo a distância. Pássaros. Uma janela no fundo do ônibus está meio aberta. Nuvens. Ervas daninhas crescem nos cantos do chão de cascalho daquela rotatória. Abelhas ou moscas zumbem em volta das ervas daninhas.

– Só estamos atrás de uma pequena garantia – o mecânico diz. – Desta vez isto não é uma ameaça, senhor Durden. Desta vez vamos ter que cortá-las.

– É a polícia – o motorista do ônibus fala.

A sirene vem de algum lugar na frente do ônibus.

De quem será que terei de me defender?

Um carro de polícia chega ao ônibus com as luzes vermelhas e azuis piscando no para-brisa e alguém lá fora grita:

– Atenção aí em cima.

Então estou salvo.

Mais ou menos.

Posso contar aos policiais a respeito de Tyler. Contarei tudo a respeito do clube da luta e talvez eu vá para a cadeia, então o Projeto Desordem e Destruição será problema deles e não terei que ficar encarando uma faca.

Os policiais sobem pelos degraus do ônibus e um deles diz:

– Vocês já cortaram?

– Façam isso logo, temos um mandado de prisão para ele – o segundo policial fala.

Então ele tira o chapéu olhando para mim e diz:

– Não é nada pessoal, senhor Durden. É um prazer finalmente conhecê-lo pessoalmente.

Digo que todos eles estão cometendo um grande erro.

– Você nos falou que provavelmente diria isso – o mecânico afirma.

Não sou Tyler Durden.

– Você falou que diria isso também.

Estou mudando as regras. Vocês podem continuar com o clube da luta, mas não vamos castrar mais ninguém.

– Ah, sim, claro – o mecânico responde. Ele está no meio do corredor segurando a faca à sua frente. – Você falou que *com certeza* diria isso.

Está bem, eu sou Tyler Durden. Sou mesmo. Sou Tyler Durden e eu que dito as regras, e depois digo para ele baixar a faca.

O mecânico fala com a cabeça virada para trás:

– Qual o nosso melhor tempo até agora para um “cortar e fugir”?

– Quatro minutos – alguém grita.

– Alguém está marcando o tempo aqui? – o mecânico grita.

Os dois policiais já subiram no ônibus agora e um deles olha para relógio e diz:

– Só um segundo. Espere o ponteiro dos segundos chegar no doze.

– Nove – o policial diz.

– Oito.

– Sete.

Mergulho para a janela aberta.

Minha barriga raspa no metal da janela e, atrás de mim, o mecânico grita:

– Senhor Durden! Você vai foder nosso tempo.

Pendurado pela metade na janela, tento me segurar na borracha preta do pneu traseiro, então me agarro no para-lama e puxo. Alguém segura os meus pés e me puxa. Estou gritando para o trator ao longe:

– Heei! – E – Heeee!

Meu rosto fica quente e cheio de sangue, pois estou de ponta-cabeça. Consigo sair mais um pouco. Mão em torno dos tornozelos me puxam de volta. Minha gravata bate no rosto. A fivela do meu cinto prende na borda da janela. As abelhas, moscas e ervas daninhas estão a centímetros do meu rosto e grito novamente:

– Hei!

Várias mãos seguram na parte de trás da minha calça, me puxam para dentro e apertam a calça e o cinto contra minha bunda.

– Um minuto – alguém grita de dentro do ônibus.

Meus sapatos caem dos pés.

Minha fivela escorrega para dentro do ônibus.

As mãos vão puxando minhas pernas. A borda de metal da janela aquecida pelo sol queima minha barriga. Minha camisa branca se solta, cai e cobre minha cabeça e ombros, ainda estou me agarrando ao para-lama e gritando:

– Hei!

Minhas pernas estão esticadas e retas atrás de mim. Minha calça desliza pelas minhas pernas e já eram. O sol brilha quente em minha bunda.

O sangue faz minha cabeça latejar, meus olhos estão saltados por causa da pressão e tudo o que consigo ver é minha camisa branca diante do rosto. Ouço o som do trator em algum lugar. As abelhas zumbem. Em algum lugar. Tudo está a um milhão de quilômetros de distância. Em algum lugar, a um milhão de quilômetros atrás de mim, alguém grita:

– Dois minutos!

E uma mão surge no meio das minhas pernas e me apalpa.

– Não o machuque – alguém diz.

As mãos segurando os meus tornozelos estão a milhões de quilômetros de distância. Imagine-as no final de uma estrada longa, muito longa. Meditação guiada.

Não pense na beirada da janela como uma faca muito quente abrindo sua barriga.

Não imagine uma equipe de homens abrindo suas pernas como se fosse um cabo de guerra.

A um milhão de quilômetros de distância uma mão quente e áspera se fecha em torno de sua base e o puxa para trás, e algo o aperta firme, firme e com mais firmeza ainda.

Um elástico.

Você está na Irlanda.

Você está no clube da luta.

Você está no trabalho.

Você está em qualquer lugar menos aqui.

– Três minutos!

Alguém muito, muito longe grita:

– Você conhece o discurso, senhor Durden. Não foda o clube da luta.

A mão quente está como uma concha embaixo de você. A ponta fria da faca.

Um braço se enrosca em torno do seu peito.

Contato físico terapêutico.

Hora do abraço.

Então o éter é pressionado com força sobre seu nariz e boca.

E então o nada, menos do que nada. Esquecimento.

**A CARCAÇA EXPLODIDA** e queimada de meu apartamento parece o espaço sideral, negro e devastado na noite acima das luzes da cidade. Como as janelas se foram, uma fita amarela da polícia se contorce e balança no limite de uma queda de quinze andares.

Acordo no chão de concreto. Antes havia um carpete de madeira. Havia quadros nas paredes antes da explosão. Havia mobílias suecas. Antes de Tyler.

Estou vestido. Ponho a mão no bolso e sinto.

Estou inteiro.

Com medo, mas inteiro.

Vá até a beirada, quinze andares acima do estacionamento, olhe para as luzes da cidade e para as estrelas e desapareça.

Tudo está tão distante.

Aqui em cima, nos quilômetros de noite que existem entre as estrelas e a Terra, sinto como se fosse um daqueles animais espaciais.

Cães.

Macacos.

Homens.

Você só faz sua pequena tarefa. Puxa uma alavanca. Aperta um botão. Você não entende nada daquilo de verdade.

O mundo está ficando louco. Meu chefe está morto. Minha casa se foi. Meu trabalho se foi. E sou responsável por tudo isso.

Não sobrou nada.

Estou negativo no banco.

Vá até a beirada.

A fita amarela da polícia flutua entre mim e o esquecimento.

Vá até a beirada.

O que mais sobrou?

Vá até a beirada.

Sobrou a Marla.

Pule da beirada.

Tem a Marla e ela está no meio disso tudo e não sabe.

E ela ama você.

Ela ama Tyler.

Ela não sabe a diferença entre vocês.

Alguém tem que dizer a ela. Fuja. Fuja. Fuja.

Salve-se.

Você desce de elevador até o saguão e o porteiro que nunca gostou de você sorri mostrando a falta de três dentes perdidos por socos e diz:

– Boa-noite, senhor Durden. Posso chamar um táxi? Está se sentindo bem? Quer usar o telefone?

Você liga para Marla no Regent Hotel.

O atendente do Regent diz:

– Pois não, sr. Durden.

Então Marla surge na linha.

O porteiro está ouvindo ao seu lado. O atendente do Regent provavelmente também está ouvindo.

Você diz a Marla que precisam conversar.

– Vai lamber merda – ela responde.

Você diz que ela pode estar em perigo. Que merece saber o que está acontecendo. Vocês precisam conversar.

– Onde?

Você deve ir ao lugar onde nos encontramos pela primeira vez. Lembre-se dele. Pense no passado.

Na bola de luz branca curativa. No palácio das sete portas.

– Entendi. Consigo chegar lá em vinte minutos.

Esteja lá.

Você desliga e o porteiro fala:

– Posso conseguir um táxi para você, senhor Durden. De graça e para onde quiser ir.

Os garotos do clube da luta o estão vigiando. Você diz que não, é uma bela noite e acha que vai caminhar.

É sábado, noite do câncer de intestino se reunir no porão da igreja Metodista e Marla está lá quando você chega.

Marla Singer fumando seu cigarro. Marla Singer virando os olhos. Marla Singer com um olho roxo.

Você se senta no tapete áspero do lado oposto no círculo da meditação e tenta invocar seu animal interior de poder enquanto Marla o observa com o olho roxo. Você fecha os olhos e medita entrando no palácio das sete portas, mas mesmo assim pode sentir o olhar de Marla. Você embala sua criança interior.

Marla o observa.

Então é hora do abraço.

Abra os olhos.

Todos temos que escolher um parceiro.

Marla cruza a sala rapidamente em três passos e me dá um tapa forte na cara.

Compartilhe completamente seus sentimentos.

– Seu veado bunda-mole do caralho – Marla diz.

Todos ficam olhando à nossa volta.

Então os dois punhos fechados de Marla estão me acertando de todas as direções.

– Você matou alguém – Marla grita. – Chamei a polícia e eles estarão aqui a qualquer instante.

Seguro seus punhos e digo que talvez a polícia venha, mas que provavelmente não virá.

Marla se debate e diz que a polícia está correndo para cá para me jogar em uma cadeira elétrica e fritar meus olhos até eles pularem, ou no mínimo me dar uma injeção letal.

Vai parecer uma picada de abelha.

Uma overdose de fenobarbital sódico e então o sono final. Ao estilo do “Valley of the dogs”.

Marla diz que me viu matar alguém hoje.

Se estiver falando do meu chefe, digo que sim, claro, claro, eu sei, a polícia sabe, todos já estão

me procurando para me dar a injeção letal, mas foi o Tyler quem matou meu chefe.

E por acaso Tyler e eu temos as mesmas digitais, mas ninguém entende isso.

– Vai lamber merda! – Marla diz e traz o olho roxo para perto de mim. – Você e seus discípulos gostam de apanhar. Se encostar de novo em mim você está morto.

– Vi você atirar em um cara esta noite – Marla diz.

Digo que não, que foi uma bomba e que aconteceu esta manhã. Tyler fez um furo em um monitor e o encheu com gasolina ou pólvora preta.

Todas as pessoas que têm mesmo câncer de intestino estão paradas assistindo a nossa cena.

– Não – ela responde. – Segui você até o Hotel Pressman, e lá você era um garçom em uma dessas festas temáticas de mistério e assassinato.

Nessas festas temáticas de mistério os ricos iam até o hotel para um grande jantar e para atuar como se estivessem em uma história de Agatha Christie. Em algum momento entre o servirem o *boudin de gravlax* e o *saddle de venison* as luzes se apagariam por um minuto e alguém fingiria que tinha sido assassinado. Era para ser uma morte divertida de mentirinha.

Durante o resto do jantar os convidados beberiam muito, comeriam filés ao molho madeira e tentariam encontrar pistas sobre quem entre eles era um assassino psicótico.

– Você atirou no secretário especial de reciclagem do prefeito – Marla grita.

Tyler atirou no secretário especial de qualquer coisa do prefeito.

– E você nem tem câncer! – Marla fala.

Tudo acontece muito rápido.

Num estalar de dedos.

Todos estão olhando.

Grito que ela também não tem câncer!

– Ele tem vindo aqui há dois anos – Marla grita – e não tem nada!

Estou tentando salvar sua vida!

– Como assim? Por que a minha vida precisa ser salva?

Porque você tem me seguido. Porque você me seguiu hoje à noite, porque você viu Tyler matar alguém e ele matará qualquer um que ameaçar o Projeto Desordem e Destruição.

Todos na sala parecem ter sido despertados de suas pequenas tragédias. Aquela coisinha deles chamada câncer. Até mesmo as pessoas entupidas de remédio para dor estão com olhos arregalados e alertas.

Peço desculpas a todos. Nunca quis fazer mal a ninguém. Digo que é melhor irmos embora e conversar sobre aquilo lá fora.

Então alguém diz:

– Não! Fiquem! O que mais rolou?

Digo que não matei ninguém. Não sou Tyler Durden. Tenho múltiplas personalidades e ele é a minha outra metade. Pergunto se alguém viu o filme *Sybil*.

– Então quem vai me matar? – Marla pergunta.

Tyler.

– Você?

Digo que é o Tyler, mas que posso cuidar dele. Você só precisa tomar cuidado com os membros do Projeto Desordem e Destruição. O Tyler pode ter dado ordens para eles a seguirem, a sequestrarem ou algo assim.

– Por que eu deveria acreditar em tudo isso?

Tudo acontece muito rápido.

Digo que é porque eu acho que gosto dela.

– Não me ama? – ela pergunta.

Este já é um momento muito constrangedor, não force a barra.

Todos que estão assistindo sorriem.

Digo que tenho que ir, que preciso sair daqui. Cuidado com caras de cabeça raspada e com ferimentos de socos. Olhos roxos, dentes faltando, esse tipo de coisa.

– E aonde você vai? – Marla pergunta.

Tenho que dar um jeito em Tyler Durden.

**O NOME DELE ERA** Patrick Madden e ele era secretário especial de reciclagem do prefeito. Seu nome era Patrick Madden e ele era um inimigo do Projeto Desordem e Destruição.

Saio para a noite e dou a volta na igreja metodista e tudo começa a voltar.

Tudo que o Tyler sabe está voltando e surgindo na minha cabeça.

Patrick Madden estava fazendo uma lista de bares onde o clube da luta se reunia.

De repente eu sei como operar um projetor de cinema. Sei como arrebentar fechaduras e como Tyler alugou a casa na Paper street um pouco antes de se revelar a mim na praia.

Sei por que Tyler surgiu. Tyler amava Marla. Desde a primeira noite que eu a conheci, Tyler ou uma parte de mim precisava encontrar um jeito de ficar com ela.

Isso não quer dizer que algo importe. Mas todos os detalhes estão voltando a mim enquanto caminho pela noite até o clube da luta mais próximo.

Tem um no porão do Armory Bar no sábado à noite. Provavelmente você poderia encontrá-lo na lista que Patrick Madden estava fazendo, o pobre e falecido Patrick Madden.

Esta noite eu vou ao Armory Bar e a multidão se abre como um zíper quando entro. Para todos aqui eu sou Tyler Durden, o Grande e Poderoso. Deus e pai.

Por toda a minha volta eu escuto “Boa-noite, senhor”.

“Bem-vindo ao clube da luta, senhor.”

“Obrigado por se juntar a nós, senhor.”

Eu, com minha cara de monstro começando a melhorar. O buraco em meu rosto sorrindo através da minha bochecha. A seriedade em minha boca verdadeira.

Porque sou Tyler Durden e você deve puxar meu saco, me registro para lutar com todos os caras no clube naquela noite. Cinquenta lutas. Uma luta por vez. Sem sapatos. Sem camisas.

As lutas continuam enquanto tiverem que continuar.

E se Tyler ama Marla.

Eu amo Marla.

E o que acontece ali não acontece em palavras. Quero sujar todas as praias francesas que nunca verei. Imagine caçar um alce nas florestas úmidas do cânion formado pelas ruínas do Rockefeller Center.

Na minha primeira luta o cara me imobiliza segurando meus dois braços para trás e bate a minha cara, minha bochecha e o buraco em minha bochecha no chão de concreto até um dos meus dentes se soltar e cravar em minha língua.

Agora consigo me lembrar de Patrick Madden, morto no chão, e ali estava sua esposa quase figurativa, uma criança de coque. Ela riu e tentou derramar champanhe entre os lábios do marido morto.

A esposa disse que o sangue falso estava vermelho demais. A senhora Patrick Madden colocou dois dedos na poça de sangue ao lado do marido e então pôs os dedos na boca.

O dente está cravado na minha língua e sinto gosto de sangue.

A senhora Patrick Madden sentiu o gosto do sangue.

Lembro-me de estar lá nas cercanias da festa temática com outros garçons que eram macacos espaciais à minha volta como guarda-costas. Marla usava seu vestido com um padrão de rosas negras parecido com um papel de parede e me observava do outro lado do salão.

Na minha segunda luta o cara coloca o joelho entre minhas escápulas. Ele junta meus dois braços atrás das minhas costas e bate meu peito no chão de concreto. Ouço a minha clavícula estalar.

Eu quebraria os mármores do Panteão com uma marreta e limparia a bunda com a *Mona Lisa*.

A senhora Patrick Madden mantém os dois dedos levantados, o sangue escorre por entre seus dentes e também escorre pelos seus dedos, passam pelo punho, pelo bracelete de diamante, vai para seu cotovelo e de lá pinga no chão.

Luta número três, acordo e está na hora da luta número três. Não existem mais nomes no clube da luta.

Você não é o seu nome.

Você não é a sua família.

O número três parece saber do que preciso e segura minha cabeça no escuro em um enforcamento. Existe um tipo de enforcamento que deixa você apenas com ar suficiente para ficar acordado. O número três segura minha cabeça na curvatura de seu braço como seguraria um bebê ou uma bola de futebol americano, na dobra do braço, e martela minha cabeça com a força do punho fechado e ossudo.

Até que meus dentes mordam a parte de dentro de minha bochecha.

Até que o buraco em minha bochecha encontre o canto da minha boca, os dois correndo juntos e de forma irregular abrindo-se debaixo do meu nariz e indo até abaixo da minha orelha.

O número três me bate até seu punho ficar em carne viva.

Até eu chorar.

Como tudo que você já amou o rejeitará ou morrerá.

Tudo que você já criou será jogado fora.

Tudo que você tem orgulho vai virar lixo.

Sou Ozymandias, o rei dos reis.

Mais um soco e meus dentes se fecham em minha língua. Metade dela cai no chão e é chutada para longe.

A senhora Patrick Madden se ajoelha ao lado do corpo do marido e os ricos, as pessoas que eles chamavam de amigos, estão em pé em volta dela, bêbados e rindo.

A esposa diz:

– Patrick?

A poça de sangue vai ficando cada vez maior até encostar na saia dela.

– Já está bom, Patrick. Chega de fingir de morto – ela fala.

O sangue sobe pela barra da saia em uma ação capilar, fio por fio, passando para a própria saia.

A minha volta os homens do Projeto Desordem e Destruição estão gritando.

Então a senhora Patrick Madden está gritando.

E no porão do Armory Bar, Tyler Durden desaba no chão. Tyler Durden, o grande, o cara que foi perfeito por um momento e que disse que um momento é o máximo que você pode esperar da perfeição.

E a luta continua e continua porque quero morrer. Porque apenas na morte teremos nomes. Apenas na morte não somos mais parte do Projeto Desordem e Destruição.

**TYLER ESTÁ EM PÉ ALI**, belo, perfeito, um anjo loiro da cabeça aos pés. Minha vontade de viver me impressiona.

Já eu sou uma amostra de tecido com sangue ressecado sobre um colchão no meu quarto na Companhia de Sabão da Paper street.

Tudo que havia no meu quarto sumiu.

Meu espelho com a foto do meu pé de quanto tive câncer por dez minutos. Pior que câncer. O espelho sumiu. A porta do guarda-roupa está aberta e minhas seis camisas brancas, calças pretas, cuecas, meias e sapatos sumiram.

– Levanta – Tyler diz.

Por baixo, por trás e por dentro de tudo o que eu dava como certo tem algo horrível sendo cultivado...

Tudo está desmoronando.

Os macacos espaciais se foram. Tudo foi transferido, a gordura da lipoaspiração, os beliches, o dinheiro, especialmente o dinheiro. Apenas o jardim ficou, além da casa alugada.

– A última coisa que precisamos fazer é esse seu joguinho de mártir. Sua grande morte.

Não é uma morte dessas tristes e deprimentes, esta vai ser uma daquelas comemoradas e fortalecedoras.

Ah, Tyler, estou muito mal. Me mate aqui mesmo.

– Levanta.

Me mate agora. Me mate. Me mate. Me mate.

– Tem que ser algo grandioso – Tyler retruca. – Imagine o seguinte: você no alto do prédio mais alto do mundo e este prédio completamente tomado pelo Projeto Desordem e Destrução. Há fumaça saindo das janelas. Mesas de escritório caindo sobre a multidão na rua. Uma verdadeira ópera da morte, é isso que você vai ter.

Digo que não. Você já me usou demais.

– Se não cooperar, iremos atrás de Marla.

Digo para ele me mostrar o caminho.

– Agora sai da merda da cama e entra na porra do carro – Tyler fala.

E então Tyler e eu estamos no alto do edifício Parker-Morris com a arma dele enfiada em minha boca.

Entramos nos nossos últimos dez minutos.

O edifício Parker-Morris não estará mais aqui em dez minutos. Sei disso porque Tyler sabe disso.

Com o cano da arma pressionado contra o fundo da minha garganta, Tyler diz:

– Não morreremos de verdade.

Empurro o cano da arma com a língua para a minha bochecha sobrevivente e digo a Tyler que ele está pensando nos vampiros.

Chegamos aos nossos últimos oito minutos.

A arma é apenas para o caso de os helicópteros da polícia chegarem aqui antes do tempo.

Para Deus a imagem é de apenas um homem solitário, segurando a arma na boca, mas é Tyler que está segurando a arma e é a minha vida.

Pegue uma medida de vapor de ácido nítrico concentrado a noventa e oito porcento e adicione mais três medidas de ácido sulfúrico.

Você terá nitroglicerina.

Sete minutos.

Misture a nitro com serragem e terá um belo explosivo plástico. Muitos macacos espaciais misturam as nitros com algodão e adicionam sal de Epsom como o sulfato. Isso também funciona. Alguns macacos usam parafina misturada com nitro. Parafina nunca, mas nunca mesmo, funcionou comigo.

Quatro minutos.

Tyler e eu na beirada do telhado, a arma em minha boca, e fico imaginando se a arma está limpa.

Três minutos.

Alguém grita:

– Espera – e é Marla que vem correndo em nossa direção no telhado.

Marla está vindo em minha direção, só na minha, pois Tyler desapareceu. Puf. Tyler é minha alucinação, não dela. Tyler desaparece mais rápido do que em um truque de mágica. E agora sou só um homem segurando a arma em minha boca.

– Nós o seguimos – Marla grita. – Todas as pessoas do grupo de apoio. Não precisa fazer isso. Abaixe a arma.

Atrás de Marla todos os cânceres de intestino, parasitas cerebrais, pessoas com melanoma e com tuberculose estão caminhando, mancando, vindo de cadeiras de rodas em minha direção.

– Espera – todos estão dizendo.

As vozes deles vêm até mim no vento frio e dizem:

– Pare.

E ainda:

– Podemos ajudar você.

– Deixe a gente ajudar você.

No céu surge o *whop, whop, whop* dos helicópteros da polícia.

Grito para irem embora. Saírem daqui porque o prédio vai explodir.

– Nós sabemos – Marla grita.

Este é um momento de total epifania para mim.

Grito para eles que não estou me matando. Estou matando Tyler.

Sou o Disco Rígido de Joe.

Lembro-me de tudo.

– Não é amor nem nada assim – Marla grita –, mas acho que também gosto de você.

Um minuto.

Marla gosta de Tyler.

– Não, eu gosto de você – Marla grita. – Eu sei a diferença.

E então nada.

Nada explode.

Com o cano da arma encostado na bochecha sobrevivente eu digo para Tyler que ele misturou a nitro com parafina, não é mesmo?

Parafina nunca funciona.

Tenho que fazer isso.

Os helicópteros da polícia.

E eu puxo o gatilho.

## NA CASA DO MEU PAI

há várias mansões.

É claro que quando puxo o gatilho eu morro.

Mentiroso.

E Tyler morre.

Com os helicópteros da polícia trovejando acima de nós e Marla e as pessoas dos grupos de apoio que não conseguiam nem salvar a si próprias, mas que estavam ali tentando me salvar, eu tinha que puxar o gatilho.

Aquilo era melhor que a vida real.

E aquele seu momento perfeito único não durará para sempre.

Tudo no Paraíso é branco sobre branco.

Mentiroso.

Tudo no Paraíso é silencioso igual a sapatos com sola de borracha.

Consigo dormir no Paraíso.

As pessoas me escrevem no Paraíso e me dizem que sou lembrado. Que sou o herói delas. Que vou melhorar.

Os anjos por aqui são aqueles do Velho Testamento, legionários e tenentes, hospedeiros celestiais que trabalham em turnos, dias, períodos. Cemitério. Eles trazem as refeições em uma bandeja com um copinho de papel com remédios. É o arsenal do “Valley of the dolls”.

Conheci Deus, que estava atrás de Sua enorme mesa de madeira com diplomas pendurados na parede atrás dele, e Deus me perguntou:

– Por quê?

Por que causei tanta dor?

Eu não entendia que cada um de nós é sagrado, um floco de neve único e especial em sua individualidade única e especial?

Não conseguia ver como todos nós somos manifestações do amor?

Olho para Deus atrás da mesa tomando notas em um bloquinho. Deus entendeu tudo errado.

Nós não somos especiais.

Também não somos um lixo ou uma merda.

Apenas somos.

Apenas existimos e o que acontecer aconteceu.

E Deus diz:

– Não, as coisas não são assim.

São. Bom, tanto faz. Não se pode ensinar nada a Deus.

Deus me pergunta do que me lembro.

Lembro-me de tudo.

A bala sai da arma de Tyler, rasga a outra bochecha e me dá um sorriso irregular que vai de orelha à orelha. Isso mesmo, igual a uma abóbora nervosa de Dia das Bruxas. Demônio japonês. Dragão da avareza.

Marla ainda está na Terra e sempre escreve para mim. Ela diz que um dia eles me levarão de volta. E se houvesse um telefone no Paraíso, eu ligaria para Marla de lá e no momento que ela dissesse “alô”, eu não desligaria. Eu diria “Oi. Como vão as coisas? Me conte tudo”.

Mas eu não quero voltar. Ainda não.

Porque não.

Porque de vez em quando alguém traz minha bandeja de almoço e meus remédios, e a pessoa está com um olho roxo ou a testa está inchada e com pontos, e ele me diz:

– Sentimos sua falta, senhor Durden.

Ou alguém com o nariz quebrado segurando um rodo e passando pano no chão passa por mim e sussurra:

– Tudo está andando de acordo com o plano.

E sussurra:

– Vamos destruir a civilização para podermos fazer do mundo um lugar melhor.

Sussurra:

– Esperamos ansiosos pela sua volta.

**ELE SE INCLINOU PARA A FRENTE** com o hálito de uísque bebido direto da garrafa. A boca dele nunca fechava por completo. Os olhos nunca estavam mais do que meio abertos. A mão segurava um laço de corda enrolada, daquelas antigas de cânhamo, tão amarela quanto seus cabelos. Amarela como seu chapéu de caubói. E a corda também era de caubói e ele a sacudiu diante do meu rosto enquanto falava. Atrás dele uma porta aberta mostrava que estrelas tinham surgido no céu.

Ele era jovem, sem barriga e vestia uma camiseta branca e botas marrons de cowboy com saltos grossos. E seus cabelos eram loiros surgindo por baixo do chapéu de cowboy. Usava um cinto com uma enorme fivela de metal segurando a calça jeans azul. Os braços magros e brancos estavam levemente bronzeados e se pareciam com as pontas de suas botas.

Seus olhos tinham veias que pareciam uma floresta de pequenas linhas vermelhas e ele me diz para eu segurar a corda, e segurar firme. Depois, puxando a corda, ele começa a descer, seu salto de bota de caubói martela um degrau, depois o outro e então mais um em direção ao porão escuro. Ali, no escuro, me puxando, com o hálito de uísque igual à bola de algodão do consultório do médico, aquele toque frio do álcool sendo esfregado um momento antes da injeção.

Então, depois de mais um passo no escuro, o caubói diz:

– A primeira regra do Tour do Túnel Assombrado é não falar sobre o Tour do Túnel Assombrado. E eu paro. A corda ainda está solta em um sorriso flácido entre nós.

– E a segunda regra do Tour do Túnel Assombrado – o caubói com seu bafo de uísque diz – é não falar sobre o Tour do Túnel Assombrado...

A corda, a sensação das fibras trançadas, é de algo duro e encerado em minhas mãos. E ainda parado, segurando a corda, digo a ele: hei...

Da escuridão o caubói responde:

– Hei o quê?

Digo que escrevi aquele livro.

A corda entre nós vai ficando mais e mais esticada.

Então a corda para o caubói. Do escuro ele diz:

– Escreveu o quê?

O *Clube da luta*, digo a ele.

E então o caubói dá um passo de volta. Sua bota martelando um degrau mais próximo de mim. Ele puxa o chapéu para trás para ver melhor e vira os olhos para mim, piscando rápido, com a respiração forte, e diz:

– Tinha um livro?

Tinha.

Antes do filme...

Antes de clubes 4-H de Virgínia serem fechados por fazerem clubes da luta...

Antes de Donatella Versace costurar giletes em roupas masculinas e chamar de “visual clube da luta”. Antes de modelos da Gucci desfilarem pela passarela sem camisa e com olhos roxos, machucados, ensanguentados e com curativos. Antes de lojas como Dolce & Gabbana lançarem seus

novos visuais masculinos (camisas acetinadas da década de 1970 com padrões de mural de fotos, calças camufladas e justas, calças de couro de cintura baixa) em porões de concreto sujos de Milão...

Antes de jovens fazerem uma cicatriz de beijo nas mãos com soda cáustica ou supercola...

Antes de jovens do mundo todo entrarem com processos para mudar o nome para Tyler Durden...

Antes da banda Limp Bizkit colocar um banner no site deles onde se lia: “O doutor Tyler Durden recomenda uma dose saudável de Limp Bizkit...”.

Antes de você entrar na Office Depot para comprar etiquetas lisas e brancas e encontrar, no pacote da marca Avery Dennison (item número 8293), uma etiqueta impressa com os dizeres: “Tyler Durden, Paper street, 420, Wilmington, DE 19886”...

Antes de clubes noturnos com lutas no Brasil, onde em algumas noites os jovens lutavam até morrer...

Antes do *The Weekly Standard* anunciar: “A crise da masculinidade”...

Antes do livro de Susan Faludi: *Stiffed: The betrayal of the american man...*

Antes dos estudantes da Universidade Brigham Young lutarem pelo direito de bater uns nos outros nas noites de segunda-feira, insistindo que não havia nada na lei mórmon que proibisse o clube da luta deles na cidade de Provo...

Antes do filho do governador de Utah, Mike Leavitt, ser acusado de perturbar a ordem e de invasão por comandar um clube da luta em uma igreja mórmon...

Antes do jornal *The Onion* fazer a exposição “A sociedade do bordado”, em que senhoras se reuniam no porão de uma igreja desejando um pouco de ação “ao costurar com as próprias mãos”, e a primeira regra da sociedade do bordado é que você não fala sobre a sociedade...”.

Antes do *Saturday Night Live* criar o quadro “Clube da luta de mulherzinha”...

Antes de editores de jornais e revistas ligarem e perguntarem onde poderiam encontrar um clube da luta típico na região deles para que pudesse mandar um repórter disfarçado a fim de fazer uma matéria, assegurando-me de que não revelariam o segredo do local desse clube da luta...

Antes de editores de jornais e revistas começarem a ligar para me xingar, amaldiçoando-me porque insisti que a trama toda do clube da luta era só invenção. Apenas a minha imaginação...

Antes do *National Political Cartoons* criar o “Clube da luta congressional”...

Antes da Universidade da Pensilvânia fazer conferências nas quais acadêmicos dissecavam o *Clube da Luta* usando de Freud a esculturas leves, passando por dança interpretativa...

Antes dos zilhões de sites pornôs “Clube da foda”...

Antes dos zilhões de reviews de restaurantes começarem com “Clube da comida”...

Antes do Rumble Boys Inc. começar a colocar nas etiquetas de seus produtos masculinos, o gel e o musse, frases de Tyler Durden...

Antes de você andar por um aeroporto e ouvir um anúncio pelo alto-falante dizendo “Tyler Durden... Por favor, Tyler Durden, atenda a chamada no telefone branco...”.

Antes de você encontrar pichações em Los Angeles com os dizeres: “Tyler Durden vive”.

Antes de as pessoas no Texas usarem camisetas com a inscrição: “Salvem Marla Singer”...

Antes da grande variedade de peças ilegais de *Clube da Luta*...

Antes da minha geladeira estar coberta de fotos mandadas por estranhos que estavam: sorrindo, rostos machucados e com pessoas dando gravatas umas nas outras em academias de boxe de fundo de quintal...

Antes de o livro sair em dezenas de línguas: *Club de combate, De Vechtclub, Borilacki klub, Klub*

*golihi pesti, Kovos klubas...*

Antes de tudo isso...

Havia apenas uma história curta, um conto. Era apenas um experimento para passar uma tarde que se arrastava no trabalho. Em vez de fazer o personagem caminhar de uma cena para a outra em uma história, tinha que haver um jeito de simplesmente... Cortar, cortar e cortar. De pular. De uma cena para a outra. E sem perder o leitor. De mostrar cada aspecto da trama, mas apenas o cerne de cada aspecto. O momento central. Depois outro momento central. Depois outro.

Tinha que ter algum tipo de coro. Algo leve que não prendesse a atenção do leitor, mas agiria como um sinal para um salto para um novo ângulo ou aspecto da história. Um tipo de divisor suave que seria o marco ou a pedra fundamental que o leitor teria para não se sentir perdido. Tipo um *sorbet* neutro, algo servido entre os pratos em um jantar chique. Um sinal, como a vinheta em transmissões de rádio anunciando o próximo assunto. O próximo salto.

Um tipo de cola ou argamassa que seguraria um mosaico de momentos e detalhes diferentes, dando-lhes uma continuidade e ao mesmo tempo mostrando cada momento sem jogá-lo por cima do outro momento.

Pense no filme *Cidadão Kane* e em como os repórteres da atualidade sem rosto e sem nome criam a moldura para que a história seja contada de várias fontes diferentes.

Era o que eu queria fazer. Naquela tarde chata no trabalho.

Então, para o coro, aquele “artifício de transição”, escrevi oito regras. A ideia do clube da luta não era importante. Era algo arbitrário. Mas as oito regras tinham que ser aplicadas a alguma coisa, então *por que não um clube onde você podia ser convidado a lutar?* Do mesmo jeito que você é convidado a dançar em uma discoteca. Ou desafiado por alguém em um jogo de sinuca ou dardos. As lutas não eram a parte importante da história. O que eu precisava eram as *regras*. Aquelas marcações suaves que me permitiriam descrever aquele clube no passado, presente, de perto e de longe, do começo, sua evolução, juntar um monte de detalhes e momentos, tudo em sete páginas, e NÃO perder o leitor.

Naquela época eu estava com um olho roxo que não sarava, uma lembrança de uma briga nas minhas férias de verão. Ninguém que trabalhava comigo tinha perguntado sobre aquilo, então imaginei que você poderia fazer o que quisesse em sua vida privada se a coisa o deixava tão machucado e ainda assim ninguém queria saber os detalhes.

Ao mesmo tempo eu tinha visto um programa de TV do Bill Moyers a respeito de como as gangues de rua eram formadas por jovens criados sem os pais, apenas tentando ajudar uns aos outros para que virassem homens. Eles criavam ordens e desafios. Impunham regras e disciplina. Ações eram premiadas. Todas as coisas que um treinador ou sargento faria.

E ao mesmo tempo as livrarias estavam cheias de livros como *O clube da felicidade e da Sorte*, *Divinos segredos da irmandade YA-YA* e *Colcha de retalhos*. Eram todos livros que apresentavam um modelo social para mulheres se reunirem. Sentarem-se juntas e dividirem suas histórias. Dividirem a vida. Mas não havia um livro apresentando um novo modelo social para os homens dividirem a vida.

Ele teria que dar aos homens uma estrutura, papéis, as regras de um jogo (ou uma tarefa), mas não de um jeito muito sentimental e tocante. Tinha que ser um modelo de um novo jeito de se reunir e estar junto. Poderia ter sido o clube dos jogos de fazenda ou o clube do golfe e provavelmente teria vendido muito mais livros. Algo que não fosse tão ameaçador.

Mas naquela tarde que passava tão devagar, escrevi uma história de sete páginas chamada *Clube da luta*. Foi a primeira história que vendi. Uma antologia chamada *The pursuit of happiness*, publicada pela Blue Heron Press, comprada por cinquenta dólares. Na primeira edição, os editores Dennis e Limni Stovall publicaram o título errado na lombada e o custo da reimpressão levou sua pequena editora à falência. Hoje eles venderam todas as cópias. As impressas certas e as erradas. Em geral para pessoas procurando aquela história curta original que acabou se tornando o capítulo seis do livro *Clube da luta*.

Eram apenas sete páginas porque meu professor de redação, Tom Spanbauer, tinha brincado dizendo que sete páginas era o tamanho perfeito de uma história curta.

Para transformar a história curta em um livro, acrecentei cada história que meus amigos puderam me contar. Cada festa a que eu ia me dava mais material para usar. Tem aquela do Mike colocando quadros de pornografia em filmes familiares. Tem a do Geoff mijando em sopas quando trabalhava de garçom em um bufê. Uma vez um amigo se disse preocupado, dizendo que as pessoas poderiam fazer igual àquelas histórias, e eu insisti que éramos apenas zé-ninguêns morando no Oregon e que tinham estudado em escolas públicas. Não havia nada que pudéssemos imaginar que um milhão de pessoas já não tivessem feito.

Anos depois, em Londres, um jovem me chamou de lado antes de um evento de livros. Ele era garçom em um restaurante top de Londres e tinha adorado o jeito que eu havia descrito os garçons que estragavam as comidas. Bem antes de ler meu livro ele e outros atendentes zoavam as comidas que serviam para celebridades.

Quando pedi que ele me dissesse o nome de uma celebridade ele fez que não com a cabeça. Não podia se arriscar a dizer.

Quando me recusei a autografar seu livro, ele chegou mais perto e sussurrou:

– A Margaret Thatcher comeu a minha porra.

Ele levantou uma das mãos com os dedos abertos e continuou:

– Pelo menos cinco vezes...

No workshop onde comecei a escrever ficção você tinha que ler o seu trabalho em público. Na maioria das vezes você fazia isso em um bar ou um café, onde competia com o barulho da máquina de espresso. Ou com o jogo de futebol americano na TV. Música e bêbados conversando. Contra todo esse barulho e distrações, apenas as histórias mais chocantes, físicas, sombrias e engraçadas eram ouvidas. Nossa audiência teste jamais ficaria sentada e em silêncio para ouvir O clube do golfe.

Na verdade o que eu estava escrevendo era apenas *O grande Gatsby*, mas atualizando um pouco. Era uma ficção “apostólica”, em que o apóstolo sobrevivente conta a história do seu herói. Há dois homens e uma mulher. E um homem, o herói, leva um tiro e morre.

Era um romance clássico e antigo, mas atualizado para competir com a máquina de espresso e a ESPN.

Levei três meses para escrever o primeiro esboço e o livro foi vendido para W.W. Norton em três dias. E por um adiantamento tão pequeno que nunca conto a ninguém. Ninguém mesmo. Foi por seis mil dólares. Outros autores me dizem que isso se chama “Dinheiro sai andando”. É um adiantamento tão baixo que o autor deve se sentir insultado e ir embora. Isso livra a cara do editor sem ofender nenhum funcionário que quisesse comprar o livro.

Ainda assim eram seis mil dólares. Aquilo pagava um ano de aluguel para mim. Então aceitei. E em agosto de 2006 saiu o livro em capa dura. E uma turnê por três cidades, Seattle, Portland e São

Francisco, onde não mais do que três pessoas apareceram para a leitura do livro. As vendas nem cobriam o que eu bebi no frigobar dos hotéis.

Um resenhista disse que o livro era de ficção científica. Outro disse que era uma sátira ao Movimento Iron Jon (um conto dos Irmãos Grimm virou base de análise dos homens). Outro disse que era uma sátira da cultura do colarinho-branco. Uns disseram que era de terror. Ninguém disse que era um romance.

Em Berkeley um entrevistador de rádio me perguntou:

– Tendo escrito esse livro o que você pode nos dizer da posição da mulher norte-americana no mundo de hoje?

Em Los Angeles um professor de faculdade falando a *National Public Radio* disse que o livro era um fracasso porque não abordava o tema do racismo.

Em um avião para Portland um comissário de bordo se aproximou de mim e pediu para eu dizer a verdade a ele. Sua teoria era de que o livro não era sobre lutas. Ele insistia que era sobre gays assistindo uns aos outros transando em saunas públicas.

Eu respondi que sim, que se dane. E ele me deu bebidas grátis pelo resto do voo (nos voos dos Estados Unidos as bebidas alcoólicas são pagas).

Outros resenhistas odiaram. Ah, e disseram que era “sombrio demais”. “Violento demais.” “Estridente demais, agudo demais e dogmático.” Eles teriam amado o Clube do golfe.

Mesmo assim o livro ganhou o Pacific Northwest Booksellers Award e o Oregon Book Award de melhor livro em 1997. Um ano depois, no bar literário KGB, na baixa Manhattan, uma mulher se apresentou a mim. Ela era a presidente da mesa julgadora do prêmio do Oregon e disse que tivera de lutar com unhas e dentes para convencer os outros jurados. Deus a abençoe.

Um ano depois, no mesmo bar, outra mulher se apresentou a mim e disse que ela faria a animação por computador do pinguim para o filme *Clube da luta*.

E então vieram Brad Pitt, Edward Norton e Helena Bonham Carter.

Desde então milhares de pessoas escreveram, a maioria dizendo “obrigado”. Por escrever algo que fez o filho deles ler de novo. Ou o marido. Ou seus estudantes. Outras pessoas escreviam cartas, um pouco bravas, dizendo que elas tinham inventado a ideia dos clubes da luta. Em acampamentos militares. Ou campos de trabalho na era da Depressão. Eles ficavam bêbados e pediam um ao outro: “Me acerte. O mais forte que puder...”.

Os clubes da luta sempre existiram, eles diziam. E sempre existirão os clubes da luta.

Os garçons continuarão mijando na sopa. As pessoas continuarão se apaixonando.

Agora, sete livros depois, os homens continuam me perguntando onde podem encontrar um clube da luta na região onde moram.

E as mulheres ainda perguntam se há um clube onde elas possam lutar umas com as outras.

Agora, esta é a primeira regra do clube da luta: *Não há nada que um zé-ninguém do Oregon com uma educação de escola pública possa imaginar que um bilhão de pessoas já não tenham feito...*

Nas montanhas da Bolívia, um lugar onde o livro ainda precisa ser publicado, a milhares de quilômetros de distância do caubói bêbado e seu Tour do Túnel Assombrado, todo ano, as pessoas mais pobres se reúnem em vilas no alto dos Andes para celebrar o festival de “Tinku”.

Lá, os homens do campo arrebentam uns aos outros na porrada. Bêbados e ensanguentados, eles socam uns aos outros apenas com os punhos e cantam: “Nós somos homens. Nós somos homens. Nós somos homens...”.

Os homens lutam com os homens. Às vezes as mulheres lutam umas com as outras. Eles lutam do mesmo jeito que têm feito há séculos. No mundo deles, com pouco dinheiro, posses e nenhuma educação ou oportunidade, a coisa que eles mais esperam o ano todo é o festival.

Então, quando estão exaustos, os homens e as mulheres vão para a igreja.

E se casam.

Estar cansado não é o mesmo que ser rico, mas na maior parte do tempo é quase a mesma coisa.

# **Índice**

[CAPA](#)

[Ficha Técnica](#)

[Para Carol Meader,](#)  
[AGRADECIMENTOS](#)

[um](#)

[dois](#)

[três](#)

[quatro](#)

[cinco](#)

[seis](#)

[sete](#)

[oito](#)

[nove](#)

[dez](#)

[onze](#)

[doze](#)

[treze](#)

[quatorze](#)

[quinze](#)

[dezesseis](#)

[dezessete](#)

[dezoito](#)

[dezanove](#)

[vinte](#)

[vinte e um](#)

[vinte e dois](#)

[vinte e três](#)

[vinte e quatro](#)

[vinte e cinco](#)

[vinte e seis](#)

[vinte e sete](#)

[vinte e oito](#)

[vinte e nove](#)

[trinta](#)

[POSFÁCIO](#)